

EMILY ST. JOHN MANDEL

AUTORA BESTSELLER DE ESTAÇÃO ONZE E O HOTEL DE VIDRO

MAR DA TRANQUILIDADE

UM DOS LIVROS MAIS AGUARDADOS DO ANO

TIME | LIT HUB | FORTUNE | GLAMOUR | BLOOMBERG | VULTURE

 EDITORIAL PRESENÇA



EMILY ST. JOHN MANDEL

AUTORA BESTSELLER DE ESTAÇÃO ONZE E O HOTEL DE VIDRO

MAR DA TRANQUILIDADE

UM DOS LIVROS MAIS AGUARDADOS DO ANO

TIME | LIT HUB | FORTUNE | GLAMOUR | BLOOMBERG | VULTURE

 EDITORIAL PRESENÇA

MAR
DA TRANQUILIDADE

EMILY ST. JOHN MANDEL

MAR
DA TRANQUILIDADE

TRADUÇÃO DE MARTA MENDONÇA

 **EDITORIAL PRESENÇA**

FICHA TÉCNICA

Título original: *Sea of Tranquility*

Autora: *Emily St. John Mandel*

Copyright © 2022 by Emily St. John Mandel

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2022

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Inês Guerreiro/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, julho, 2022

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para Cassia e Kevin



REMESSA /
1912

Edwin St. John St. Andrew, dezoito anos, carregando o peso dos seus dois nomes de santo Atlântico afora, a bordo de um navio a vapor, os olhos semicerrados por causa do vento no convés superior: está agarrado à amurada com mãos enluvadas, impaciente por um vislumbre do desconhecido, tentando distinguir algo — qualquer coisa! — além de mar e céu, mas apenas vê tons de um cinzento infindável. Está a caminho de um mundo diferente. Encontra-se mais ou menos a meia distância entre a Inglaterra e o Canadá. «Fui enviado para o exílio», diz a si mesmo, e sabe que está a ser melodramático, mas, seja como for, há um toque de verdade nisso.

Os antepassados de Edwin incluem Guilherme, *o Conquistador*. Quando o avô de Edwin morrer, o seu pai tornar-se-á conde, e Edwin frequentou duas das melhores escolas no país. Contudo, nunca houve grande futuro para ele em Inglaterra. Existem muito poucas profissões que um cavalheiro possa adotar, e nenhuma interessa a Edwin. A propriedade da família está destinada ao seu irmão mais velho, Gilbert, pelo que ele não herdará nada. (O irmão do meio, Niall, já se encontra na Austrália.) Edwin podia ter-se deixado ficar em Inglaterra mais algum tempo, mas guarda dentro de si opiniões radicais que vieram inesperadamente ao de cima durante um jantar, precipitando assim o seu destino.

Num acesso de otimismo desvairado, Edwin regista-se como «agricultor» na lista de passageiros. Mais tarde, durante um momento de contemplação no convés, ocorre-lhe que nunca pegou numa pá.

Em Halifax, encontra alojamento nas imediações do porto, uma hospedaria onde consegue um quarto de canto no segundo andar, com vista para o ancoradouro. Nessa primeira manhã, acorda perante um cenário maravilhosamente animado do lado exterior da janela. Há um navio mercante enorme atracado no ancoradouro, e ele está suficientemente perto para ouvir os palavrões joviais dos homens que descarregam barris e sacas e caixotes. Passa a maior parte dessa primeira manhã a espreitar à janela, como um gato. Planeava partir de imediato rumo a oeste, mas é tão fácil demorar-se em Halifax, onde fica refém de uma fraqueza pessoal que toda a vida conheceu: Edwin é capaz de ação, mas tem tendência para a inércia. Gosta de estar sentado à janela. Há um movimento constante de pessoas e embarcações. Não quer partir, por isso deixa-se ficar.

— Oh, acho que estou só a tentar perceber o que fazer a seguir — responde à proprietária, quando ela o questiona com delicadeza. O nome dela é Sra. Donnelly. É da Terra Nova. A pronúncia dela confunde-o. Soa como se fosse ao mesmo tempo de Bristol e da Irlanda, mas, às vezes, também ouve a Escócia. Os quartos são asseados, e ela é uma excelente cozinheira.

Ondas de marinheiros passam diante da janela dele. Raramente erguem o olhar. Gosta de os observar, mas não se atreve a fazer qualquer movimento na sua direção. Além disso, têm-se uns aos outros. Quando ébrios, caminham abraçados, e ele sente uma inveja profunda.

(Seria capaz de se fazer ao mar? Claro que não. Desvaloriza a ideia assim que esta lhe assoma à mente. Em tempos, ouviu falar de um emigrante que se reinventou como marinheiro, mas Edwin é um homem de lazer, da cabeça aos pés.)

Adora observar as embarcações que chegam, navios a vapor atracando no ancoradouro com a aura da Europa ainda agarrada aos conveses.

Todas as manhãs dá um passeio a pé, e à tarde também. Desce até ao porto, continua em direção a zonas residenciais tranquilas e entra e sai das pequenas lojas sob os toldos riscados na Barrington Street. Gosta de andar no elétrico até ao fim da linha e depois faz o trajeto de volta, vendo as casas pequenas dar lugar às casas maiores e aos edifícios comerciais da baixa. Gosta de comprar coisas de que não necessita especialmente: um pão, um ou dois postais, um ramo de flores. Essa podia ser a sua vida, dá por si a pensar. Podia ser tão simples quanto isso. Sem família, sem emprego, apenas meia-dúzia de prazeres simples e lençóis lavados nos quais se deitar no final do dia, uma mesada regular da família. Uma vida de solidão podia ser muito agradável.

Começa a comprar flores com frequência, que coloca em cima da cómoda, dentro de uma jarra barata. Passa muito tempo a contemplá-las. Lamenta não ser artista para as desenhar e, desse modo, as ver com maior clareza.

Conseguiria aprender a desenhar? Tem tempo e dinheiro. É uma ideia tão boa como qualquer outra. Informa-se junto da Sra. Donnelly, que por sua vez se informa com uma amiga, e, pouco tempo depois, Edwin encontra-se na sala de uma mulher com formação em pintura. Passa horas tranquilas a desenhar flores e jarras, a aprender os fundamentos do sombreado e da proporção. A mulher chama-se Laetitia Russell. Usa aliança, mas o paradeiro do marido é pouco claro. Mora numa casa de madeira muito arrumada, com três filhos e uma irmã viúva, uma acompanhante discreta que tricota intermináveis cachecóis num canto da sala, e, durante o resto da sua vida, Edwin passa a associar o ato de desenhar ao clique de agulhas de tricô.

Está a morar na hospedaria há seis meses quando Reginald chega. Reginald, percebe logo, não é dado à inércia. Reginald tem planos imediatos para seguir rumo a oeste. É dois anos mais velho do que Edwin, antigo aluno de Eton, tal como ele, terceiro filho de um visconde e tem os olhos muito belos, num tom azul-acinzentado intenso. À semelhança de Edwin, os planos dele passam por se estabelecer como fazendeiro, mas, ao contrário de Edwin, já deu alguns passos no sentido de os concretizar, mantendo uma troca de correspondência com um homem que tenciona vender uma quinta em Saskatchewan.

— Seis meses — repete Reginald ao pequeno-almoço, com uma expressão incrédula. Por instantes, para de barrar doce na torrada, como se não tivesse a certeza se teria ouvido corretamente. — Seis meses? Seis meses *aqui*.

— Sim — replica Edwin, num tom descontraído. — Seis agradáveis meses, devo acrescentar. — Tenta captar a atenção da Sra. Donnelly, mas ela está concentrada em servir o chá. Sabe que ela acha que ele é ligeiramente desequilibrado.

— Interessante. — Reginald espalha doce na torrada. — Não me diga que está com esperança de ser chamado de volta para a sua terra? Aqui especado, à beirinha do Atlântico, o mais perto possível do chamamento da pátria?

O comentário magoa-o um pouco, por isso, na semana seguinte, quando Reginald parte rumo a oeste, Edwin aceita o convite para lhe fazer companhia. Há um certo prazer na ação, admite, assim que o comboio abandona a estação. Viajam em primeira classe num encantador comboio que inclui a bordo um posto de correios e uma barbearia, onde Edwin escreve um postal para Gilbert e desfruta de um barbeado a quente e de um corte de cabelo, enquanto observa as florestas, os lagos e as pequenas cidades passar a toda a velocidade nas janelas. Quando o comboio para em Otava, não desembarca, permanecendo a bordo a desenhar um esboço da estação.

As florestas, lagos e pequenas cidades dão lugar a planícies. A princípio, as pradarias são interessantes, depois entediantes e por fim inquietantes. O problema é serem demasiadas. A escala está errada. O comboio avança, qual milípede, sobre um relvado sem fim. Vê o horizonte de uma ponta a outra. Sente-se demasiado exposto.

— Isto, sim, é vida — exclama Reginald, quando chegam por fim, parado à entrada da sua nova fazenda. O terreno situa-se nos arredores de Prince Albert. Trata-se de um mar de lama. Reginald comprou-o, sem o ter visto, a um inglês desconsolado, na casa dos vinte e muitos anos (mais um emigrante britânico, imagina Edwin), que não conseguiu fazer nada dele e por isso regressou a leste, para aceitar um emprego de escritório em Otava. Edwin apercebe-se de que Reginald tem o cuidado de não pensar muito nesse homem.

Será possível uma casa estar assombrada pelo fracasso? Quando Edwin transpõe a entrada da casa da fazenda, sente-se de imediato pouco à vontade, pelo que se deixa ficar no alpendre da frente. É uma casa de construção sólida — o antigo proprietário fora, em tempos, um homem bem financiado —, no entanto, o espaço em si transmite infelicidade de uma maneira que Edwin não

consegue explicar.

— Há... imenso céu por aqui, não é verdade? — atreve-se Edwin a perguntar. E imensa lama. Uma quantidade impressionante de lama. Esta cintila sob o sol, estendendo-se até perder de vista.

— Só espaço a céu aberto e ar fresco — replica Reginald, contemplando o horizonte terrivelmente monótono. Edwin vislumbra outra habitação, ao longe, meio desfocada pela distância. O céu exhibe um azul agressivo. Nessa noite, jantam ovos mexidos com manteiga (a única coisa que Reginald sabe cozinhar) e porco salgado. Reginald parece preocupado.

— Penso que será um trabalho árduo, a agricultura — diz, ao fim de uns minutos. — Fisicamente exigente.

— Penso que sim. — Quando Edwin se imagina no mundo novo, visualiza-se sempre na sua própria quinta (uma paisagem verdejante de, enfim, uma colheita não especificada, bem cuidada, mas também imensa), mas, na verdade, nunca pensou muito no que implica o trabalho agrícola. Cuidar de cavalos, calcular. Fazer um pouco de jardinagem. Lavrar uns campos. Mas e depois? O que se faz com os terrenos, depois de lavrados? Lavram-se para quê?

Sente-se cambalear à beira de um precipício.

— Reginald, meu velho amigo — começa por dizer —, o que é preciso fazer para se conseguir beber alguma coisa nesta casa?

— *Colhe-se* — diz Edwin para si mesmo, ao terceiro copo. — É essa a palavra. Lavram-se os terrenos, semeiam-se coisas nos terrenos e depois colhe-se. — Bebe um trago.

— Colhe-se o quê? — Reginald tem uns modos agradáveis quando está embriagado, como se nada o pudesse ofender. Tem estado recostado na cadeira, sorrindo para o ar vazio.

— Pois, a questão é mesmo essa, não é? — replica Edwin, servindo-se de mais uma bebida.

Após um mês de bebida, Edwin deixa Reginald na sua nova quinta e parte rumo a ocidente, para se encontrar com Thomas, o colega de escola do seu irmão Niall, que entrou no continente pela cidade de Nova Iorque e de imediato se dirigiu para oeste. A viagem de comboio que atravessa as Montanhas Rochosas deixa Edwin sem fôlego. Encosta a testa ao vidro, como uma criança, literalmente boquiaberto. A beleza é avassaladora. É possível que tenha exagerado na bebida, enquanto esteve em Saskatchewan. Decide ser melhor pessoa na Colúmbia Britânica. A luz solar fere-lhe os olhos.

Depois de tanto esplendor selvagem, Victoria é uma mudança brusca, com as suas ruas organizadas e bonitas. Há ingleses por toda a parte; desce do comboio e é envolvido pelas pronúncias da sua terra. Talvez fique aí algum tempo, pensa.

Edwin encontra Thomas num pequeno e aseado hotel no centro da cidade, onde aquele arrendou o melhor quarto, e pedem chá e *scones* no restaurante no andar de baixo. Não se veem há três ou quatro anos, mas Thomas pouco mudou. Possui a mesma compleição rosada desde a infância, a ideia perpétua de que acabou de chegar do campo de rãguebi. Está a tentar tornar-se membro da comunidade empresarial de Victoria, mas é vago no que diz respeito ao tipo de negócio a que se pretende dedicar.

— E como está o teu irmão? — pergunta ele, mudando de assunto. Refere-se a Niall.

— A fazer-se à vida na Austrália — responde-lhe Edwin. — Parece estar feliz, a julgar pelas suas cartas.

— Bem, isso é mais do que a maioria das pessoas pode afirmar — replica Thomas. — A felicidade não é coisa pouca. O que é que ele faz lá?

— Gasta o dinheiro da remessa em bebida, imagino eu — diz Edwin, o que é pouco elegante da sua parte, mas provavelmente corresponde à verdade.

Estão sentados a uma mesa junto à janela, e o olhar dele desvia-se frequentemente para a rua, para as montras e — visível na distância — para a natureza selvagem e impenetrável, árvores que se erguem, altas e escuras, a toda a volta da periferia. Há um certo absurdo na ideia de que a natureza selvagem

pertence à Grã-Bretanha, mas apressa-se a afastar tal pensamento, pois lembre o seu último jantar festivo em Inglaterra.

O último jantar festivo iniciou-se sem percalços, mas os problemas começaram assim que a conversa se virou, como sempre acontecia, para o esplendor inimaginável do Raj Britânico. Os pais de Edwin tinham nascido na Índia, eram filhos do Raj, crianças inglesas criadas por amas-secas indianas — «Se ouço mais uma palavra que seja sobre o raio da aia dela», murmurou certa vez Gilbert, o irmão de Edwin, sem chegar a terminar a frase —, tinham crescido com histórias sobre uma Grã-Bretanha nunca vista e que, desconfiava Edwin, fora algo decepcionante quando lhe puseram os olhos em cima pela primeira vez, por volta dos seus vinte e poucos anos («Chove mais do que estava à espera», foi tudo o que o pai de Edwin disse sobre o assunto).

Havia outra família presente nesse último jantar festivo, os Barretts, com um perfil semelhante: John Barrett fora capitão de fragata na Marinha Real Britânica, e Clara, a esposa, também passara os seus primeiros anos de vida na Índia. O filho mais velho, Andrew, estava com eles. Os Barretts sabiam que a Índia Britânica era um desvio inevitável em qualquer serão passado na companhia da mãe de Edwin e, como velhos amigos que eram, sabiam que, assim que Abigail despachasse o assunto do Raj Britânico, a conversa poderia prosseguir o seu rumo normal.

— Sabem, muitas vezes dou por mim a pensar na beleza da Índia Britânica — comentou a mãe dele. — As cores eram impressionantes.

— Mas o calor era opressivo — respondeu o pai de Edwin. — Foi uma das coisas de que não senti falta nenhuma, quando voltámos para cá.

— Oh, nunca o achei *tão* opressivo quanto isso. — A mãe de Edwin tinha um ar distante que Edwin e os irmãos diziam ser «a sua expressão Índia Britânica». Percebia-se que já não estava ali, encontrando-se, em vez disso, a passear em cima de um elefante ou a caminhar num jardim de viçosas flores tropicais ou a comer sandes de pepino servidas pelo raio da sua aia ou algo do género.

— Os nativos também não — disse Gilbert, calmamente —, mas é um tipo de clima que não é para toda a gente.

O que teria inspirado Edwin a falar nesse momento? Anos mais tarde, deu por

si a matutar sobre o assunto, em plena guerra, no terror e tédio terminais das trincheiras. Às vezes só sabemos que vamos lançar uma granada depois de termos arrancado a cavilha.

— Tudo indica que se sentem muito mais oprimidos pelos britânicos do que pelo calor — replicou Edwin. Olhou de relance para o pai, mas este parecia ter ficado paralisado, o copo a meio caminho entre a mesa e os lábios dele.

— O que queres dizer com isso, meu querido? — perguntou-lhe a mãe.

— Eles não nos querem lá — respondeu Edwin. Olhou em torno da mesa, para os rostos mudos e atónitos. — Não me parece que haja grande ambiguidade quanto a isso. — Com espanto, constatou que a sua própria voz lhe soava como se fosse outra pessoa a falar. Gilbert estava literalmente boquiaberto.

— Meu rapaz — disse-lhe o pai —, nós levámos a civilização a essa gente...

— E, no entanto, é impossível não reparar que, em geral, parecem preferir a deles — respondeu Edwin. — A sua própria civilização, quero eu dizer. Saíram-se muito bem sem nós durante algum tempo, não é verdade? Vários milhares de anos, não foi? — Era como estar amarrado ao tejadilho de um comboio sem travões! Na verdade, ele sabia muito pouco sobre a Índia, mas lembrava-se de, em criança, se ter sentido chocado com relatos sobre a revolta de 1857. — Será que *alguém* nos quer *seja onde for*? — ouviu-se dizer. — Por que razão partimos do princípio de que esses lugares longínquos nos pertencem?

— Porque os *derrotámos*, Eddie — replicou Gilbert, após um breve silêncio. — O mais certo é os nativos de Inglaterra não terem ficado propriamente encantados com a chegada do nosso vigésimo quarto bisavô, mas, enfim, a história pertence aos vitoriosos.

— Guilherme, o *Conquistador*, existiu há mil anos, Bert. Com certeza podemos esforçar-nos para sermos um pouco mais civilizados do que o neto demente de um salteador viquingue.

Então Edwin calou-se. Toda a gente sentada à mesa estava a fitá-lo.

— O neto demente de um salteador viquingue... — repetiu Gilbert, em voz baixa.

— Embora devêssemos dar graças por sermos uma nação cristã — disse Edwin. — *Imaginem* o banho de sangue que as colónias seriam se não o fôssemos.

— É ateu, Edwin? — perguntou-lhe Andrew Barrett, com um interesse genuíno.

— Não sei muito bem o que sou — retorquiu Edwin.

O silêncio que se seguiu foi talvez o mais excruciante da vida de Edwin, mas então o seu pai começou a falar, num tom de voz muito baixo. Sempre que o pai de Edwin estava furioso, recorria ao truque de começar com uma meia frase, para captar a atenção de todos.

— Todos os proveitos que alguma vez tiveste nesta vida — disse o pai dele. Todos os olhos se viraram na sua direção. Recomeçou, à sua maneira típica, somente num tom um pouco mais elevado e com uma calma absoluta: — Todos os proveitos que alguma vez tiveste nesta vida, Edwin, vieram, de uma maneira ou outra, do facto de seres descendente de, como tão eloquentemente puseste, *o neto demente de um salteador viquingue*.

— Claro que sim — replicou Edwin. — Podia ser muito pior. — Ergueu o copo no ar. — A Guilherme, *o Bastardo*.

Gilbert deu uma risada nervosa. Mais ninguém se manifestou.

— Peço imensa desculpa — disse o pai de Edwin, dirigindo-se aos convidados. — É normal que se confunda o meu filho com um homem crescido, mas, pelos vistos, continua a ser uma criança. Vai para o teu quarto, Edwin. Já ouvimos que chegue por esta noite.

Edwin levantou-se da mesa, com grande formalidade, e disse:

— Boa noite a todos. — Foi à cozinha pedir que lhe levassem uma sandes ao quarto e depois retirou-se, para aguardar a sua sentença. Esta chegou antes da meia-noite, com uma batida na porta.

— Entre — disse. Estivera parado junto à janela, observando com irritação os movimentos de uma árvore ao vento.

Gilbert entrou no quarto, fechou a porta atrás de si e sentou-se na velha poltrona manchada que era um dos pertences mais adorados de Edwin.

— Que belo espetáculo, Eddie.

— Não sei o que tinha na cabeça — respondeu Edwin. — Aliás, não, não é verdade. Sei, sim. Tenho a certeza absoluta de que não tinha nada. A minha cabeça estava uma espécie de vácuo.

— Não te sentes bem?

— De modo algum. Nunca me senti tão bem.

— Deve ter sido empolgante — disse Gilbert.

— Foi, sim. Não posso dizer que me arrependa.

Gilbert sorriu.

— Vais para o Canadá — disse, num tom calmo. — O pai está a tratar de

tudo.

— Foi sempre essa a ideia — replicou Edwin. — Está previsto acontecer para o ano.

— Só que agora vais um pouco mais cedo.

— Como assim, Bert?

— Para a semana.

Edwin acenou com a cabeça. Sentiu uma pequena tontura. Dera-se uma ligeira mudança no ambiente do quarto. Iria partir rumo a um mundo desconhecido, e o quarto já começava a ficar para trás.

— Bem — disse Edwin, ao fim de uns instantes —, pelo menos não estarei no mesmo continente que o Niall.

— Lá estás tu outra vez — comentou Gilbert. Agora dizes tudo o que te vem à cabeça?

— Recomendo-to.

— Nem todos podemos ser tão negligentes, sabes. Há quem tenha responsabilidades.

— Um título e uma propriedade para herdar, queres tu dizer — retorquiu Edwin. — Que destino terrível o teu. Quero ver se não me esqueço de chorar por ti. Irei receber a mesma remessa que o Niall?

— Um pouco mais. A do Niall destina-se apenas a sustentá-lo. A tua tem condições.

— Conta-me.

— Não poderás regressar a Inglaterra por uns tempos — explicou-lhe Gilbert.

— O exílio — respondeu Edwin.

— Oh, não sejas melodramático. Tu próprio disseste que já estava combinado ires para o Canadá.

— Mas quanto tempo é «uns tempos»? — Edwin desviara o olhar da janela para encarar o irmão. — Estava a contar ir para o Canadá durante algum tempo, estabelecer-me lá de alguma maneira e, de vez em quando, vir a casa de visita. O que disse exatamente o pai?

— Lamento, mas a frase que me ficou na memória foi: «Diz-lhe para não voltar a pôr os pés em Inglaterra.»

— Bem, isso é... pouco ambíguo.

— Sabes como é o pai. E, claro, a mãe vai atrás de tudo o que ele diz. — Gilbert pôs-se de pé, detendo-se por instantes junto à porta. — Dá-lhes tempo,

Eddie. Duvido muito de que o teu exílio seja permanente. Eu vou falando com eles.

O problema de Victoria, aos olhos de Edwin, é parecer-se demasiado com Inglaterra, mas sem ser exatamente como Inglaterra. É uma simulação distante de Inglaterra, uma aguarela sobreposta, de forma pouco convincente, na paisagem. Na segunda noite de Edwin nessa cidade, Thomas leva-o ao Union Club. A princípio é aprazível, um cheirinho de casa, horas agradáveis passadas na companhia de uns tipos da sua terra natal e um uísque *single malte* verdadeiramente excepcional. Alguns dos homens mais velhos estão em Victoria há décadas, e Thomas procura a companhia deles. Não os larga, pede-lhes parecer, escuta-os com atenção, elogia-os. É embaraçoso de ver. É por demais evidente que Thomas espera mostrar-se um homem firme com quem talvez se queira fazer negócio, mas Edwin tem a perfeita noção de que os homens mais velhos estão apenas a ser cordiais. Não estão interessados em forasteiros, mesmo forasteiros que provenham do país certo, com os antepassados certos e a pronúncia certa e que tenham frequentado a escola certa. É uma sociedade fechada que somente aceita Thomas na sua periferia. Quanto tempo terá de ficar ali, às voltas no interior desse clube, até o aceitarem? Cinco anos? Dez? Um milénio?

Edwin vira as costas a Thomas e dirige-se para a janela. Estão no terceiro andar, com vista para o porto, e o que resta da luz do dia está a desaparecer no céu. Sente-se inquieto e pouco à vontade. Atrás de si, homens narram histórias sobre triunfos desportivos e viagens sem incidentes de barco a vapor à cidade de Quebeque, a Halifax e a Nova Iorque.

— Acredita se eu lhe disser — conta um recém-chegado a esse último porto, algures atrás dele — que a minha pobre mãe estava convencida de que Nova Iorque continuava a fazer parte da Commonwealth?

O tempo passa; a noite cai sobre o porto; Edwin volta para junto dos outros homens.

— Mas a triste verdade — diz um, em plena conversa sobre a importância de ser aventureiro — é que não há qualquer futuro para nós em Inglaterra, não é assim?

Um silêncio contemplativo instala-se no grupo. Esses homens são segundogénitos, todos eles. Estão mal preparados para uma vida de trabalho e não irão herdar nada. Para sua própria surpresa, Edwin ergue o copo no ar.

— Ao exílio — diz, bebendo em seguida. Ouvem-se murmúrios de desaprovação:

— Não chamaria propriamente *exílio* a isto... — comenta alguém.

— À construção de um novo futuro, meus senhores, numa terra nova e distante — diz Thomas, o eterno diplomata.

Mais tarde, Thomas encontra-o parado junto à janela.

— Sabes — diz-lhe —, tinha-me constado algo sobre um jantar festivo, mas acho que só agora é que começo a acreditar.

— Infelizmente os Barretts são uns más-línguas incorrigíveis.

— Acho que já estou saturado deste lugar — diz Thomas. — Pensava que poderia tentar a minha sorte aqui, mas, se é para deixar Inglaterra, é mesmo para deixar Inglaterra. — Então vira-se para Edwin. — Tenho andado a pensar em ir para norte.

— Quão para norte? — Edwin é assaltado por uma preocupante visão de iglus na tundra gelada.

— Não muito longe. Um pouco acima da ilha de Vancouver.

— Tens lá alguma coisa em vista?

— A empresa de madeiras do tio do meu amigo, em específico — responde Thomas. — Mas, no abstrato, a natureza selvagem. Não é por isso que estamos aqui? Para deixarmos uma marca na natureza selvagem?

*

E se, em vez disso, a pessoa desejasse desaparecer na natureza selvagem? Um pensamento estranho, ocorrido uma semana mais tarde, a bordo de um barco a vapor rumo a norte, subindo a irregular costa ocidental da ilha de Vancouver. Uma paisagem de praias pronunciadas e floresta, com montanhas erguendo-se mais atrás. Então, de repente, os rochedos dão lugar a um areal branco, o mais extenso que Edwin alguma vez viu. Vislumbra aldeias na margem, fumo ascendendo aos céus, postes de madeira com asas e rostos pintados — totens, lembra-se agora —, erguidos aqui e ali. Não os compreende, e por isso parecem-lhe ameaçadores. Ao fim de algum tempo, o areal branco chega ao fim, e a margem volta a exhibir rochas escarpadas e enseadas estreitas. De vez em

quando, avista uma canoa na distância. E se a pessoa se dissolvesse na natureza selvagem, como sal na água. Sente vontade de regressar a casa. Pela primeira vez, Edwin começa a temer pela sua sanidade mental.

Os passageiros a bordo: três homens chineses que vão trabalhar na fábrica de conservas; uma jovem de origem norueguesa, muito tensa, a caminho de se juntar ao marido; Thomas e Edwin; o comandante e dois tripulantes canadianos, todos acompanhados por barris e sacas com mantimentos. Os chineses conversam e riem-se na língua deles. A mulher norueguesa não sai da sua cabina, exceto à hora das refeições, e nunca sorri. O comandante e respetiva tripulação são cordiais, mas pouco interessados em conversar com Thomas e Edwin, pelo que estes passam a maior parte do tempo juntos no convés.

— O que aqueles tipos preguiçosos de Victoria não entendem — diz Thomas — é que toda esta terra está ao nosso dispor. — Edwin olha-o de relance e tem um vislumbre do futuro: uma vez que Thomas foi rejeitado pela comunidade empresarial de Victoria, passará o resto da vida a falar mal deles. — Estão refugiados na sua cidade deveras inglesa e, quero dizer, percebo o encanto disso, mas temos aqui uma oportunidade. Podemos criar o nosso próprio mundo neste lugar. — Continua a discursar sobre o Império e as oportunidades, enquanto Edwin contempla a água. As angras, enseadas e ilhéus situam-se a estibordo, e adiante ergue-se a imensidão da ilha de Vancouver, as suas florestas estendendo-se às montanhas, cujos cumes se perdem no meio das nuvens baixas. Do lado do porto, onde eles se encontram, o oceano estende-se ininterruptamente até à região costeira do Japão, calcula Edwin. É acometido pela mesma sensação de sobreexposição que experimentara nas pradarias. É um alívio quando, por fim, o barco vira lentamente para a direita e começa a subir um pequeno braço de mar.

Ao anoitecer, chegam à povoação de Caiette. Não há muito para fazer: um cais, uma pequena igreja branca, sete ou oito casas, uma estrada rudimentar que conduz à fábrica de conservas e ao acampamento madeireiro. Edwin encontra-se parado junto ao cais, com a mala que trouxe no barco a vapor pousada ao seu lado, sentindo-se completamente desorientado. Este lugar é precário, é a única palavra que lhe vem à mente. É um esboço de civilização, entalado entre a floresta e o mar. Ele não pertence ali.

— Aquele edifício maior é uma estalagem — informa-o o comandante, com amabilidade —, caso queira deixar-se ficar por aqui uns tempos, para se ir

orientando.

É inquietante perceber que a sua desorientação é tão evidente. Thomas e Edwin sobem a colina que leva à estalagem e reservam quartos no andar de cima. Na manhã seguinte, Thomas parte em direção ao acampamento madeireiro, e, de imediato, Edwin reverte ao mesmo estado de entorpecimento que o acometera em Halifax. Não é propriamente apatia. Faz um inventário cauteloso dos seus pensamentos e decide que não se sente infeliz. Apenas não pretende levar a cabo quaisquer movimentos, para já. Se é verdade que há prazer na ação, também há paz na quietude. Passa os dias a caminhar na praia, a desenhar, a admirar o mar do alpendre, a ler, a jogar xadrez com outros hóspedes. Ao fim de uma ou duas semanas, Thomas desiste de o tentar persuadir a ir para o acampamento madeireiro.

*

A beleza daquele lugar. Ewin gosta de se sentar na praia, somente a contemplar as ilhas, pequenos amontoados de árvores erguendo-se da água. De vez em quando, passa uma canoa, em missões desconhecidas, e os homens e as mulheres nas embarcações umas vezes ignoram-no e outras vezes olham-no fixamente. Embarcações maiores surgem a intervalos regulares, trazendo homens e provisões da fábrica de conservas e do acampamento. Alguns sabem jogar xadrez, que é um dos grandes prazeres de Edwin. Nunca foi um grande jogador de xadrez, mas agrada-lhe a sensação de ordem que o jogo lhe transmite.

— O que faz aqui? — perguntam-lhe, às vezes.

— Oh, acho que estou só a pensar na minha próxima jogada — responde sempre ou com outras palavras com o mesmo sentido. Tem a sensação de estar à espera de algo. Mas de quê?

Numa manhã de sol, em setembro, anda a passear quando se cruza com duas mulheres indígenas às gargalhadas na praia. Irmãs? Amigas próximas? Conversam numa língua rápida, diferente de tudo o que já ouviu, uma língua pontuada por sons que duvida que fosse capaz de reproduzir, quanto mais traduzir para o alfabeto romano. O cabelo delas é escuro e comprido, e, quando uma vira o rosto, a luz reflete-se num enorme par de brincos feitos com conchas. As mulheres estão embrulhadas em mantas, por causa do vento frio.

Calam-se e ficam a vê-lo aproximar-se.

— Bom dia — cumprimenta-as ele, levando a mão à aba do chapéu.

— Bom dia — responde uma delas. A sua pronúncia possui uma bonita melodia. Os brincos contêm todas as cores do céu ao alvorecer. A amiga dela, cujo rosto revela uma série de cicatrizes de bexigas, limita-se a olhar para ele sem dizer uma palavra. Não é muito diferente da experiência de Edwin no Canadá — quando muito, reflete, ficaria chocado se ao fim de seis meses no Mundo Novo de repente conseguisse cativar os habitantes locais —, mas o desinteresse puro no olhar das mulheres incomoda-o. Este é um momento em que poderia expressar a sua opinião sobre a colonização a pessoas que se encontram do outro lado da equação, por assim dizer, mas não lhe ocorre nada que não soe absurdo nessas circunstâncias — se lhes disser que acredita que a colonização é abominável, a lógica impõe que a pergunta seguinte seja *Então o que está aqui a fazer?*, pelo que não diz nada, e depois elas ficam para trás, tendo-se perdido o momento.

Continua a andar e, então, ao fim de uma certa distância, ainda sentindo os olhares delas nas costas e querendo dar a ideia de estar a caminho de uma incumbência importante qualquer, vira na direção do aglomerado de árvores. Nunca entra na floresta, pois tem medo de ursos e pumas, mas agora esta parece-lhe ter um encanto estranho. Avançará cem passos, decide, não mais do que isso. A contagem dos cem passos talvez o acalme — contar sempre o acalmou —, e, se caminhar a direito durante os cem passos, com certeza não se perderá. Perder-se seria sinónimo de morte, sabe-o. Não, todo este lugar é

sinónimo de morte. Não, é injusto — este lugar não é morte, este lugar é indiferença. Este lugar é absolutamente neutro no que diz respeito ao facto de ele viver ou morrer; não se interessa pelo apelido dele ou pela escola que frequentou; nem sequer reparou nele. Sente-se algo transtornado.

Os portões da floresta. A frase assoma-lhe de imediato à mente, mas Edwin não tem a certeza de onde a conhece. Soa-lhe a algo de um livro que talvez tenha lido em criança. Aqui as árvores são antigas e enormes. É como entrar numa catedral, com a diferença de que a vegetação rasteira é tão densa que avança a custo. Ao fim de alguns passos, detém-se. Vislumbra um ácer adiante, tão grande que criou a sua própria clareira, e parece-lhe ser um destino agradável — avançará até ao ácer, decide, sairá da vegetação rasteira, demorar-se-á uns instantes e depois regressará à praia sem demora e jamais voltará a entrar na floresta. É uma aventura, diz para si mesmo, mas não o sente como uma aventura. O que sente são bofetadas de ramos de espinheiro na cara.

Avança, a custo, até ao ácer. O silêncio impera aí, e ele tem a certeza súbita de que está a ser vigiado. Vira-se para trás e vê, tão incongruente como uma aparição, um padre parado a pouco mais de dez metros de distância. É mais velho do que Edwin, talvez na casa dos trinta e poucos, e usa o cabelo preto muito curto.

— Bom dia — cumprimenta Edwin.

— Bom dia — replica o padre — e peço desculpa, não era minha intenção assustá-lo. Gosto de passear por aqui, de vez em quando. — Algo na pronúncia dele escapa a Edwin; não é exatamente britânico, mas também não é outra coisa. Pergunta-se se o homem será proveniente da Terra Nova, como a sua antiga senhoria em Halifax.

— É realmente um local tranquilo — comenta Edwin.

— Muito mesmo. Não quero perturbar a sua meditação, estou de regresso à igreja. Talvez queira passar por lá, mais tarde.

— A igreja em Caiette? Mas não é o padre habitual.

— Chamo-me Roberts. Estou a substituir o padre Pike.

— Edwin St. Andrew. Prazer em conhecê-lo.

— Igualmente. Tenha um bom dia.

O padre parece tão habituado a caminhar pela vegetação rasteira como Edwin. Desaparece no meio das árvores, e, no espaço de minutos, Edwin fica novamente

sozinho, a contemplar os ramos por cima de si. Dá um passo em frente...

...e entra num rasgo de escuridão, qual cegueira súbita ou eclipse. Tem a sensação de estar num interior vasto, algo como uma estação ferroviária ou uma catedral, e ouvem-se notas de música de violino, há outras pessoas em redor, e depois um som incompreensível...

Quando recupera os sentidos, está na praia, ajoelhado sobre pedregulhos, a vomitar. Tem a vaga memória de se ter debatido para sair da floresta, completamente cego de pânico, um pesadelo de sombras e verde desfocado, ramos a fustigarem-lhe a face. Levanta-se, trémulo, e aproxima-se da beira da água. Entra nela até aos joelhos — o choque do frio é maravilhoso, é o que lhe restituirá a sanidade mental — e ajoelha-se para lavar o vomitado do rosto e da camisa, mas é derrubado por uma onda, pelo que, quando por fim se põe de pé, está engasgado com água do mar e ensopado até aos ossos.

Agora está sozinho na praia, mas vê movimento entre os edifícios de Caiette, na meia distância. O padre a desaparecer no interior da igreja branca na colina.

Quando Edwin alcança a igreja, a porta encontra-se entreaberta, e a divisão está vazia. A porta atrás do altar também está aberta, e através dela vislumbra algumas lápides no sossego verde do minúsculo cemitério. Dirige-se para a última fila de bancos, fecha os olhos e pouisa a cabeça nas mãos. O edifício é tão recente que a igreja ainda cheira a madeira acabada de cortar.

— Caiu no mar?

A voz soa amável, a pronúncia ainda indecifrável. O novo padre — Roberts, recorda — encontra-se parado na extremidade da fila dele.

— Ajoelhei-me na água. Para lavar vomitado da cara.

— Está maldisposto?

— Não, eu... — Agora parece disparatado e algo irreal. — Pareceu-me ver qualquer coisa na floresta. Depois de ter falado consigo. Ouvi algo. Não sei. Parecia... sobrenatural. — Os pormenores já começavam a escapar-lhe. Entrou na floresta e depois? Lembrava-se de escuridão; notas de música; um som que não conseguira identificar; e tudo acabara num instante. Teria realmente acontecido?

— Posso sentar-me ao seu lado?

— Com certeza.

O padre senta-se.

— Ajudá-lo-ia livrar-se desse fardo?

— Não sou católico.

— Estou aqui para servir todos os que entram por aquelas portas.

Porém, os pormenores já começam a dissipar-se. Naquele momento, a estranheza com que Edwin se deparou na floresta foi deveras desestabilizadora, mas agora dá por si a recordar uma manhã particularmente má na escola. Tinha nove ou dez anos e percebera que não conseguia ler as palavras que tinha à sua frente, porque as letras se mexiam até ficarem incoerentes e na sua visão nadavam vários pontinhos. Levantara-se da secretária, pedira para ir falar com a enfermeira-chefe e desmaiara. O desmaio fora escuridão, mas também som: um murmurar e chilrear semelhantes a um coro de pássaros, um vazio absoluto,

logo seguido da sensação de estar confortável em casa, na cama — um desejo subconsciente, provavelmente —, e depois acordara num silêncio total. O som regressara aos poucos, como se alguém estivesse a aumentar o volume, o silêncio dando lugar ao clamor e à balbúrdia, às exclamações dos outros rapazes e aos passos rápidos da professora a aproximar-se — «Levante-se, St. Andrew, chega de fingir que está doente» —, e aquele momento na floresta, instantes antes, teria sido muito diferente disso? Tinha havido sons, raciocina, e escuridão, como da primeira vez. Talvez tivesse apenas desmaiado.

— Pareceu-me ver algo — diz Edwin, falando devagar —, mas, agora que falo nisso, sinto que se calhar não foi o caso.

— Se viu — replica Roberts, calmamente — não seria o primeiro.

— Como assim?

— É que já ouvi umas histórias — continua o padre. — Quero dizer, ouvem-se histórias.

Aquela correção desajeitada soa a Edwin como uma espécie de camuflagem, Roberts a mudar a maneira de falar para parecer mais inglês. Mais como Edwin. Algo naquele homem não bate certo, mas Edwin não consegue precisar o quê.

— Se me permite a pergunta, senhor padre, de onde é?

— De longe — responde-lhe o padre. — De muito longe.

— Bem, o mesmo se pode dizer de todos nós, não é? — diz Edwin, num tom irritado. — À exceção dos nativos, claro. Quando nos encontrámos na floresta, ainda há pouco, disse que tinha vindo substituir o padre Pike, não foi?

— A irmã dele adoeceu. Ele partiu a noite passada.

Edwin acena com a cabeça, mas algo naquelas palavras lhe soa a falso.

— Estranho não ter ouvido nada sobre um barco ter partido ontem à noite.

— Tenho uma confissão a fazer — diz Roberts.

— Sou todo ouvidos.

— Quando o vi na floresta e lhe disse que ia voltar para igreja, bem, a verdade é que me virei para trás, por breves instantes, quando estava a ir-me embora.

Edwin fita-o.

— E o que viu?

— Vi-o debaixo de um ácer. Estava a olhar para cima, para os ramos da árvore, e depois... bem, acho que estava a ver algo que eu não conseguia ver. Estava lá alguma coisa?

— Vi... bem, *pareceu-me* ver...

Todavia, Roberts fita-o com uma expressão demasiado intensa e, no silêncio

daquela igreja composta por uma única divisão, situada na ponta mais remota do mundo ocidental, Edwin sente-se estranhamente amedrontado. Ainda está um pouco maldisposto — tem a cabeça a latejar — e sente um cansaço extremo. Já não lhe apetece continuar a falar. Só quer deitar-se. A presença de Roberts não faz qualquer sentido na sua cabeça.

— Se o Pike se foi embora ontem à noite — diz Edwin —, deve ter ido a nado.

— Mas foi-se realmente embora — responde Roberts —, garanto-lhe.

— Faz ideia da falta de notícias que há neste lugar, senhor padre, seja de que tipo for? Eu moro na estalagem. Se um barco tivesse partido ontem à noite, tê-lo-ia sabido hoje ao pequeno-almoço. — Então ocorre-lhe o seguinte pensamento óbvio: — Por falar em coisas que eu deveria saber: como chegou cá? Nos últimos dois dias não atracou nenhuma embarcação, por isso presumo que tenha atravessado a floresta?

— Bem — replica Roberts —, não me parece que o meu meio de transporte seja particularmente relevante...

Edwin põe-se de pé, o que obriga Roberts a levantar-se também. O padre recua até à nave central, e Edwin passa ao lado dele.

— Edwin — chama Roberts, mas Edwin já está junto à porta. Vem de lá outro padre, subindo os degraus que emergem da estrada: o padre Pike, acabado de regressar da sua visita à fábrica de conservas ou ao acampamento madeireiro, o cabelo grisalho a cintilar sob a luz do sol.

Edwin espreita por cima do ombro, para uma igreja vazia, a porta do fundo escancarada. Roberts fugiu.



MIRELLA E VINCENT /
2020

— Gostaria de vos mostrar algo estranho. — O compositor, famoso num contexto extremamente limitado (isto é, que não corria o risco de ser reconhecido na rua, embora a maior parte das pessoas pertencentes a meia-dúzia de pequenas subculturas artísticas reconhecesse o seu nome), estava claramente pouco à vontade, transpirando quando se debruçou sobre o microfone. — A minha irmã tinha o hábito de gravar vídeos. O próximo é um vídeo dela que encontrei entre os seus pertences, após a sua morte, e tem uma falha qualquer que não consigo explicar. — Calou-se por momentos, ajustando um botão qualquer no teclado. — Compus música para ele, mas, imediatamente antes da falha, a música acaba, para podermos apreciar a beleza dessa imperfeição técnica.

A música começa primeiro, um crescendo etéreo de cordas, com insinuações de estática imediatamente subjacentes e depois o vídeo: a irmã percorrera um trilho de floresta pouco demarcado munida de uma máquina de filmar, em direção a um ácer antigo. Posicionou-se sob os ramos e apontou a máquina para cima, para as folhas verdes que brilhavam à luz do sol, na brisa, e então a música parou de uma forma tão abrupta que foi como se o silêncio constituísse o compasso seguinte. O compasso depois disso foi a escuridão: a imagem ficou negra, apenas por um segundo, e seguiu-se uma breve confusão de sons sobrepostos — algumas notas de um violino, uma cacofonia que lembrava o interior de uma estação de metropolitano, um estranho som de sucção que sugeria pressão hidráulica —, e, de repente, o momento passou, a árvore voltou, e seguiu-se um trabalho de câmara caótico, enquanto, ao que parecia, a irmã do compositor olhava desvairadamente em redor, talvez esquecendo-se de que tinha a máquina de filmar na mão.

A música do compositor fez-se novamente ouvir, com o vídeo a passar de imediato para um dos seus trabalhos mais recentes, dessa vez envolvendo imagens filmadas por ele, cinco ou seis minutos de uma esquina de rua agressivamente feia em Toronto, uma orquestra de cordas a esforçar-se por produzir a ideia de beleza escondida. O compositor trabalhava de uma forma

rápida, tocando sequências de notas em teclados que emergiam um compasso depois como música de violino, construindo a música em camadas, enquanto a esquina da rua em Toronto marcava o tempo no ecrã por cima da cabeça dele.

Na fila da frente, Mirella Kessler estava lavada em lágrimas. Fora amiga da irmã do compositor — Vincent — e não fazia ideia de que ela falecera. Deixou a sala de espetáculos pouco depois e passou algum tempo na casa de banho das senhoras, a tentar controlar-se. Inalações profundas, uma camada de reforço de maquilhagem.

— Acalma-te — disse em voz alta, para o seu rosto refletido no espelho. — Acalma-te.

Viera ao concerto na esperança de falar com o compositor, para saber do paradeiro de Vincent. Havia certas questões que pretendia colocar-lhe. Porque, numa versão tão distante da sua vida que agora lhe parecia um conto de fadas, Mirella fora casada — com Faisal —, e ela e Faisal tinham sido amigos de Vincent e do marido dela, Jonathan. Tinham sido anos maravilhosos, anos de viagens e dinheiro, mas depois acabara-se tudo. O fundo de investimento de Jonathan acabara por se revelar um esquema Ponzi. Faisal, sem conseguir encarar a ruína financeira, tirara a própria vida.

Mirella não voltara a falar com Vincent depois disso, pois como era possível ela não ter conhecimento da situação? Contudo, uma década após a morte de Faisal, estava ela num restaurante com Louisa, a sua namorada havia já um ano, quando fora acometida pela primeira centelha de dúvida.

Estavam a jantar num restaurante de *noodles* em Chelsea, e Louisa estivera a contar-lhe sobre um inesperado postal de aniversário que recebera da tia Jacquie, que Mirella nunca conhecera, pois metade da família de Louisa estava em contenda permanente.

— A Jacquie é quase sempre desagradável — disse Louisa —, mas pelo menos tem um motivo válido, na minha opinião.

— Porquê, o que lhe aconteceu?

— Nunca te contei a história? É épica. O marido tinha uma segunda família secreta.

— A sério? Que telenovela.

— E há mais. — Louisa inclinou-se para a frente, para o remate da piada: — Ele pôs essa segunda família a morar *do outro lado da rua*.

— O quê?

— Pois, impressionante — disse Louisa. — Imagina a cena: um tipo dos fundos de investimento, apartamento em Park Avenue, mulher dona de casa, dois miúdos numa escola privada. Upper East Side em todo o seu esplendor. Então, um dia, a tia Jacquie está a ler o extrato do Amex e encontra o pagamento de uma mensalidade de um colégio privado que nenhum dos filhos frequenta. Mostra o extrato ao tio Mike, tipo «O que será este estranho débito?», e, ao que parece, ele quase teve um ataque cardíaco ali mesmo.

— Continua.

— Naquela altura, os meus primos andavam, tipo, no oitavo e nono anos, mas pelos vistos o tio Mike também era pai do miúdo pequeno que morava do outro lado da rua. E pagara a mensalidade do miúdo de cinco anos com o Amex errado.

— Espera, *literalmente* do outro lado da rua?

— Sim, no prédio em frente. Os porteiros de ambos os edifícios deviam saber há anos.

— Mas como é possível ela não ter percebido? — perguntou Mirella, e, de repente, o passado engoliu-a por inteiro, e ela estava a falar sobre Vincent.

— Um homem que trabalha muitas horas pode esconder tudo e mais alguma coisa — disse Louisa. Continuava a falar sobre a tia e não percebeu que Mirella já estava noutra. — Sorte a tua eu não trabalhar.

— Sorte a minha — repetiu Mirella, beijando a mão de Louisa. — Que história de loucos.

— O facto de ser do outro lado da rua é que me choca — respondeu Louisa. — Que *descaramento*.

— Não sei se foi muito preguiçoso ou muito eficiente da parte dele. — Mirella fingia ainda estar no restaurante com Louisa, a comer *noodles*, mas na verdade estava muito longe dali. Vincent jurara não ter conhecimento dos crimes do marido, tanto em mensagens de voz apagadas como também num testemunho em tribunal.

— Mirella. — A mão de Louisa pousou delicadamente no pulso de Mirella. — Terra chama Mirella.

Mirella suspirou e pousou os pauzinhos.

— Alguma vez te contei sobre a minha amiga Vincent?

— A mulher do tipo do esquema Ponzi?

— Exato. Essa história sobre a tua tia trouxe-ma à memória. Conte-te que a vi uma vez, depois de o Faisal ter morrido?

Louisa arregalou os olhos.

— Não.

— Foi pouco mais de um ano depois da morte dele, portanto, março ou abril de 2010. Fui a um bar, com uns amigos, e a Vincent era empregada lá.

— Oh, meu Deus. O que lhe disseste?

— Nada — retorquiu Mirella.

A princípio, não a reconhecera. No tempo do dinheiro, Vincent usava o cabelo frisado e comprido como todas as outras esposas troféu, mas no bar tinha-o cortado muito curto, além de que estava com óculos e sem maquilhagem. Na altura, Mirella vira esse disfarce como uma prova — *é claro que estás a tentar esconder-te, seu monstro* —, mas agora percebia-lhe uma certa ambiguidade: uma explicação alternativa lógica para o cabelo curto/óculos/ausência de maquilhagem era o facto de algum dos investidores defraudados do seu marido poderem entrar no bar a qualquer instante. Nessa época, Manhattan estava cheia de investidores defraudados.

— Fingi não a conhecer — disse ela agora, a Louisa. — Num gesto de vingança, penso eu. Não estive particularmente bem. Ela disse sempre que não sabia o que o Jonathan tinha andado a fazer, mas eu pensei: *É claro que sabias. Como é possível que não soubesses? Sabias e deixaste que o Faisal perdesse tudo, e agora ele morreu*. Naquela altura era só isso que eu pensava.

Louisa acenou com a cabeça.

— Seria lógico que ela soubesse — respondeu.

— Mas e se não soubesse?

— É plausível que não soubesse? — indagou Louisa.

— Naquela altura não me pareceu. Mas agora estás a contar-me essa história sobre a desgraçada da tua tia Jacquie e, bem, se é possível esconder uma criança de cinco anos, também é possível esconder um esquema Ponzi.

Louisa segurou as mãos de Mirella sobre o tampo da mesa.

— Devias falar com ela.

— Não faço ideia de como a encontrar.

— Estamos em 2019 — replicou Louisa. — Ninguém é invisível.

Porém, Vincent era-o. Naquela época, Mirella trabalhava como rececionista num sofisticado salão de exposições de mosaicos perto de Union Square. Era o tipo de local que necessitava de pouca clientela, pois, quando as pessoas gastavam lá dinheiro, faziam-no às dezenas de milhares de dólares. Na manhã a seguir ao seu jantar com Louisa, durante uma hora de calma sentada atrás de

um balcão de recepção do tamanho de um automóvel, Mirella pesquisou Vincent. Primeiro tentou o apelido do marido de Vincent. Uma pesquisa por «Vincent Alkaitis» produziu fotografias da alta-roda antigas, algumas com a própria Mirella — festas, galas, etc. —, e também várias páginas com Vincent na leitura da sentença do marido, de expressão vazia, vestida com um fato cinzento e nada mais. As imagens mais recentes eram de 2011. «Vincent Smith» produziu dezenas de pessoas diferentes, na sua maioria homens, nenhuma delas a Vincent que ela procurava. Não encontrou Vincent nas redes sociais nem em parte nenhuma.

Recostou-se na cadeira, frustrada. Por cima da sua secretária, uma lâmpada sibilava. Mirella usava imensa maquilhagem no trabalho e, às vezes, na parte da tarde, quando ficava cansada, o rosto parecia pesar-lhe. Na pradaria de mosaicos brancos da zona de vendas, um vendedor mostrava a um cliente todas as cores imagináveis do compósito que era a imagem de marca da empresa, que parecia pedra mas não era.

Os pais de Vincent há muito que tinham falecido, mas ela tinha um irmão. Desencantar o nome do irmão exigira um exercício de memória profundo, até um lugar que, por norma, Mirella tentava evitar. Olhou de relance para a porta, para se certificar de que não vinha nenhum cliente, e depois fechou os olhos, respirou fundo duas vezes e digitou «Paul Smith + compositor» no Google.

Foi assim que, quatro meses depois, deu por si na Brooklyn Academy of Music, a aguardar por Paul James Smith à porta de entrada dos artistas. Esperara que ele lhe pudesse dizer como encontrar Vincent. Mas agora, ao que parecia, Vincent estava morta, o que significava que a conversa seria muito diferente. A entrada dos artistas situava-se numa sossegada rua residencial. Mirella andou de um lado para o outro, enquanto esperava, não uma grande distância, somente uns metros em cada direção. Era o final de janeiro, mas a temperatura estava invulgarmente quente, bem acima do gelo típico. Havia só mais uma pessoa à espera também: um homem que aparentava a mesma idade dela, trinta e muitos, vestido com calças de ganga e um *blazer* básico. Tanto as calças de ganga como a camisa ficavam-lhe demasiado grandes. Ele acenou-lhe com a cabeça, um gesto que ela retribuiu, e depois continuou plantado à espera. Decorreu algum tempo. Uns funcionários saíram sem olharem para eles.

Então, por fim, o irmão de Vincent emergiu com um ar algo esgazeado, embora, verdade fosse dita, ninguém tivesse um ar especialmente saudável sob o brilho alaranjado dos candeeiros de rua.

— Paul... — disse Mirella, ao mesmo tempo que o outro homem dizia «Desculpe...», e depois entreolharam-se, embaraçados, e calaram-se, o olhar de Paul alternando entre um e outro. Um terceiro homem aproximava-se rapidamente, um tipo pálido envergando um chapéu *fedora* e um sobretudo.

— Olá! — disse Paul, falando para todos no geral.

— Olá! — respondeu o recém-chegado. Tirou o chapéu, revelando-se praticamente calvo. — Daniel McConaghy. Um grande fã. Belo espetáculo.

Paul cresceu uns centímetros e pareceu ficar um pouco mais radioso, ao mesmo tempo que avançava para apertar a mão ao homem.

— Muito obrigado — disse-lhe —, é sempre agradável conhecer um fã. — Em seguida, olhou com expectativa para Mirella e para o tipo com a roupa demasiado grande.

— Gasperry Roberts — disse o tipo com a roupa demasiado grande. — Que espetáculo maravilhoso.

— Espero que não se ofenda — disse o tipo do chapéu *fedora* —, não que eu ache que tenha as mãos sujas ou algo do género, mas habituei-me ao álcool-gel desde que aquela história sobre Wuhan apareceu nas notícias. — Esfregava as mãos, com uma expressão embaraçada.

— Os fómites não são considerados grandes meios de transmissão de COVID-19 — informou Gasperry. *Fómites? COVID-19?* Mirella não estava familiarizada com essas expressões, e os outros dois também franziam o sobrolho. — Ah, pois — disse Gasperry, parecendo falar para si próprio —, ainda só estamos em janeiro. — Tornou a focar-se no momento. — Paul, posso pagar-lhe um copo e fazer-lhe umas perguntas rápidas sobre o seu trabalho? — O homem tinha uma ligeira pronúncia que Mirella não conseguia identificar.

— Parece-me uma excelente ideia — respondeu Paul. — Está mesmo a apetecer-me uma bebida. — Então virou-se para Mirella.

— Mirella Kessler — apresentou-se ela. — Fui amiga da sua irmã.

— A Vincent — retorquiu ele, em voz baixa. Mirella não conseguiu ler a expressão dele. Tristeza, mas também algo meio dissimulado. Por momentos, ninguém falou. Então ele disse, com uma alegria forçada: — E se fôssemos *todos* tomar um copo?

Acabaram por ir a um pequeno restaurante francês a poucos quarteirões de distância, do outro lado da rua de um parque que, do sítio onde Mirella se encontrava sentada, mais parecia uma colina enclausurada por um muro de

tijolo alto. Ela não conhecia Brooklyn, pelo que tudo lhe parecia misterioso, sem quaisquer pontos de referência além da vaga noção de que, se saísse do restaurante, os pináculos de Manhattan situar-se-iam algures à esquerda. O choque inicial da notícia da morte de Vincent já se dissipara um pouco, tendo sido substituído por uma exaustão ilimitada. Ela estava sentada ao lado do tipo com o chapéu *fedora*, cujo nome esquecera, e em frente a Gaspéry, sentado ao lado de Paul. O *fedora* não se calava com a magnificência de Paul, com as suas óbvias influências, com a dívida artística para com Warhol, etc.; adorara o trabalho de Paul logo desde o início, aquela colaboração pioneira e experimental com o artista visual — «Como é que ele se chamava, que já não me recordo?» — no Miami Basel, que evolução impressionante, quando, de repente, Paul começara a usar os seus próprios vídeos, ao invés de colaborar com outros, e por aí fora. Paul estava radiante. Adorava ser elogiado, mas quem não adora? Ela estava virada para a janela, e o seu olhar estava constantemente a desviar-se para o parque visível por cima do ombro de Gaspéry. Se houvesse um tremor de terra e o muro se partisse, o parque avançaria para a rua e soterraria o restaurante? Dirigiu de novo a sua atenção para a mesa assim que ouviu o nome de Vincent.

— Quer dizer que foi a sua irmã, Vincent, que filmou aquele vídeo estranho da sua atuação desta noite? — perguntou Gaspéry, um nome memorável, pois nunca o ouvira antes.

Paul riu-se.

— Indique-me um vídeo meu que *não* seja estranho — retorquiu. — No ano passado dei uma entrevista a um tipo que não parava de me chamar *sui generis*, até que, a certa altura, respondi-lhe: «Ouça, pode dizer simplesmente *estranho*. Estranho, esquisito ou excêntrico, esteja à vontade.» A entrevista correu muito melhor depois disso, acredite. — Ele riu-se da sua própria piada, e o *fedora* também.

Gaspéry sorriu.

— Referia-me ao vídeo com o trilho na floresta — insistiu. — Com a escuridão e os sons estranhos.

— Ah. Sim. Esse foi a Vincent. Ela disse que o podia usar.

— Foi filmado perto do sítio onde vocês cresceram? — perguntou Gaspéry.

— Vejo que andou a pesquisar — comentou Paul, com um ar de aprovação.

Gaspéry inclinou a cabeça.

— É oriundo da Colúmbia Britânica, não é?

— Sim. De um lugar pequeno chamado Caiette, no Norte da ilha de

Vancouver.

— Ah, perto da ilha do Príncipe Eduardo — respondeu o *fedora*, num tom confiante.

— Mas eu não cresci lá — afirmou Paul, pelos vistos, sem ter ouvido o comentário. — A Vincent sim. Mesmo pai, mas mães diferentes, por isso só ia lá no verão e em natais alternados. Mas, sim, foi lá que o vídeo foi filmado.

— Aquele... aquele instante no vídeo — disse Gaspéry —, aquela anomalia, à falta de palavra melhor... Chegou a testemunhar algo assim em pessoa?

— Só sob o efeito de LSD — retorquiu Paul.

— Ah — respondeu o *fedora*, de repente mais animado —, não sabia que havia uma influência psicadélica no seu trabalho. — Então inclinou-se para a frente, num gesto conspiratório. — Eu próprio já me envolvi intensamente com psicadélicos. Quando consumimos quantidades valentes, começamos a experimentar certas tomadas de consciência em relação ao mundo. Há tanta coisa que é uma ilusão, não acha?

Gaspéry lançou-lhe um olhar preocupado. Mirella observou-o, enquanto esperava uma oportunidade para fazer perguntas sobre Vincent. Gaspéry tinha algo de forasteiro que ela não conseguia analisar.

— E quando entendemos *isso* — estava a dizer o *fedora* —, muita coisa passa a fazer sentido, não é? Um amigo meu andava com imensa dificuldade em deixar de fumar. Deve ter tentado umas seis ou oito vezes. Nada. Não era capaz. Então um dia toma LSD e *pimba*. Na noite seguinte, liga-me e diz: «É um milagre, Dan, hoje ainda nem sequer me *apeteceu* fumar.» A sério, foi...

— O que lhe aconteceu? — perguntou Mirella a Paul. Sabia que estava a ser mal-educada, mas não se importava, estava ali a ganhar raízes, a afundar-se em tristeza, e queria saber o que tinha acontecido à sua amiga, para poder deixar aquelas pessoas.

Paul piscou os olhos na direção dela, como se se tivesse esquecido da sua presença.

— Caiu de um navio — respondeu ele. — Há cerca de ano e meio... não, dois anos. Fez dois anos no mês passado.

— Que tipo de navio? Estava num cruzeiro?

O *fedora* fitava a sua bebida com uma expressão carrancuda, mas Gaspéry prestava atenção à conversa, com muito interesse.

— Não, ela... não sei até que ponto está a par do que lhe aconteceu em Nova Iorque — disse Paul —, aquela coisa terrível com o marido, em que se

descobriu que ele era vigarista...

— O meu marido foi um dos investidores no esquema Ponzi dele — replicou Mirella. — Estou a par de tudo.

— Meu Deus — exclamou Paul. — E ele...

— Esperem lá — disse o *fedora* —, estamos a falar do Jonathan Alkaitis?

— Sim — retorquiu Paul. — Conhece a história?

— Esse crime foi *de loucos* — respondeu o *fedora*. — Quanto é que era o montante da fraude, uns vinte mil milhões de dólares, não foi? Trinta? Lembrome de onde estava quando a notícia saiu. Recebi uma chamada da minha mãe, pois, ao que parecia, as poupanças-reforma do meu pai tinham sido...

— Estava a contar-me sobre o navio — disse Mirella.

Paul pestanejou.

— Exato. Sim.

— Você tem a mania de interromper — disse o *fedora*, dirigindo-se a Mirella. — Sem ofensa.

— Ninguém lhe perguntou nada — respondeu Mirella. — Estava a falar com o Paul.

— Sim, eu e a Vincent perdemos o contacto durante alguns anos — explicou Paul —, mas, depois de o Alkaitis a ter abandonado e fugido do país, acho que a Vincent fez umas formações e foi para o mar, como cozinheira num navio da marinha mercante.

— Ah — respondeu Mirella. — Uau...

— Parece ser uma vida interessante, não é?

— O que lhe aconteceu?

— Ninguém sabe muito bem — retorquiu Paul. — Simplesmente desapareceu do navio. Parece que foi um acidente. Não recuperaram o corpo.

Mirella só percebeu que ia chorar quando sentiu as lágrimas escorrerem-lhe pela face. Todos os homens sentados à mesa aparentavam estar extremamente desconfortáveis. Só a Gaspary ocorreu estender-lhe um guardanapo.

— Morreu afogada — disse ela.

— Sim. Quero dizer, é o que parece. Estavam a muitos quilómetros de terra. Ela desapareceu num temporal.

— Morrer afogada era a coisa que ela mais temia. — Mirella limpou o rosto com o guardanapo. No silêncio, os pequenos ruídos do restaurante ecoaram mais alto: um casal a discutir baixinho em francês, numa mesa próxima, os sons na cozinha, a porta da casa de banho a fechar-se.

— Bem — disse Mirella —, obrigada por me contar. E obrigada pela bebida. — Não sabia quem estava a pagar as bebidas, mas sabia que não era ela. Levantou-se e saiu do restaurante sem olhar para trás.

No exterior, sentiu-se sem rumo. Sabia que devia entrar num carro da *Uber* e ir para casa, deitar-se a dormir e não fazer nenhum disparate, em vez de dar um passeio noturno num bairro desconhecido, mas Vincent tinha morrido. Mirella decidiu que procuraria um local para se sentar durante uns minutos, para organizar os pensamentos. O bairro parecia-lhe relativamente tranquilo, e ainda não era muito tarde, além de que não tinha medo de nada, por isso atravessou a rua e entrou no parque.

O parque estava silencioso, mas isso não queria dizer que estivesse vazio. Pessoas atravessavam as várias poças de luz, casais abraçados e pequenos grupos de amigos, uma mulher a cantar para si mesma. Pressentiu a ameaça generalizada no ar, mas não se dirigia a si. Como era possível que Vincent tivesse morrido? Era impossível, tudo naquela história era impossível. Encontrou um banco e pôs os auriculares nos ouvidos, para poder fingir não ouvir caso alguém se lhe dirigisse, e então remeteu-se à sua invisibilidade. Deixar-se-ia ficar sentada durante algum tempo, sentada a pensar em Vincent ou sentada até arranjar uma maneira de deixar de pensar em Vincent, e depois iria para casa dormir. Todavia, os seus pensamentos concentraram-se em Jonathan, o antigo marido de Vincent, a viver num hotel de luxo no Dubai. Imaginá-lo lá, onde quer que estivesse, a ligar para o serviço de quartos, a pedir que lhe mudassem os lençóis e a nadar na piscina do hotel — *enquanto Vincent estava morta* — era uma abominação.

Um homem surgiu à sua frente e sentou-se no banco. Virou-se e viu que se tratava de Gaspéry, pelo que tirou os auriculares dos ouvidos.

— Peço desculpa — disse ele —, vi-a entrar no parque, e este não é um bairro perigoso, mas... — Não concluiu o raciocínio, pois não era necessário. Para uma mulher sozinha num parque, à noite, todos os bairros eram bairros perigosos.

— Quem é você? — perguntou-lhe Mirella.

— Sou uma espécie de investigador — respondeu Gaspéry. — Se lhe contar os pormenores, vai pensar que sou louco.

Agora Mirella tinha a sensação de que havia algo de familiar nele, algo no seu perfil que a recordava de algo, mas não conseguia precisar o quê.

— O que anda a investigar?

— Ouça, vou ser sincero consigo, não tenho qualquer interesse no senhor Smith ou na arte dele — replicou Gaspéry.

— Já somos dois.

— No entanto, estou interessado num certo tipo de anomalia, como aquele momento no vídeo em que o ecrã fica preto. Esperei à porta da entrada dos artistas para lhe perguntar sobre isso.

— É um momento estranho.

— Posso perguntar-lhe se a sua amiga alguma vez lhe falou sobre esse momento? Uma vez que o vídeo era dela.

— Não — retorquiu Mirella —, não que me recorde.

— É normal — disse Gaspéry. — Ela devia ser muito nova quando filmou o vídeo. Muitas vezes as coisas que vemos quando somos novos não nos ficam gravadas na memória.

As coisas que vemos quando somos novos.

— Acho que já o vi em algum lado — disse Mirella. Estava a olhar para o perfil dele, sob a luz fraca. Ele virou o rosto para ela, e então Mirella teve a certeza.

— No Ohio.

— Parece que viu um fantasma.

Ela levantou-se do banco.

— Estava debaixo do viaduto — disse ela. — Era você, não era?

Ele franziu o sobrolho.

— Acho que está a confundir-me com alguém.

— Não, acho que era mesmo você. Estava debaixo do viaduto. Imediatamente antes de a polícia chegar, antes de ter sido preso. Disse o meu nome.

Porém, ele parecia genuinamente confuso.

— Mirella, eu...

— Tenho de ir. — Ela saiu disparada, não propriamente a correr, mas caminhando na velocidade imparável que aperfeiçoara ao longo de vários anos a morar na cidade de Nova Iorque, saindo rapidamente do parque, de volta à rua onde, sob o brilho da luz do restaurante francês, o *fedora* e o irmão de Vincent continuavam embrenhados numa conversa. Gaspéry não a seguiu. Estava aliviada por ele envergar uma camisa branca; dessa maneira, brilharia na escuridão. Mergulhou nas sombras de uma rua residencial. Passou velozmente por casas de *brownstone* antigas, maravilhosas sob a luz dos candeeiros de rua, por vedações de ferro forjado e árvores antigas; cada vez mais depressa, em direção

às luzes de uma avenida comercial adiante, onde um táxi amarelo atravessava o cruzamento, qual carro triunfal, uma espécie de milagre — um táxi amarelo em Brooklyn! —, e então ela chamou-o e entrou nele. Instantes depois, o táxi estava a circular pela Ponte de Brooklyn, com Mirella a chorar baixinho no banco de trás. O motorista espreitou-a de relance no espelho retrovisor, mas — oh, a misericórdia dos estranhos nesta cidade apinhada de gente! — não disse nada.

Quando Mirella era criança, morava com a mãe e a irmã mais velha, Susanna, num dúplex no exúrbio de Ohio. A urbanização situava-se numa zona composta por pequenos centros comerciais e grandes armazéns. Campos agrícolas estendiam-se até às traseiras do parque de estacionamento da *Walmart*. A poucos quilómetros de distância, havia um estabelecimento prisional. A mãe de Mirella tinha dois empregos e passava muito pouco tempo em casa. De manhã, bem cedo — no inverno, muito antes do amanhecer —, levantava-se ao fim de poucas horas de sono, servia leite e cereais às filhas e penteava-as, ao mesmo tempo que bebia café com um olho aberto e outro fechado, e depois levava-as à escola. Despedia-se das filhas com um beijo, e elas passavam as dez horas seguintes na escola — nas atividades antes do início das aulas, depois nas aulas e, mais tarde, nas atividades pós-aulas —, até que, ao final da tarde, apanhavam um autocarro que as deixava a oitocentos metros de casa.

Esses oitocentos metros eram complicados. Tinham de passar por baixo de um viaduto. Mirella tinha medo do viaduto, mas durante todo tempo que aí morara, desde que tinha cinco anos até ter desistido da escola e apanhado uma camioneta para a cidade de Nova Iorque, somente tinha havido um acidente verdadeiramente horrível. Mirella tinha nove anos, o que significava que Susanna tinha onze, e elas tinham realmente escutado os tiros quando o autocarro escolar arrancou, mas esses sons só foram claros em retrospectiva. Na altura do incidente, entreolharam-se no crepúsculo de inverno, e Susanna encolheu os ombros. «Deve ter sido o escape de um carro ou algo do género», dissera, e Mirella, que acreditava em tudo o que Susanna lhe dizia, pegou na mão da irmã, e as duas continuaram a caminhar. A neve caía. A entrada do viaduto era uma caverna escura à espera de as engolir. *Está tudo bem*, disse Mirella para si mesma, *está tudo bem, está tudo bem*, pois estava sempre tudo bem, à exceção dessa vez em particular. Assim que alcançaram as sombras, o som repetiu-se, então impossivelmente alto. Elas detiveram-se.

Dois homens estavam estendidos no chão, alguns metros adiante. Um estava completamente imóvel; o outro contorcia-se no solo. Na luz ténue, e àquela

distância, não conseguia ver o que tinha acontecido. Um terceiro homem encontrava-se sentado junto à parede, com uma arma a pender-lhe da mão. Um quarto estava a fugir — os seus passos faziam eco —, mas Mirella apenas o observou por breves instantes, a galgar o talude ao fundo do viaduto e a desaparecer de vista.

Durante um longo período de tempo, todos eles — Mirella, Susanna, o homem armado, os dois mortos ou moribundos estendidos no chão — ficaram paralisados num quadro vivo de inverno. Durante quanto tempo? Pareceu-lhe uma eternidade. Horas, dias. O homem armado exibia uma expressão meio ensonada; a cabeça pendeu-lhe para a frente, uma ou duas vezes. Então surgiram as luzes da polícia, banhando-o de azul e vermelho, e isso pareceu despertá-lo. Fitou a arma que tinha na mão, como se não percebesse como ali fora parar, depois virou a cabeça e olhou diretamente para as raparigas.

— Mirella — disse.

Então seguiu-se uma grande algazarra e gritaria, um enxame de fardas pretas — *Largue a arma! Largue a arma!* —, e, embora o incidente tivesse realmente acontecido, ela e Susanna tivessem realmente sido questionadas pela polícia e, no dia seguinte, tivesse realmente saído uma notícia nos jornais («Dois Mortos a Tiro sob o Viaduto: Suspeito Detido»), nos anos que se seguiram, foi fácil convencer-se de que imaginara essa última parte, de que ele não dissera realmente o nome dela. Como poderia saber o nome dela? Susanna não se lembrava de ter ouvido nada.

Porém, tantos anos mais tarde, sentada na parte de trás de um táxi a caminho de Manhattan, em segurança noutra vida, havia uma certeza que ela não conseguia ignorar: o homem no túnel era Gaspary Roberts.

Fechou os olhos, tentando descontraí-los, mas o telemóvel vibrou-lhe na mão. Uma mensagem da namorada: *Vens à festa da Jess?*

Demorou um instante para recordar. Enviou uma mensagem em resposta — *A caminho* — e acenou para captar a atenção do motorista no espelho retrovisor.

— Se faz favor...

— Sim, minha senhora? — perguntou ele, algo cauteloso, pois vira-a a chorar.

— Posso dar-lhe outra morada? Preciso de ir ao Soho.

Teve de atravessar todo o espaço da festa para encontrar Louisa, a fumar um cigarro num terraço que na verdade não passava de uma pequena área do telhado revestida a alcatrão. Beijou-a e depois sentou-se de forma desajeitada ao seu lado, num banco de pedra estreito.

— Como tens andado? — perguntou Louisa. Moravam separadas, mas passavam imenso tempo juntas.

— Na boa — replicou Mirella, pois não queria conversar sobre o assunto. Era inquietantemente fácil mentir a Louisa. Sabia que era injusto fazer comparações entre pessoas, toda a gente o sabe, mas uma dificuldade com que andava a debater-se era o facto de, neste momento, Louisa lhe parecer muito menos interessante do que Vincent. Louisa tinha a característica de ser uma pessoa equilibrada, o ar de quem foi sempre resguardado das arestas da vida, algo que agora era muito menos atraente do que antes. — Um pouco cansada — disse Mirella. — Não dormi muito bem.

— Porquê?

— Não sei, é daquelas coisas que às vezes acontecem.

Mais uma dificuldade dessa noite: a festa era de Jess, e esta era amiga de Mirella, não de Louisa. Na sua vida anterior, na sua vida longínqua em que tudo era diferente, estivera nesse mesmo terraço com Faisal. Agora, tal como então, o espaço encontrava-se decorado com luzinhas e palmeiras envasadas, mas continuava a parecer o fundo de um buraco. Essa era a desvantagem de ter mantido alguns amigos do seu tempo com Faisal — havia sítios perigosos aqui e ali, lugares que a faziam recordar essa outra vida, e aquele terraço era um deles. Noutra noite, por ocasião de outra festa — há catorze anos? Treze? —, ela e Vincent tinham estado ali fora, um pouco embriagadas, a contemplar o pedaço minúsculo de céu escuro, pois Vincent jurara que conseguia ver a Estrela Polar.

— Está ali — dissera-lhe Vincent. — Segue a direção do meu dedo. Não é muito brilhante.

— Isso é um satélite — respondera Mirella.

— O que é um satélite? — indagou Faisal, surgindo na varanda. Tinham chegado separados, e era a primeira vez que ela o via nesse dia. Beijou-o e não lhe passou despercebido que Vincent tivesse olhado de relance na direção deles, antes de voltar a atenção dela para o céu. Uma diferença entre Mirella e Vincent era que Mirella amava verdadeiramente o marido.

— Ali — disse Mirella, apontando. — Está a mexer-se, não está?

Faisal semicerrou os olhos.

— Vou ter de acreditar na tua palavra — respondeu. — Acho que estou a precisar de óculos novos. — Olhou em torno do espaço apertado, o braço à volta da cintura dela. — Uau — exclamou —, que armadilha de fogo tão *bobo*¹.

Era verdade. Havia edifícios a toda a volta. Três das paredes pertenciam a outros edifícios, e na quarta ficava a porta que conduzia de volta para a festa. Agora, anos mais tarde, sentada com Louisa, Mirella fechou os olhos por breves instantes, para evitar ver Faisal a olhar para o céu.

— O que fizeste o dia todo? — perguntou-lhe Louisa.

Em tempos Mirella achara piada às perguntas incessantes de Louisa — que maravilha, pensara, estar com alguém que é tão *interessada*, com interesse em tudo o que faço durante o dia, alguém que se preocupava o suficiente para lho perguntar —, mas esta noite soou-lhe como uma intromissão.

— Fui caminhar. Lavei roupa. E, de resto, entretive-me a ver o Instagram. — Gaspery Roberts não podia de maneira nenhuma ser o homem sob o viaduto, agora que pensava nisso, porque acontecera havia várias décadas, e ele não envelhecera nada.

— E soube-te bem?

— É claro que não — retorquiu Mirella, num tom um pouco mais ríspido do que tencionara, e Louisa olhou-a com uma expressão de surpresa.

— Devíamos ir a algum sítio — comentou Louisa. — Podíamos arrendar uma casa de campo, sair da cidade por uns dias.

— Parece-me bem. — Todavia, Mirella ficou alarmada com a tristeza que a invadiu perante tal sugestão. Não queria nada ir para uma casa de campo com Louisa, percebia-o agora.

— Mas, primeiro — continuou Louisa —, preciso de mais uma bebida. — Entrou no apartamento, e Mirella ficou sozinha por instantes, mas depois uma mulher aproximou-se para lhe pedir lume e, em troca, ofereceu-se para lhe ler a sina.

Mirella estendeu as mãos com as palmas viradas para cima, como indicado,

envergonhada pela maneira como estas tremiam. Como era possível ter-se desapaixonado de Louisa de uma forma tão repentina e distinta? Como era possível que o homem do viaduto no Ohio tivesse aparecido tantos anos depois em Nova Iorque? Como era possível que Vincent tivesse morrido? A vidente colocou as mãos por cima das de Mirella, as palmas quase a tocarem-se, e fechou os olhos. Mirella ficou contente por a poder observar à vontade. A vidente era mais velha do que Mirella julgara a princípio, algures na casa dos trinta e muitos, as primeiras rugas visíveis no rosto. Usava uma confusão de *écharpes*.

— De onde é? — perguntou ela.

— Do Ohio.

— Não, originalmente.

— Do Ohio.

— Ah. Pareceu-me ouvir-lhe uma pronúncia.

— A pronúncia também é do Ohio.

Os olhos da vidente continuavam fechados.

— Tem um segredo — disse ela.

— E quem não tem?

Ela abriu os olhos.

— Conte-me o seu, eu conto-lhe o meu, e nunca mais voltaremos a ver-nos — disse ela.

Tratava-se de uma proposta interessante.

— Está bem — replicou Mirella. — Mas primeiro você.

— O meu segredo é que detesto pessoas — disse a mulher, num tom muito sincero, e, pela primeira vez, Mirella simpatizou com ela.

— Todas as pessoas?

— Todas à exceção de talvez três — retorquiu ela. — Agora é a sua vez.

— O meu segredo é que quero matar um homem. — Seria verdade? Mirella não tinha a certeza. Mas havia algo de verdadeiro nisso.

Os olhos da vidente perscrutaram o rosto de Mirella, como se estivesse a tentar decidir se ela estaria a brincar.

— Algum homem em particular? — perguntou. E então sorriu timidamente (*Está a brincar, não está? Por favor diga-me que está a brincar.*), mas Mirella não retribuiu o sorriso.

— Sim — retorquiu Mirella. — Um homem em particular. — Passou a ser real assim que ela o proferiu.

— Como é que ele se chama?

— Jonathan Alkaitis. — Quando fora a última vez que proferira aquele nome em voz alta? Repetiu-o para si mesma, dessa vez em surdina. — Aliás, se calhar só quero falar com ele. Não faço ideia.

— Há uma grande diferença — disse a vidente.

— Sim. — Mirella fechou os olhos à escuridão do céu, ao tumulto da festa ali ao lado, ao fedor a fumo de cigarro, ao rosto da vidente. — Vou ter de me decidir.

— Certo — replicou a vidente. — Bem, obrigada pelo lume. — Afastou-se de Mirella e desapareceu na festa, através de uma porta aberta como um portal para um mundo perdido. A noite estava fria, e a Lua pairava, brilhante, sobre a cidade de Nova Iorque. Mirella deixou-se ficar a contemplá-la por momentos e depois regressou à festa, que a fazia lembrar de um sonho que tivera em tempos, cores abstratas, muita agitação e luzes. Louisa dançava na sala de estar. Mirella observou-a durante algum tempo e depois avançou por entre o mar de gente.

— Estou com uma dor de cabeça — disse Mirella. — Acho que vou andando. Louisa beijou-a, e Mirella percebeu que era o fim. Não sentia nada.

— Liga-me — disse-lhe Louisa.

— *Adieu* — respondeu Mirella, ao mesmo tempo que se afastava por entre a multidão, e Louisa, que não falava francês e por isso não entendia a insinuação, soprou-lhe um beijo.

¹ Em termos de decoração, o estilo *bobo* (boémio) define-se através de materiais naturais, como a madeira, o vime, etc. (NT)

**A ÚLTIMA DIGRESSÃO
DE PROMOÇÃO LITERÁRIA NA TERRA /
2203**

A primeira paragem da promoção literária era a cidade de Nova Iorque, onde Olive participou em sessões de autógrafos em duas livrarias e depois arranjou uma hora para dar um passeio por Central Park, antes do jantar com o livreiro. O Sheep Meadow no crepúsculo: luz prateada, folhas húmidas caídas na relva. O céu estava repleto de dirigíveis de baixa altitude, e, na distância, as luzes cadentes de aeronaves de passageiros riscavam o céu rumo às colónias. Olive parou por instantes, para se orientar, e depois prosseguiu na direção da antiga silhueta dupla do Dakota. Torres de cem andares erguiam-se atrás desse edifício.

O Dakota era onde aguardava a nova agente publicitária de Olive, Aretta, responsável por todos os eventos na República Atlântica. Aretta era um pouco mais nova do que Olive e era atenciosa de uma maneira que enervava Olive. Quando Olive entrou no átrio, Aretta pôs-se rapidamente de pé, e o holograma com quem estivera a falar apagou-se.

— Deu um passeio agradável pelo parque? — perguntou ela, com um sorriso que antecipava uma resposta positiva.

— Foi muito bom, obrigada — respondeu Olive. Não acrescentou *Fez-me desejar poder viver na Terra*, pois, da última vez que confidenciara com uma agente, as suas palavras foram repetidas durante o jantar («Sabem o que me disse a Olive no caminho para cá?», informara ansiosamente uma bibliotecária em Montreal a uma mesa de restaurante cheia de bibliotecários à espera, «Que estava um pouco nervosa antes da palestra!»), pelo que agora, por norma, Olive não revelava nada minimamente pessoal fosse a quem fosse.

— Bem — disse Aretta —, é melhor irmos andando para o local. Fica a cerca de seis ou sete quarteirões. Acha que talvez pudéssemos...?

— Gostaria muito de ir a pé — replicou Olive —, se não se importar. — Saíram juntas rumo à cidade prateada.

Olive desejava realmente poder viver na Terra? Vacilou perante a pergunta. Toda a vida morara nos cento e cinquenta quilómetros quadrados da segunda colónia lunar, cujo imaginativo nome era Colónia Dois. Considerava-a muito bonita — a Colónia Dois era uma cidade composta por pedra branca, torres

com pináculo, ruas orladas de árvores e pequenos parques, bairros de edifícios altos alternados com pequenas casas com relvados em miniatura, um rio correndo sob passagens pedestres em arco —, porém, as cidades desordenadas têm muito que se lhes diga. A Colônia Dois era tranquilizadora na sua ordem e simetria. Às vezes, a ordem consegue ser severa.

Na fila para os autógrafos, a seguir à palestra dessa noite em Manhattan, um jovem ajoelhou-se diante da mesa de Olive, para ficar mais ou menos à altura do olhar dela, e disse:

— Trago um livro para ser autografado — a voz tremeu-lhe um pouco —, mas o que queria realmente dizer-lhe é que o seu trabalho me ajudou a superar um período complicado, no ano passado. Estou-lhe grato por isso.

— Oh — respondeu Olive. — Obrigada. Sinto-me honrada. — Contudo, nesses momentos, a palavra «honrada» soava-lhe sempre inadequada, dando a sensação de ser a palavra incorreta, o que, de certa maneira, fazia Olive sentir-se uma fraude, como uma atriz a representar o papel de Olive Llewellyn.

— De vez em quando, todos nós nos sentimos uma fraude — dissera-lhe o pai na noite seguinte, na viagem de carro entre o terminal de aeronaves de Denver e a pequena cidade onde ele morava com a mãe de Olive.

— Oh, eu sei — replicou Olive. — Não estou a insinuar que seja um problema. — Olive tinha a plena noção de que não tinha problemas reais.

— Certo. — O pai sorriu. — Imagino que a tua vida seja um pouco desconcertante neste momento.

— Talvez um pouco. — Olive tinha quarenta e oito horas para ver os pais antes de retomar a digressão. Estavam a atravessar uma região agrícola, com robôs enormes a deslocarem-se lentamente nos campos. A luz solar aí era mais intensa do que no sítio onde ela morava. — Estou muito agradecida por tudo — disse —, mesmo que seja um pouco desconcertante.

— Claro. Mas não deve ser fácil estar longe da Sylvie e do Dion.

Agora estavam na periferia da pequena cidade onde os pais moravam, a atravessar um distrito de oficinas de reparação de robôs.

— Tento não pensar muito nisso — retorquiu Olive. O cinzento das oficinas deu lugar a pequenas lojas e casas pintadas com cores fortes. O relógio na praça da cidade cintilava ao sol.

— A distância é insuportável se matutarmos demasiado nela. — O olhar do

pai estava fixo na estrada. — Chegámos — exclamou ele. Viraram para a rua dos pais, e lá estava a mãe, tão perto, parada na entrada. Olive saltou do aerodeslizador assim que este parou e correu para os braços da mãe. *Se a distância é insuportável*, não perguntou ela, nesse instante ou durante os dois dias que passou com os pais, *porque moram tão longe de mim?*

A casa dos pais de Olive não era a sua casa de infância — essa fora vendida poucas semanas depois de ela ter partido para a universidade, quando os pais decidiram reformar-se e ir morar para a Terra —, mas era um lugar de paz.

— Foi tão bom ver-te — sussurrou-lhe a mãe, quando ela se foi embora. Abraçou Olive apenas por instantes e afagou-lhe o cabelo. — Voltas em breve?

Um aerodeslizador esperava à porta da casa, o condutor contratado por uma das editoras norte-americanas de Olive. Nessa noite tinha um evento numa livraria em Colorado Springs, seguido de um voo de manhã bem cedo para um festival em Deserte.

— Para a próxima trago a Sylvie e o Dion comigo — respondeu Olive e depois retomou a digressão.

Um paradoxo da digressão de promoção literária: Olive tinha uma saudade imensa do marido e da filha, mas também adorava andar sozinha pelas ruas vazias de Salt Lake City, às oito e meia da manhã de um sábado, sob o ar luminoso de outono, os pássaros desenhando círculos na luz branca. Não há nada como erguer o olhar para um céu de um azul límpido e saber que não se trata de uma cúpula.

Na tarde seguinte, na República do Texas, quis ir novamente dar um passeio, pois, no mapa, o seu hotel — um La Quinta virado de frente para outro La Quinta, com um parque de estacionamento entre ambos — situava-se exatamente do outro lado de uma estrada cheia de restaurantes e lojas, mas o que o mapa não mostrava era que se tratava de uma autoestrada com oito faixas, sem passadeira para peões e com um fluxo de trânsito constante, na sua maioria aerodeslizadores modernos, mas também uma ou outra carrinha *pick-up* antiga, pelo que caminhou ao longo da autoestrada durante algum tempo, com as lojas e os restaurantes a cintilar, qual miragem, do outro lado. Não havia como atravessar sem arriscar a vida, por isso não o fez. Quando regressou ao hotel, sentiu algo a arranhar-lhe os tornozelos e, ao examinar as meias, reparou que estavam cobertas de pequenos cardos, pequenas estrelas castanhas e pretas

incrivelmente aguçadas que mais pareciam armas em miniatura e que tinham de ser extraídas com imenso cuidado. Pousou-os em cima da secretária e fotografou-os de todos os ângulos. Eram tão perfeitamente sólidos e brilhantes que podiam passar por biotecnologia, mas, quando desfez um, viu que era real. Não, *real* não era a palavra certa. Tudo o que pode ser tocado é real. O que ela viu foi que se tratava de uma coisa que crescia, algo expelido por uma planta misteriosa que não existia nas colónias lunares, pelo que embrulhou algumas numa meia e depois guardou-a cuidadosamente dentro da mala de viagem, para oferecer à filha, Sylvie, que tinha cinco anos e colecionava esse tipo de curiosidades.

*

— Fiquei tão confusa com o seu livro — disse-lhe uma mulher em Dallas. — Tinha tantos elementos, em termos de narrativa, com todas aquelas personagens, estava sempre à espera de que se interligassem, mas acabou por não acontecer. O livro simplesmente chegou ao fim. Fiquei tipo... — A mulher encontrava-se a alguma distância, sentada entre o público, na penumbra, mas Olive percebeu que simulava folhear um livro e chegar ao fim das páginas. — Fiquei, tipo: «Hum? Será que faltam páginas ao livro?» Simplesmente *acabou*.

— Certo — retorquiu Olive. — Portanto, a sua pergunta é...

— Fiquei, tipo, *quê?* — insistiu a mulher. — A minha pergunta é... — Virou as palmas das mãos para cima, como quem diz: *Dê-me aqui uma ajuda, não me estou a conseguir expressar*.

O quarto de hotel dessa noite estava completamente decorado em tons de branco e preto. Olive sonhou que estava a jogar xadrez com a mãe.

Teria o livro terminado de uma forma demasiado abrupta? Durante três dias, essa pergunta não lhe saiu da cabeça, entre a República do Texas e a região ocidente do Canadá.

— Estou a tentar não ser pessimista — disse Olive, ao telemóvel com o marido —, mas quase não dormi nestes três dias e duvido que vá impressionar seja quem for na palestra desta noite. — Esta iria realizar-se em Red Deer. Do outro lado da janela do quarto do hotel, as luzes de umas torres residenciais reluziam na escuridão.

— Não seas pessimista — respondeu Dion. — Pensa naquela citação que tenho afixada no meu escritório.

— «A vida é bela se não desistires» — replicou Olive. — E por falar no teu escritório: como é que está a correr o trabalho?

Ele suspirou.

— Atribuíram-me o novo projeto. — Dion era arquiteto.

— A universidade nova?

— Sim, mais ou menos. Um centro para o estudo da física, mas também... Assinei um rigoroso acordo de confidencialidade, portanto, não comentes com ninguém, está bem?

— Claro que não. Não conto a ninguém. Mas o que tem a arquitetura de uma universidade de tão secreto?

— Não é bem... Não tenho a certeza se será realmente uma universidade. — Dion soava preocupado. — Há coisas muito estranhas nos projetos.

— Estranhas como?

— Bem, para começar, há um túnel subterrâneo que liga o edifício à Sede da Segurança — explicou ele.

— Por que razão uma universidade precisa de um túnel que liga à polícia?

— Sei tanto como tu. E o edifício situa-se nas traseiras do edifício do governo — acrescentou Dion —, algo a que, a princípio, não dei qualquer importância. Afinal de contas, são propriedades na zona nobre da baixa. Por que razão não haveria a universidade de ser construída ao lado do edifício do governo, não é? Só que os dois edifícios não são separados. Existem tantas passagens entre ambos que, para todos os efeitos, trata-se do mesmo edifício.

— Tens razão — respondeu Olive —, parece realmente estranho.

— De qualquer maneira, é um bom projeto para o meu portefólio.

Olive percebeu, no tom de voz, que ele queria mudar de assunto.

— Como está a Sylvie?

— Está bem. — De imediato, Dion mudou a conversa para um assunto trivial qualquer envolvendo a encomenda feita à mercearia e os almoços escolares de Sylvie, através da qual ela inferiu que Sylvie não estava a dar-se assim tão bem na sua ausência, mas estava agradecida pela generosidade de não lho ter transmitido.

Na manhã seguinte, apanhou um voo para uma cidade no Norte, para um dia inteiro de entrevistas, e à noite deu uma palestra, a que se seguiu uma longa fila

para autógrafos e um jantar tardio e depois três horas de sono e irem buscá-la ao aeroporto às três e quarenta e cinco da madrugada.

— O que é que faz, Olive? — perguntou-lhe a motorista.

— Sou escritora — retorquiu Olive. Fechou os olhos e encostou a cabeça à janela, mas a motorista tornou a falar:

— Escreve o quê?

— Livros.

— Conte-me mais.

— Bem — disse Olive —, ando em viagem por causa de um romance intitulado *Marienbad*. É sobre uma pandemia.

— É o seu trabalho mais recente?

— Não, entretanto já escrevi outros dois. Mas *Marienbad* vai ser adaptado para cinema, pelo que ando a promover a nova edição.

— Isso é muito interessante — respondeu a motorista, começando a falar sobre um livro que gostaria de escrever. Parecia ser uma espécie de épico de ficção científica/fantasia sobre o mundo atual, mas com feiticeiros, demónios e ratazanas falantes. As ratazanas eram boas. Ajudavam os feiticeiros. Eram ratazanas porque, em todos os livros que a motorista lera que envolviam animais falantes prestáveis, os animais eram sempre demasiado grandes. Cavalos e dragões e coisas do género. Mas como é que alguém se desloca discretamente pelo mundo com um dragão ou um cavalo? Não é sustentável. Experimente levar um cavalo a um bar. Não, aquilo que dá jeito, explicou ela, é um companheiro animal que caiba no bolso, como uma ratazana, por exemplo.

— Sim, as ratazanas são realmente mais fáceis de transportar — replicou Olive. Estava a tentar manter os olhos abertos, mas era muito difícil. O enorme camião de transporte que seguia à frente delas ziguezagueava constantemente em cima da linha central. Condução humana ou uma falha no *software*? De qualquer maneira, era perturbador. A motorista estava a falar sobre as possibilidades do multiverso: aqui as ratazanas não falam, explicou ela, mas isso não significa que não falem *noutro lugar*, não é? Parecia estar à espera de uma resposta.

— Bem, não percebo muito sobre a anatomia das ratazanas — replicou Olive —, tipo, se as suas caixas de voz e cordas vocais ou seja lá o que for serão capazes de reproduzir a fala humana, teria de pensar sobre esse assunto, talvez as ratazanas de outros universos pudessem ter uma anatomia diferente... — (Por essa altura, estava com toda a certeza a balbuciar ou mesmo a não dizer nada.

Era-lhe muito difícil manter-se acordada.) A traseira do camião de transporte era lindíssima, aço texturizado com um padrão de diamante que cintilava e brilhava sob a luz dos faróis.

— Quero dizer, sabemos lá — continuou a motorista — se não existe um universo onde o seu livro é real e não um trabalho de ficção?!

— Espero que não — retorquiu Olive. Já só conseguia manter os olhos semicerrados, e as luzes no seu campo de visão eram traços verticais, o painel de instrumentos, os faróis traseiros, os reflexos na traseira do camião.

— Quer então dizer que o seu livro — disse a motorista — é sobre uma pandemia?

— Sim. Uma gripe cientificamente pouco plausível. — Olive já não conseguia manter os olhos abertos, pelo que cedeu, fechando-os e entregando-se a esse estado meio adormecido do qual sabia poder ser arrancada pelo som de uma voz...

— Tem acompanhado as notícias sobre esta coisa nova — perguntou a motorista —, este novo vírus na Austrália?

— Mais ou menos — retorquiu Olive, com os olhos fechados. — Parece estar relativamente contido.

— Sabe, no meu livro — continuou a motorista — também se dá uma espécie de apocalipse. — Ela falou durante algum tempo sobre uma fenda catastrófica no *continuum* espaço-tempo, mas Olive estava demasiado cansada para acompanhar o raciocínio.

— Mantive-a acordada o tempo todo! — exclamou a motorista num tom jovial, ao mesmo tempo que o carro entrava no aeroporto. — Não dormiu nadinha de nada!

Doze horas depois, Olive estava a dar a sua palestra sobre *Marienbad*, que se baseava fortemente na sua pesquisa sobre a história das pandemias. Por essa altura, a palestra já lhe era tão familiar que exigia pouco em termos de pensamento consciente, e por isso a sua mente começou a divagar. Não parava de pensar na conversa com a motorista, pois lembrava-se de ter dito *Parece estar relativamente contido*, mas eis uma pergunta epidemiológica: quando se fala sobre surtos de doenças infecciosas, não será *relativamente contido* o mesmo que *nada contido*? *Concentra-te*, disse para si mesma, regressando à realidade do pódio, da luz intensa e do microfone.

— Na primavera de 1792 — disse ela —, o comandante George Vancouver

zarpou rumo a norte, ao longo da costa daquilo que mais tarde seria a Colúmbia Britânica, a bordo do HMS *Discovery*. Enquanto ele e a tripulação viajavam em direção a norte, os homens começaram a ficar cada vez mais agitados. Ali o clima era temperado, a paisagem era de um verde incrível, e, no entanto, a região parecia estranhamente vazia. Vancouver escreveu no seu diário de bordo: «Viajámos ao longo de cerca de cento e cinquenta milhas de costa sem que víssemos um número normal de habitantes.» — Uma pausa para permitir que a informação fosse interiorizada, enquanto Olive bebia um gole de água. Um vírus ou está contido ou não está. É uma condição binária. Ela não tem dormido o suficiente. Pousa o copo de água.

— Quando se arriscaram a desembarcar, depararam com aldeias com capacidade para centenas de pessoas, no entanto, essas aldeias estavam abandonadas. Quando se aventuraram terreno adentro, constataram que a floresta era um cemitério. — Antes de ter dado à luz a filha, essa parte da palestra fora sempre fácil, mas agora era quase impossível. Olive fez uma pausa, para se controlar. — Havia canoas com restos humanos pendurados nas árvores, a cerca de três ou quatro metros de altura — explicou ela. *Restos humanos que não eram a Sylvie. Não eram a Sylvie. Não eram a Sylvie.* — E também encontraram esqueletos na praia. Porque a varíola já ali tinha chegado.

Na fila para os autógrafos, após a palestra dessa noite, enquanto assinava repetidamente o seu nome, os pensamentos de Olive insistiam em focar-se na desgraça. *Para Xander, com votos de felicidades, Olive Llewellyn. Para Claudio, com votos de felicidades, Olive Llewellyn. Para Sohail, com votos de felicidades, Olive Llewellyn. Para Hyeseung, com votos de felicidades, Olive Llewellyn.* Iria ter lugar mais uma pandemia? Nessa manhã, um novo foco de casos surgira na Nova Zelândia.

*

O quarto de hotel dessa noite era essencialmente bege, com a pintura de uma flor cor-de-rosa da Terra, exibindo um número extravagante de pétalas — uma peónia? —, pendurada por cima da cama.

— Um ano antes — contou Olive a outro público, a mesma palestra numa cidade diferente —, em 1791, um navio mercante, o *Columbia Rediviva*, velejara nessas mesmas águas. Comercializavam pele de lontra-marinha. — Qual seria o

aspecto de uma lontra-marinha? Olive nunca vira uma. Decidiu pesquisar mais tarde. — E tiveram uma experiência semelhante. Deparam-se com uma terra despovoada, e os poucos sobreviventes que encontraram tinham histórias terríveis para contar e cicatrizes horrendas. «Era por demais evidente que estes nativos tinham sido visitados por esse flagelo da humanidade chamado varíola», escreveu um membro da tripulação, John Boit. Outro marinheiro, John Hoskins, ficou completamente indignado: «Infames europeus, um escândalo para a cristandade; foram vocês», escreveu ele, «que trouxeram e deixaram a mais repugnante das doenças num país com pessoas a quem apelidam de selvagens?»

Um gole de água. O público estava em silêncio. (Um pensamento passageiro que lhe soube a triunfo: *Tenho a sala na palma da mão.*)

— Mas, como é óbvio — continuou ela —, há sempre um princípio. Antes de a varíola poder ser levada da Europa para as Américas, teve de chegar primeiro à Europa.

Nessa noite, levantou-se da cama e foi contra uma mesinha de apoio, pois tinha na cabeça a disposição do quarto de hotel da noite anterior.

Na manhã seguinte, numa longa viagem de carro entre cidades, o motorista perguntou se Olive tinha filhos.

— Tenho uma filha — respondeu Olive.

— Que idade tem?

— Cinco anos.

— Então o que está aqui a fazer? — perguntou o motorista.

— Bem, é assim que a sustento — respondeu ela, no seu tom de voz mais brando e sem acrescentar *Vá à merda, de certeza que jamais faria essa pergunta a um homem* porque, afinal de contas, estavam sozinhos no carro, esse homem e Olive. Observando as árvores passar a toda a velocidade do outro lado da janela; estavam a atravessar uma reserva florestal. Imaginando Sylvie sentada ao seu lado, imaginando que, se quisesse, podia estender o braço e agarrar-lhe a mão pequenina e quente.

— Cresceu lá em cima? Nas colónias? — perguntou ele abruptamente, ao fim de algum tempo. Antes tinham estado a falar sobre as colónias lunares.

— Sim. A minha avó foi uma das pioneiras.

Às vezes gostava de imaginar a avó, com vinte anos, a partir do Terminal de

Aeronaves de Vancouver ao raiar do dia, a sua nave a sair disparada, rumo à escuridão.

— Ando há que tempos para ir lá acima — disse o motorista. — Mas nunca o fiz.

Lembra-te de que tens a sorte de poder viajar. Lembra-te de que algumas pessoas nunca saem deste planeta. Olive fechou os olhos, para melhor imaginar Sylvie sentada ao seu lado.

— A propósito, a senhora cheira bem — comentou o motorista.

Os quatro quartos de hotel seguintes eram brancos e cinzentos e tinham disposições idênticas, porque os quatro hotéis pertenciam à mesma cadeia.

— É a primeira vez que fica hospedada connosco? — perguntou-lhe uma mulher no balcão de receção do terceiro ou quarto hotel, e Olive não sabia como lhe responder, pois não é verdade que quem conhece um Marriot é como se já os conhecesse a todos?

Mais uma cidade:

— Antes de a varíola poder ser levada da Europa para as Américas, teve de chegar primeiro à Europa. — Olive começava a arrepender-se de ter vestido uma camisola. As luzes em Toronto eram demasiado quentes. — Em meados do século II, soldados romanos no regresso do cerco à cidade mesopotâmica de Selêucia trouxeram para a capital uma nova doença.

»Vítimas da Peste Antonina, nome pelo qual ficou conhecida, desenvolveram febre, vômitos e diarreia. Passados alguns dias, aparecia-lhes uma erupção cutânea terrível. A população não tinha imunidade. — Olive dera aquela palestra tantas vezes que já se sentia uma espécie de observadora neutra. Escutava as palavras e as cadências com um certo distanciamento.

»Quando a Peste Antonina se disseminou pelo Império Romano — explicou Olive ao público —, o exército foi dizimado. Houve partes do império em que morria uma em cada três pessoas. Eis algo interessante: os romanos perguntaram-se se não teriam feito recair essa calamidade sobre eles por causa dos seus atos na cidade de Selêucia.

Estava no quarto de hotel dessa noite — essencialmente bege e azul, com alguns apontamentos cor-de-rosa — quando recebeu uma chamada de Dion. Não era normal: regra geral, era ela quem lhe telefonava. Dion parecia cansado. Estivera a trabalhar longas horas, explicou-lhe, o projeto da nova universidade

era assustador, e Sylvie andava um pouco difícil. Nesse dia, quando fora buscar Sylvie à escola, ela não quisera ir com ele e fizera uma birra, e toda a gente ficara com pena dele, Dion percebera-o nas expressões das pessoas.

— Tens andado a acompanhar as notícias sobre esta nova doença na Austrália? — perguntou-lhe ele. — É algo que me está a preocupar.

— Nem por isso — retorquiu ela. — Para ser sincera, tenho estado demasiado cansada para sequer pensar.

— Quem me dera que voltasses para casa.

— Voltarei em breve.

Ele calou-se.

— É melhor ir — disse Olive. — Boa noite.

— Boa noite — respondeu ele e depois desligou a chamada.

*

— Na cidade de Selêucia — disse Olive para um grupo de pessoas na Biblioteca Mercantil de Cincinnati, um ou dois dias depois —, o exército romano tinha destruído o templo de Apolo. Nesse templo, segundo escreveu o historiador contemporâneo Amiano Marcelino, os soldados romanos tinham encontrado uma fenda estreita. Quando os romanos alargaram essa abertura, na esperança de que talvez contivesse coisas de valor, Marcelino escreveu que «dela emanou uma pestilência, carregada do poder de uma doença incurável, que poluiu o mundo inteiro, desde as fronteiras da Pérsia ao Reno e à Gália, com contágio e morte».

Um compasso de espera. Um gole de água. Era importante marcar o ritmo.

— Esta explicação pode parecer-nos um pouco disparatada agora, mas estavam ansiosos por encontrar uma explicação para o pesadelo que se abatera sobre eles, e acho que, no seu exotismo, esta explicação vai até à raiz do nosso medo: a doença continua a carregar o peso de um terrível mistério.

Olhou para a assistência e viu, como sempre acontecia nesse momento da palestra, uma expressão característica nos rostos de alguns elementos do público, um tipo específico de mágoa. Num grande grupo de pessoas haverá sempre várias com doenças incuráveis e outras que perderam recentemente alguém querido por motivo de doença.

— Está preocupada com o novo vírus? — perguntou Olive à diretora da biblioteca em Cincinnati. Encontravam-se sentadas no gabinete da diretora, que

de imediato Olive classificou como sendo provavelmente o seu favorito entre todos os escritórios que já conhecera. Situava-se sob as estantes principais, que tinham centenas de anos e eram feitas de ferro forjado.

— Estou a tentar não me preocupar — respondeu a diretora. — Tenho esperança de que acabe por desaparecer.

— Penso que é o que costuma acontecer — retorquiu Olive. Seria verdade? Não estava muito segura.

A diretora da biblioteca acenou com a cabeça, desviando o olhar. Era evidente que não queria discutir pandemias.

— Deixe-me contar-lhe um pormenor magnífico sobre este espaço — disse ela.

— Sim, por favor — respondeu Olive. — Há muito que ninguém me conta algo magnífico.

— O edifício não é nosso — explicou a diretora —, mas temos um contrato de arrendamento de dez mil anos.

— Tinha razão. É realmente magnífico.

— A presunção do século xix. Imagine pensar que ainda haverá uma civilização daqui a dez mil anos. Mas há mais... — Inclinou-se para a frente e fez uma pausa, para causar impacto: — O contrato é renovável.

A janela no quarto de hotel dessa noite abria-se, o que, após uma série de quartos com janelas que não se abriam, era uma espécie de milagre. Olive passou imenso tempo a ler junto à janela, sentindo o ar fresco maravilhoso.

Na manhã seguinte, ao partir de Cincinnati, Olive assistiu ao pôr do sol na sala de espera do aeroporto. O calor a reluzir sobre o alcatrão, o horizonte manchado de rosa. *Paradoxo: quero ir para casa, mas era capaz de ficar para sempre a ver os pores do sol na Terra.*

— A verdade é que — disse Olive, posicionada atrás de um leitoril em Paris —, mesmo agora, tantos séculos depois, apesar de todos os nossos avanços tecnológicos e de todo o nosso conhecimento científico sobre as doenças, continuamos a nem sempre saber por que motivo uma pessoa adoece e outra não ou por que motivo um paciente sobrevive e outro não. A doença assusta-nos porque é caótica. Há uma aleatoriedade terrível associada à mesma.

Nessa noite, na receção, alguém lhe tocou no ombro, e, quando se virou, viu

que se tratava de Aretta, a sua agente publicitária da República Atlântica.

— Aretta! — exclamou ela. — O que faz em Paris?

— Estou de folga — respondeu Aretta —, mas uma das minhas melhores amigas trabalha para a sua editora francesa e arranjou-nos bilhetes para o evento, por isso lembrei-me de a vir cumprimentar.

— Que bom vê-la por aqui — disse-lhe Olive, e estava a ser sincera, mas alguém a puxava para ir falar com um grupo de patrocinadores e livreiros, pelo que, durante algum tempo, Olive permaneceu num círculo de pessoas que queriam saber quando seria publicado o seu próximo livro, se estava a gostar de França e onde se encontrava a sua família.

— Deve ter um marido muito compreensivo — disse-lhe uma mulher —, para estar a cuidar da sua filha enquanto faz isto.

— Como assim? — perguntou Olive, embora soubesse perfeitamente o que a mulher queria dizer.

— Quero dizer, ele está a cuidar da sua filha, enquanto a Olive faz isto.

— Peço desculpa — disse Olive —, receio que haja um problema qualquer com o meu robô tradutor. Pareceu-me que tinha dito que ele era compreensivo por estar a cuidar da própria filha. — Quando virou costas, percebeu que estava a cerrar os dentes. Procurou Aretta, mas não a encontrou.

Os quatro quartos de hotel que se seguiram eram bege, azul, outra vez bege e depois essencialmente branco, mas todos tinham flores de seda numa jarra em cima da secretária.

— Qual é a sensação? — perguntou-lhe o entrevistador. Era difícil parar de pensar na mulher em Paris, mas Olive estava a tentar. *Segue em frente.* Olive e o entrevistador estavam num palco em Tallinn. As luzes eram extremamente quentes.

— Como assim? — Tratava-se de uma estranha pergunta inicial.

— Qual é a sensação de escrever um livro tão bem-sucedido? Qual é a sensação de ser a Olive Llewellyn?

— Ah! Para dizer a verdade, é algo surreal. Escrevi três livros em que ninguém reparou, sem qualquer distribuição além das colónias lunares, e depois... É como entrar num universo paralelo — explicou Olive. Quando publiquei *Marienbad*, por alguma razão, caí numa espécie de mundo ao contrário onde as pessoas leem realmente o meu trabalho. É extraordinário.

Espero nunca me habituar.

Nessa noite, o motorista que levou Olive para o hotel tinha uma voz lindíssima e cantou uma antiga canção de *jazz*, durante a viagem. Olive abriu a janela do aerodeslizador e fechou os olhos para poder desfrutar melhor da música e do ar fresco na face, e durante vários minutos sentiu-se absolutamente feliz.

— É impressionante como o tempo abranda quando viajo — disse Olive, ao telemóvel com Dion. Estava deitada de costas no chão de mais um quarto de hotel, a contemplar o teto. Estaria mais confortável na cama, mas doíam-lhe as costas, e o pavimento duro proporcionava-lhe algum alívio. — Tenho a sensação de andar nisto há seis meses. Não percebo como é que ainda só estamos em novembro.

— Só se passaram três semanas.

— Foi o que eu disse.

O silêncio instalou-se entre eles.

— Ouve — disse Olive —, a questão é que é perfeitamente possível sentirmo-nos gratos pelas circunstâncias extraordinárias em que nos encontramos e, ao mesmo tempo, ansiarmos por estar com aqueles que amamos.

Sentiu a tensão amainar entre ambos, antes de ele falar.

— Eu sei, amor — respondeu-lhe Dion, num tom afetuoso. — Nós também temos saudades tuas.

— Tenho estado a pensar no teu projeto — disse ela. — Por que razão uma universidade necessitaria de uma passagem subterrânea para a sede da polícia e...

Porém, o dispositivo de Dion estava a tocar.

— Peço desculpa — disse ele —, é o meu chefe. Falamos depois?

— Sim, falamos depois.

*

Ia numa aeronave a atravessar o Atlântico quando lhe ocorreu a resposta para o quebra-cabeças.

Havia várias décadas que equipas de investigação estudavam as viagens no tempo, tanto na Terra como nas colónias. Nesse contexto, uma universidade para o estudo da Física com uma passagem subterrânea para a sede da polícia e

um sem-fim de portas traseiras para o governo fazia todo o sentido. O que é viajar no tempo senão um problema de segurança?

Continuava a procurar a canção que o motorista de Tallinn cantara, mas não a conseguia encontrar. Não se recordava da letra. Continuou a introduzir palavras no seu dispositivo (amor + chuva + morte + dinheiro + letras + canção), sem resultado.

Em Lyon, num festival dedicado ao género de mistério, a agente publicitária francesa de Olive levou-a para uma sala de imprensa onde a entrevistadora, uma mulher que trabalhava para uma revista, programava uma série de câmaras holográficas.

— Olive — disse a entrevistadora —, adoro o seu trabalho.

— Obrigada, é muito simpático da sua parte.

— Pode sentar-se naquela cadeira, por favor?

Olive obedeceu. Uma assistente prendeu-lhe um microfone na blusa.

— Estou a escrever um artigo sobre todos os autores presentes no festival — explicou a entrevistadora. — Trata-se apenas de uma entrevista curta. É uma coisa divertida para o nosso público.

— Divertida? — Olive ficou apreensiva. A sua agente publicitária francesa lançou um olhar alarmado à entrevistadora.

— Podemos começar?

— Claro. — Dez câmaras holográficas flutuaram pelo ar e rodearam Olive como um anel de estrelas, construindo uma impressão em compósito.

— Ora bem — começou a entrevistadora —, estas perguntas são todas viradas para o mistério!

— Porque estamos num festival literário dedicado ao mistério — disse Olive.

— Exatamente. Portanto, primeira pergunta: qual é o seu álibi favorito?

— O meu... álibi favorito?

— Sim.

— Não tenho propriamente... Limito-me a dizer que tenho outros planos. Quando não quero fazer algo.

— Sei que é casada com um homem — disse a entrevistadora. — Quando conheceu o seu marido, quando é que percebeu que o amava?

— Bem — respondeu Olive —, penso que foi uma espécie de reconhecimento, se é que faz sentido. Quando o conheci, lembro-me de olhar

para ele e de perceber que seria importante na minha vida. Mas será que isto é uma pista?

— Qual é a sua ideia de homicídio perfeito?

— Lembro-me de, em tempos, ter lido uma história sobre um tipo que tinha sido esfaqueado com um sincelo — retorquiu Olive. — Penso que é mais ou menos perfeito, um crime em que a arma se derrete. Posso saber se tem alguma questão relacionada com o meu trabalho?

— Só mais uma. Ora bem, última pergunta: sexo com ou sem algemas?

Olive soltou o microfone da camisa, ao mesmo tempo que se punha de pé. Pousou o microfone com cuidado em cima da cadeira.

— Sem comentários — respondeu e abandonou a sala antes que a entrevistadora lhe visse as lágrimas nos olhos.

Em Xangai, Olive passou ao todo três horas a falar sobre si e sobre o seu livro, o que implicou falar sobre o fim do mundo, ao mesmo tempo que tentava não imaginar o mundo a acabar com a sua filha nele, e depois regressou ao hotel, onde reparou, no corredor, que estava a ter alguma dificuldade em caminhar a direito. Nunca bebia, mas às vezes a embriaguez e o cansaço tinham o mesmo aspeto. Olive atravessou o corredor e entrou no quarto a cambalear. Fechou a porta atrás de si e deixou-se ficar quieta durante imenso tempo, a testa encostada à parede fresca imediatamente acima do interruptor de luz. Após alguns instantes, ouviu a sua própria voz repetir: *É de mais. É de mais. É de mais.*

— Olive — perguntou o sistema de inteligência artificial do quarto, ao fim de algum tempo: — Precisa de alguma coisa? — Como Olive não respondeu, o sistema repetiu a pergunta em mandarim e depois em cantonês.

— Olive, isto vem completamente a despropósito, mas fui ama da sua agente — disse-lhe uma mulher no dia seguinte, numa fila para autógrafos em Singapura.

— Que mensagem gostaria que os seus leitores retirassem de *Marienbad*? — perguntou-lhe outro entrevistador.

Olive e o entrevistador encontravam-se num palco em Tóquio. O entrevistador era um holograma, pois, por motivos pessoais não especificados, não pudera sair de Nairobi. Olive suspeitava de que os motivos pessoais estivessem relacionados com doença: a imagem do entrevistador estava constantemente a parar, mas o som não parecia desfasado, o que significava que

a imagem do entrevistador não estava a parar devido a uma má ligação, mas porque ele estava sempre a premir o botão «Tossir» na sua consola.

— Tentei apenas escrever um livro interessante — respondeu Olive. — Não há mensagem nenhuma.

— Tem a certeza? — insistiu o entrevistador.

— Pode autografar um livro usado? — perguntou uma mulher, numa fila para autógrafos.

— Claro que sim, será um prazer.

— Outra coisa — perguntou a mulher —, esta letra é sua?

Alguém, e não fora Olive, escrevera no exemplar de *Marienbad* dessa mulher: *Harold: a noite passada foi muito agradável. Beijos. Olive Llewellyn.*

Olive fitou a mensagem e sentiu uma ligeira tontura.

— Não — retorquiu —, não faço ideia de quem escreveu isso.

*

(Depois disso, andou distraída durante vários dias, a imaginar uma Olive sombra envolvida numa espécie de promoção literária paralela, a escrever mensagens pouco características nos livros de Olive.)

Na Cidade do Cabo, Olive conheceu um autor que estava em digressão com o marido há ano e meio, promovendo um livro que vendera várias vezes o número de exemplares de *Marienbad*.

— Estamos a tentar perceber quanto tempo conseguimos viajar até termos de voltar para casa — disse-lhe o autor. O nome dele era Ibby, diminutivo de Ibrahim, e o marido chamava-se Jack. Estavam os três sentados no terraço do último piso do hotel, à noite, um espaço repleto de autores participantes num festival literário.

— Estão a tentar evitar voltar para casa? — perguntou-lhe Olive. — Ou simplesmente gostam de viajar?

— As duas coisas — replicou Jack. — Gosto de andar em digressão.

— E o nosso apartamento é medíocre — disse Ibby —, mas ainda não decidimos o que fazer em relação a isso. Mudar? Redecorar? Tanto nos pode dar para uma coisa como para outra.

Havia dezenas de árvores nesse terraço, dentro de vasos enormes, os ramos decorados com luzinhas. Ouvia-se música algures, um quarteto de cordas. Olive

envergava o vestido de gala específico dessa digressão, prateado e comprido, até aos tornozelos. *Este é um desses momentos glamorosos*, pensou Olive, compartimentalizando o pensamento para o aproveitar mais tarde. A brisa soprava um aroma a jasmim.

— Hoje ouvi uma boa notícia — disse Jack.

— Conta-me — respondeu Ibby. — Passei o dia fechado no festival literário. Numa espécie de *blackout* informativo.

— Iniciaram a construção na primeira das Colónias Distantes — respondeu Jack.

Olive sorriu e quase falou, mas, por momentos, ficou sem palavras. O planeamento para as Colónias Distantes começara ainda os avós dela eram crianças. Recordaria este momento para sempre, pensou, esta festa, estas pessoas com quem simpatizava imenso e que talvez não voltasse a ver. Iria poder dizer a Sylvie onde se encontrava no preciso instante em que tomara conhecimento dessa notícia. Quando fora a última vez que ficara genuinamente impressionada com algo? Há muito tempo. Olive sentiu uma felicidade imensa. Ergueu o copo no ar.

— Um brinde a Alpha Centauri — disse.

Em Buenos Aires, Olive conheceu uma mulher que queria mostrar-lhe uma tatuagem.

— Espero que não ache isto constrangedor — disse ela, arregaçando a manga para revelar uma citação do livro, *Sabíamos que vinha aí*, num bonito arabesco no ombro esquerdo.

Olive ficou sem fôlego. Não se tratava apenas de uma frase tirada de *Marienbad*, mas de uma tatuagem de *Marienbad*. Na segunda metade do romance, a sua personagem Gaspéry-Jacques tatuara essa frase no braço esquerdo. Escrevemos um livro com uma tatuagem fictícia, e depois essa tatuagem torna-se real, pelo que, a partir daí, tudo parece possível. Já vira cinco tatuagens como aquela, mas o facto não a tornava menos extraordinária, ver a forma como a ficção se pode transpor para o mundo e deixar uma marca na pele de alguém.

— É incrível — disse Olive, calmamente. — É incrível ver essa tatuagem no mundo real.

— É a minha frase favorita do seu livro — respondeu ela. — Aplica-se a tanta coisa, não é verdade?

Mas não será verdade que tudo nos parece óbvio em retrospectiva? O lusco-fusco azulado sobre as pradarias, enquanto deslizava rumo à República de Dakota numa aeronave de baixa altitude. Olive espreitou pela janela e tentou encontrar alguma paz nessa paisagem. Recebera um novo convite para um festival em Titan. Não ia lá desde criança e tinha apenas memórias vagas de multidões no Golfinário, de umas pipocas estranhamente sem sabor, da neblina quente e amarelada do céu diurno — estivera naquilo a que se chamava uma Colônia Realista, um dos postos avançados em que os colonos tinham optado por cúpulas transparentes, para poderem contemplar as verdadeiras cores da atmosfera titaniana — e de modas estranhas, uma coisa que todos os adolescentes faziam e que envolvia pintarem o rosto como píxeis, enormes quadros de cor que deveriam servir para derrotar o *software* de reconhecimento facial, mas que tinha o efeito de os fazer parecer palhaços dementes. Deveria ir a Titan? *Quero ir para casa.* Onde estaria Sylvie nesse momento? *Mas isto é mais fácil do que ter um emprego normal, não te esqueças disso.*

— Lembro-me de ter lido algures — disse-lhe um entrevistador — que o título do seu primeiro livro foi inspirado no seu último emprego?

— Sim — replicou Olive —, surgiu-me no trabalho, um dia.

— O seu primeiro romance foi, claro, *Estrelas Flutuantes com Grinaldas Douradas*. Pode falar-me um pouco desse título?

— Sim, claro. Na altura trabalhava em formação de Inteligência Artificial. Portanto, claro, corrigia as versões estranhas feitas pelos robôs tradutores. Lembro-me de estar sentada num gabinete minúsculo e apertado...

— Isso na Colônia Dois?

— Sim, na Colônia Dois. O meu trabalho consistia em passar o dia inteiro a reformular frases menos felizes. Só que uma dessas frases paralisou-me, pois podia ser estranha e errada, mas fiquei apaixonada por ela. — Olive contara essa história tantas vezes que era como debitar as deixas de uma peça de teatro. — Tratava-se da descrição de umas velas votivas que tinham pequenos poemas gravados nos suportes. A descrição fora traduzida para algo como *sete motivos para poesia*, e depois uma das descrições das velas dizia *Estrelas Flutuantes com Grinaldas Douradas*. A beleza dessas frases, sei lá, paralisou-me.

Paralisou-me. Dois dias depois, estava num painel com outra escritora, num festival na cidade-estado de Los Angeles, quando a implicação dessa frase

acabara de lhe ocorrer. O que nos paralisa? A morte, claro. Olive mal podia acreditar que aquilo nunca lhe ocorrera. Los Angeles ficava sob uma cúpula, mas mesmo assim a luz que entrava pelas janelas era ofuscante. Isso significava que ela não conseguia ver o público, o que, na verdade, era ideal. Todos aqueles rostos a olhar para ela. Não, para elas: o nome da outra escritora era Jessica Marley, e Olive estava aliviada por Jessica também estar presente, embora não simpatizasse particularmente com ela. Jessica ofendia-se com tudo, o que é inevitável quando nos movemos pelo mundo em busca de ofensas.

— Bem, nem todos somos doutorados em Literatura, Jim — disse Jessica ao entrevistador, em resposta a uma qualquer provocação impercetível. O olhar no rosto dele espelhava os pensamentos de Olive nesse instante: *Bem, parece que a conversa deu para o torto em menos de nada*. Porém, um homem no público levantara-se para fazer uma pergunta sobre *Marienbad*. Quase todas as perguntas eram sobre *Marienbad*, o que era constrangedor, pois Jessica também estava presente, ela e o seu livro sobre o período de passagem à idade adulta nas colônias lunares. Olive fingia não ter lido *Nascer/Lua* porque o detestara. Olive vivera essa experiência e não era, nem de longe, tão poético como sugeria o livro de Jessica. Crescer numa colônia lunar era o que era. Não era fantástico nem distópico. Era uma casa pequena, num bairro agradável com ruas ladeadas de árvores, uma escola pública decente mas não extraordinária e a vida vivida com uns consistentes quinze a vinte e dois graus Celsius, sob uma luz cuidadosamente calibrada e chuvas programadas. Ela não crescera a «ansiar pela Terra», nem se sentira *constantemente deslocada*, muito obrigada.

— Queria perguntar à Olive sobre a morte do profeta em *Marienbad* — disse o homem no público. Jessica suspirou e afundou-se ligeiramente na cadeira. — Podia ter sido um momento de maior relevância, mas decidiu torná-lo um acontecimento de certa maneira pequeno e anticlimático.

— A sério? Eu achei precisamente o contrário — retorquiu Olive, no tom mais moderado possível.

Ele sorriu, para lhe agradar.

— Mas escolheu torná-lo muito pequeno, quase inconsequente, quando podia ter sido cinematográfico, algo realmente significativo. Porquê?

Jessica endireitou-se no lugar, entusiasmada com a ideia de um confronto.

— Bem — replicou Olive. — Penso que toda a gente terá a sua ideia do que é considerado um momento significativo.

— A Olive é mestre na arte da deflexão — murmurou Jessica, sem olhar para

ela. — É uma espécie de ninja da deflexão.

— Obrigada — respondeu Olive, embora soubesse que não se tratava de um elogio.

— Passemos à pergunta seguinte — disse o entrevistador.

— Sabe qual é a frase que não me sai da cabeça? — perguntou um poeta num painel diferente, num festival em Copenhaga. — «O feitiço vira-se contra o feiticeiro.» Porque nunca é um bom feitiço. Nunca é: alguém foi boa pessoa, mas agora o seu feitiço vai virar-se contra ela. Um feitiço nunca é bom. Os feitiços são sempre maus.

Uma gargalhada geral e aplausos. Um homem no público estava a ter um ataque de tosse. Apressou-se a sair da sala, curvando-se em jeito de pedido de desculpa. Olive escreveu *nada de bons feitiços* na margem do seu programa do festival.

A morte do profeta em *Marienbad* teria sido demasiado anticlimática? Parecia-lhe possível que sim. Olive estava sentada sozinha no bar de um hotel, perto do festival de Copenhaga, a beber um chá e a comer uma salada velha com demasiado queijo. Por um lado, a morte do profeta *era* dramática. Afinal de contas, levara um tiro na cabeça, mas talvez devesse ter havido uma espécie de cena de batalha, talvez a morte tivesse sido realmente demasiado informal, pela maneira como ele passara de estar de perfeita saúde à morte, no decorrer de um parágrafo, e pela forma como a história continuara sem ele...

— Quer que lhe traga mais alguma coisa? — perguntou o empregado de bar.

— Só a conta, por favor — pediu Olive.

... Mas, por outro lado, a realidade não é mesmo assim? Não é verdade que a maior parte das pessoas morre de uma forma relativamente anticlimática, com a nossa extinção a passar despercebida a quase toda a gente, as nossas mortes a tornarem-se pontos de viragem nas narrativas das pessoas que nos rodeiam? Mas, como é óbvio, *Marienbad* era um trabalho de ficção, ou seja, a realidade não era relevante para a questão em causa, e talvez a morte do profeta fosse realmente uma falha. Agora Olive segurava a caneta, imóvel, sobre o cheque, mas havia um problema: esquecera-se do número do seu quarto. Teve de ir solicitá-lo ao balcão da receção.

— Acontece com mais frequência do que imagina — respondeu-lhe o empregado na receção.

Na manhã seguinte, no terminal de aeronaves, sentou-se ao lado de um homem de negócios que quis contar-lhe tudo acerca do seu trabalho, algo relacionado com a deteção de aço de contrafação. Olive ouviu-o durante imenso tempo, pois o monólogo distraía-a das saudades que sentia de Sylvie.

— E você, o que faz? — perguntou-lhe o viajante, por fim.

— Escrevo livros — respondeu Olive.

— Para crianças? — indagou ele.

Quando Olive tornou a passar pela República Atlântica, ver a sua agente publicitária da RP foi como reencontrar uma velha amiga. Aretta e Olive ficaram sentadas lado a lado durante um jantar para livreiros, em Jersey City.

— Como tem corrido desde a última vez que nos vimos? — perguntou Aretta.

— Bem — retorquiu Olive —, tem corrido bem. Não me posso queixar. — E então, porque estava cansada e porque já conhecia Aretta um pouco melhor, quebrou a sua própria regra sobre nunca revelar nada pessoal e acrescentou: — Só que é muita gente...

Aretta sorriu.

— As agentes publicitárias não deviam ser tímidas — disse ela —, mas confesso que às vezes me sinto um pouco assoberbada nestes jantares.

— Também eu — admitiu Olive. — Fico cansada de tanto sorrir.

*

O quarto de hotel dessa noite era branco e azul. O problema de estar longe do marido e da filha era que cada quarto de hotel lhe parecia mais vazio do que o anterior.

A última entrevista da digressão aconteceu na tarde seguinte, em Filadélfia, onde Olive conheceu um homem vestido com um fato escuro, mais ou menos da sua idade ou até mais novo, na bonita sala de reuniões de um hotel. A sala situava-se num andar de topo com uma parede de vidro e a cidade a estender-se lá em baixo, diante deles.

— Aqui estamos — disse Aretta, com jovialidade. — Olive, este é o Gaspery Roberts, da *Contigencies Magazine*. Preciso de fazer uns telefonemas, por isso vou deixar-vos. — Ela retirou-se. Olive e o entrevistador sentaram-se em poltronas de veludo verde idênticas.

— Obrigado por ter aceitado encontrar-se comigo — disse-lhe o homem.

— O prazer é todo meu. Importa-se que lhe pergunte o seu nome? Acho que nunca conheci um Gasperry.

— Vou contar-lhe algo ainda mais estranho — respondeu ele. — O meu nome é Gasperry-Jacques.

— A sério? Julgava que fora eu própria a inventar esse nome para aquela personagem em *Marienbad*.

Ele sorriu.

— A minha mãe ficou admiradíssima quando leu o nome no seu livro. Também estava convencida de que fora ela a inventá-lo.

— Talvez tenha visto o seu nome algures, e tenha ficado no meu subconsciente.

— Tudo é possível. Às vezes é complicado sabermos o que sabemos, não é? — Tinha uma maneira delicada de falar que agradava a Olive e uma ligeira pronúncia que ela não conseguia localizar. — Passou o dia a dar entrevistas?

— Metade do dia. Esta é a quinta.

— Caramba. Nesse caso, serei breve. Gostaria de lhe perguntar sobre uma cena específica de *Marienbad*, se me permite.

— Claro que sim.

— A cena no porto espacial — disse ele. — Em que Willis ouve o violino e é... transportado.

— É uma passagem invulgar — respondeu Olive. — Fazem-me muitas perguntas sobre ela.

— Gostaria de lhe perguntar algo. — Gasperry hesitou. — Poderá parecer um pouco... Não quero ser intrometido. Mas haverá algum elemento de... Essa parte do livro foi inspirada em alguma experiência pessoal?

— Nunca me interessei por autoficção — replicou Olive, mas agora era-lhe difícil olhá-lo nos olhos. Sentira sempre alguma estabilidade ao fitar as próprias mãos unidas em cima do colo, mas não sabia se eram as mãos ou a camisa, os punhos imaculadamente brancos. A roupa é uma armadura.

— Ouça — disse Gasperry —, não é minha intenção deixá-la pouco à vontade ou colocá-la numa situação difícil. Tenho apenas curiosidade em saber se experienciou algo estranho no Terminal de Aeronaves de Oklahoma City.

No silêncio, Olive ouvia o zunido baixo do edifício, os sons da ventilação e da canalização. Talvez não o tivesse admitido se ele não a tivesse apanhado já no final da digressão, se não se sentisse tão fatigada.

— Não me importo de falar sobre o assunto — respondeu —, mas tenho receio de parecer demasiado excêntrica se isso for incluído na versão final da entrevista. Podemos falar *off the record*, por uns instantes?

— Sim — retorquiu ele.



MAUS FEITIÇOS /
2401

Nenhuma estrela brilha para sempre. Podemos dizer «é o fim do mundo» e sermos sinceros, mas o que se perde na utilização despreocupada dessa expressão é que o mundo acabará realmente por chegar ao fim. Não a «civilização», seja ela o que for, mas o planeta em si.

O que não significa que esses pequenos fins não sejam aniquiladores. Um ano antes de ter começado a minha formação no Instituto do Tempo, fui jantar a casa do meu amigo Ephrem. Ele tinha acabado de chegar de umas férias na Terra e contou-me uma história sobre ter ido dar um passeio num cemitério com a filha, Meiyong, que na altura tinha quatro anos. Ephrem era arborista. Gostava de visitar cemitérios antigos para ver as árvores. Mas na altura encontraram a sepultura de outra menina de quatro anos, contou-me ele, e depois disso já só quis sair de lá para fora. Estava acostumado a cemitérios, fazia questão de os visitar, sempre dissera que não os considerava deprimentes, apenas tranquilos, mas aquela sepultura em particular incomodara-o. Olhou para ela e sentiu uma tristeza imensa. Além disso, foi num daqueles dias de verão na Terra mais complicados, com imensa humidade, e ele sentia que não conseguia respirar bem. O ruído das cigarras era opressivo. A transpiração escorria-lhe pelas costas. Disse à filha que estava na altura de se irem embora, mas ela demorou-se junto à sepultura.

— Se os pais dela a amavam — disse Meiyong —, para eles deve ter sido como se fosse o fim do mundo.

Tratava-se de uma observação tão assustadoramente astuta, explicou-me Ephrem, que ele ficou espedaçado a olhar para ela e deu por si a pensar: *De onde terás vindo tu?* Saíram do cemitério com alguma dificuldade — «Ela quis parar para inspecionar todas as flores e pinhas que encontrava pelo caminho», contou-me ele — e nunca mais lá voltaram.

São estes os mundos que chegam ao fim nas nossas vidas quotidianas, as crianças interrompidas, as perdas aniquiladoras, mas, quando a Terra acabar, haverá uma aniquilação real e literal, daí as colónias. A primeira colónia lunar foi concebida como protótipo, um ensaio para marcar presença noutros sistemas

solares nos séculos vindouros. «Porque terá mesmo de ser», disse a presidente da China, aquando da conferência de imprensa em que foi anunciada a construção da primeira colónia, «um dia, quer queiramos quer não, a não ser que pretendamos que toda a história e obra humanas desapareçam numa supernova daqui a uns milhões de anos».

Vi gravações dessa conferência de imprensa no escritório da minha irmã Zoey, trezentos anos depois da sua realização. A presidente, posicionada atrás do atril, rodeada pelos seus oficiais, uma multidão de jornalistas um pouco abaixo do palco. Um deles ergueu a mão no ar: «E sabemos ao certo que será uma supernova?»

«É claro que não», replicou a presidente. «Pode ser qualquer coisa. Um planeta potencialmente perigoso, uma tempestade de asteroides, etc. A questão é que gravitamos em torno de uma estrela, e todas as estrelas acabam por morrer.»

— Mas, se a estrela morrer — dissera eu a Zoey —, é claro que a Lua da Terra morrerá com ela.

— Claro — respondera ela —, mas nós somos apenas o protótipo, Gasperry. Somos apenas a prova de conceito. As Colónias Distantes já se encontram povoadas há cento e oitenta anos.

A primeira colónia lunar foi construída nas planícies silenciosas do mar da Tranquilidade, perto do local onde os astronautas da *Apollo 11* tinham aterrado, num século longínquo. A bandeira deles continuava lá, na distância, uma pequena e frágil estátua na superfície sem vento.

Havia um interesse substancial na imigração para essa colónia. Por essa altura, a Terra estava sobrepovoada, e algumas regiões tinham-se tornado inabitáveis devido a cheias ou secas. Os arquitetos da colónia tinham reservado espaço para um grande número de empreendimentos residenciais, que foram vendidos num ápice. Mal se acabou o espaço na Colónia Um, os empreiteiros fizeram pressão para que se construísse uma segunda colónia e foram bem-sucedidos. Porém, a Colónia Dois foi construída demasiado à pressa, e, em menos de um século, o sistema de iluminação na cúpula principal deixou de funcionar. O sistema de iluminação simulava a aparência do céu tal como visto da Terra — era agradável olhar para cima e ver azul, em vez do nada — e, quando deixou de funcionar, acabou-se a atmosfera falsa, acabaram-se as pixelizações móveis que davam a ideia de nuvens, acabaram-se os nasceres e pores do sol cuidadosamente calibrados e acabou-se o azul. O que não queria dizer que não houvesse luz, só que essa luz não tinha nada que ver com a da Terra: num dia luminoso, os colonos olhavam para cima e viam o espaço. A justaposição da escuridão completa com a luz intensa provocava tonturas a algumas pessoas, embora não houvesse propriamente consenso sobre se se tratava de uma reação física ou psicológica. Mais grave: a falha na iluminação da cúpula eliminava a ilusão do dia com vinte e quatro horas. Agora o sol nascia abruptamente e demorava duas semanas a atravessar o céu, ao que se seguiam duas semanas inteiras de noite.

Os custos da reparação eram considerados proibitivos. Houve alguma adaptação — as janelas dos quartos foram equipadas com persianas, para que as pessoas conseguissem dormir durante a noite, por causa do sol, e a iluminação dos candeeiros de rua foi aumentada para os dias sem luz solar —, mas as propriedades perderam valor, e a maior parte das pessoas com capacidade económica mudou-se para a Colónia Um ou para a Colónia Três, recentemente

construída. Deixou de se falar em termos de «Colónia Dois»: toda a gente se referia a ela como a «Cidade da Noite». Era o lugar onde o céu estava sempre negro.

Eu cresci na Cidade da Noite. O meu caminho para a escola levava-me a passar pela casa de infância de Olive Llewellyn, uma escritora que percorrera essas mesmas ruas duzentos anos antes, não muito depois dos primeiros colonos na Lua. Tratava-se de uma casa pequena numa rua ladeada de árvores, e percebia-se que em tempos fora bonita, mas o bairro degradara-se imenso desde que Olive Llewellyn passara aí os seus tempos de criança. Agora a casa estava em ruínas, com metade das janelas entaipadas e grafítis por toda a parte, mas a placa junto à porta de entrada continuava intacta. Nunca prestei grande atenção à casa, até a minha mãe me ter contado que me dera o nome de uma personagem secundária de *Marienbad*, o livro mais conhecido de Llewellyn. Não li o livro — não gostava de livros —, mas a minha irmã Zoey tinha-o lido e falou-me sobre ele: o Gaspéry-Jacques do livro não tinha nada que ver comigo.

Decidi não lhe perguntar o que queria dizer com aquilo. Eu tinha onze anos quando ela o leu, o que significava que ela teria uns treze ou catorze. Por essa altura, ela já era uma pessoa séria e determinada, que iria claramente ser bem-sucedida em tudo o que fizesse, ao passo que eu, aos onze anos, já tinha as primeiras suspeitas de que talvez não fosse exatamente o tipo de pessoa que queria ser, pelo que seria terrível se ela me dissesse que o outro Gaspéry-Jacques era, por exemplo, uma pessoa impressionante e incrivelmente bem-parecida, muito concentrada nos seus trabalhos de casa e que nunca cometera pequenos furtos. Ainda assim, comecei a olhar para a casa de infância de Olive Llewellyn com uma certa reverência. Sentia uma ligação à mesma.

Nela morava uma família, um rapaz e uma rapariga com os pais, pessoas de aspeto pálido e miserável com um estranho talento para dar a impressão de que não andavam a fazer coisa boa. Tinham um ar desmazelado, a família inteira. O apelido deles era Anderson. Os pais passavam imenso tempo no alpendre, a discutir em voz baixa ou a fitar o espaço. O rapaz era mal-humorado e envolvia-se em brigas na escola. A rapariga, que tinha mais ou menos a minha idade, gostava de brincar com um holograma no jardim da frente, um holograma-espelho antigo que às vezes dançava com ela, e essa era a única altura em que eu via a menina Anderson sorrir nas imediações de sua casa, quando rodopiava e saltava, e o holograma saltava e rodopiava com ela.

Quando eu tinha doze anos, a menina Anderson andava na minha turma, e

fiquei a saber que se chamava Talia. Quem era Talia Anderson? Adorava desenhar. Dava mortais para trás no campo. Parecia muito mais feliz na escola do que em casa.

— Eu conheço-te — disse-me abruptamente um dia, quando estávamos na fila da cantina. — Estás sempre a passar em frente à minha casa.

— Fica a caminho — respondi.

— A caminho de quê?

— Bem, a caminho de toda a parte. Moro ao fundo do beco sem saída.

— Eu sei — respondeu ela.

— Como sabes onde moro?

— Também passo pela tua casa — disse ela. — Atravesso o relvado do teu vizinho para ir para a Periphery.

*

Ao fundo do relvado de nossa casa, havia um painel de folhas. Ao transpô-las, íamos dar à Periphery Road, que circundava o interior da cúpula da Cidade da Noite. Do outro lado da estrada havia um estranho descampado, com cerca de quinze metros de comprimento, uma faixa de mato entre a estrada e a cúpula. Vegetação enfezada, poeira, plantas selvagens, lixo. Era um sítio ao abandono. A nossa mãe não gostava que brincássemos aí, por isso, Zoey nunca se aventurava além da Periphery Road — fazia sempre o que lhe diziam, algo que eu achava exasperante —, mas eu gostava daquele estado selvagem, da sensação de perigo inerente a um reino perdido. Nesse dia, depois das aulas, atravessei a estrada vazia pela primeira vez em várias semanas e deixei-me ficar ali durante algum tempo, as mãos coladas à cúpula e a espreitar o exterior. O vidro de compósito era tão grosso que as coisas do outro lado pareciam desfocadas como num sonho, distantes no sentido de abafadas, mas vislumbrei crateras aqui e ali, meteoros, cinzento. A cúpula opaca da Colónia Um cintilava na meia distância. Dei por mim a interrogar-me sobre quais seriam os pensamentos de Talia Anderson quando contemplava essa paisagem lunar.

Talia Anderson saiu da minha turma e deixou o bairro a meio do ano letivo. Só a voltei a ver por volta dos meus trinta e tal anos, quando ambos trabalhávamos no Grand Luna Hotel, na Colónia Um.

Comecei a trabalhar no hotel cerca de um mês após a morte da minha mãe. Ela estivera doente durante algum tempo, vários anos, e, perto do fim, eu e a

Zoey morávamos praticamente no hospital. Nessa última semana estivemos lá dia e noite, companheiros exaustos de vigília, enquanto a nossa mãe murmurava e dormia. A morte era iminente e manteve-se iminente, durante muito mais tempo do que os médicos tinham previsto. A nossa mãe trabalhara na estação de Correios desde que éramos crianças, mas nas suas últimas horas de vida convencera-se de que voltara a fazer trabalho de pós-doutoramento num laboratório de Física, murmurando de uma forma algo confusa sobre equações e a hipótese da simulação.

— Percebes o que ela está a dizer? — perguntei a Zoey, a certa altura.

— A maior parte, sim — replicou Zoey. Nesses momentos, Zoey sentava-se junto à cama dela com os olhos fechados, a escutar as palavras da nossa mãe como se ouvisse música.

— Podes explicar-mo? — Era como não fazer parte de um clube secreto, o nariz encostado ao vidro.

— A hipótese da simulação? Sim. — Ela não abriu os olhos. — Pensa em quanto os hologramas e a realidade virtual evoluíram, só nestes últimos anos. Se agora conseguimos fazer simulações convincentes da realidade, imagina como serão essas simulações daqui a cem ou duzentos anos. A ideia da hipótese da simulação é a de que não podemos descartar a possibilidade de toda a realidade ser uma simulação.

Eu não dormia há dois dias e tinha a sensação de estar meio a sonhar.

— Certo, mas, se vivemos dentro de um computador — respondi-lhe —, a quem é que o computador pertence?

— Quem sabe? Aos seres humanos, algumas centenas de anos no futuro? A uma inteligência alienígena? Não é uma teoria popular, mas de vez em quando vem à baila no Instituto do Tempo. — Ela abriu os olhos. — Oh, meu Deus, faz de conta que não disse nada. Estou cansada. Não o devia ter dito.

— Faz de conta que não disseste o quê?

— A parte sobre o Instituto do Tempo.

— Está bem — respondi, e os olhos dela tornaram a fechar-se. Fechei os meus também. A nossa mãe parara de murmurar, e agora ouvia-se apenas a sua respiração irregular, demasiado espaçada.

Quando o fim chegou, eu e a Zoey estávamos a dormir. Ela acordou-me na luz cinzenta da madrugada, e deixámo-nos ficar sentados durante imenso tempo, em silêncio, em veneração, perante a figura imóvel da nossa mãe na cama. Lidámos com as formalidades, despedimo-nos com um abraço e depois cada um

seguiu o seu caminho. Voltei para casa, para o meu apartamento minúsculo, e passaram-se vários dias em que somente falei com o meu gato. Realizou-se o funeral e depois seguiu-se mais quietude.

Eu precisava de um emprego novo — havia algum tempo que estava desempregado e a gastar todas as minhas poupanças —, pelo que, um mês após o funeral, dei por mim no gabinete da técnica de Recursos Humanos de um hotel, uma mulher com um ar vagamente familiar e o cabelo louro, a aceitar uma posição anunciada como «detetive de hotel», mas cujos parâmetros exatos eram pouco claros.

— Para ser totalmente sincero — disse-lhe —, não sei muito bem o que envolve a posição de detetive de hotel.

— É o segurança do hotel — explicou ela. Reparei que já não me lembrava do nome dela. Natalie? Natasha? — O título do cargo não foi ideia minha. Não será propriamente um detetive. Apenas uma presença de segurança, por assim dizer.

— Só quero ter a certeza de que não lhe estou a vender gato por lebre — disse eu. — Abandonei os estudos uns meses antes de concluir a minha licenciatura em Justiça Criminal.

— Podemos falar abertamente, Gasperry? — Havia mesmo algo de familiar em relação a ela.

— Com certeza.

— O seu trabalho consiste em prestar atenção ao que se passa à sua volta e chamar a polícia, caso veja algo suspeito.

— Sou capaz de fazer isso.

— Parece indeciso — disse ela.

— Não em relação às minhas capacidades. Quero dizer, não duvido de que o consiga levar a cabo. Só que... não será algo que qualquer pessoa pode fazer?

— Olhe que não. Não é fácil arranjar alguém com capacidade de atenção — explicou ela. — A distração é um problema, em termos gerais. Lembra-se daquele teste que fez aquando da primeira entrevista?

— Claro.

— Era para avaliar a sua capacidade de atenção. Teve um resultado elevado. Diga-me, concorda com o resultado do seu teste? Consegue prestar atenção às coisas?

— Sim — retorqui. Afirmei-o com satisfação, pois nunca tinha pensado em mim nesses termos, mas parecia-me que toda a minha vida prestara atenção.

Não fora bem-sucedido em muitas coisas, mas sempre fora um bom observador. Foi assim que percebi que a minha ex-mulher se tinha apaixonado por outra pessoa, por estar a prestar atenção. Não houvera pistas óbvias, apenas uma ligeira mudança na... Mas a tipa dos Recursos Humanos estava novamente a falar, pelo que regressei à força do passado.

— Espere aí... — disse. — Eu conheço-a.

— Sem ser desta entrevista? — perguntou ela.

— Talia — disse eu.

Algo mudou no rosto dela. Uma máscara caiu. Quando voltou a falar, a sua voz soou diferente, menos satisfeita com o mundo.

— Agora respondo pelo nome de Natalia, mas, sim. — Ficou em silêncio durante alguns segundos, a olhar para mim. — Andámos juntos na escola, não foi?

— Eu morava ao fundo do beco sem saída — respondi, e, pela primeira vez durante a entrevista, ela ofereceu-me um sorriso genuíno.

— Eu costumava passar horas na Periphery — comentou ela —, a espreitar pelo vidro.

— Alguma vez lá voltaste? À Cidade da Noite?

— Nunca — replicou ela.

Nunca à Cidade da Noite. Agradava-me a cadência daquela frase, pelo que me ficou na cabeça. Pensei várias vezes nela, durante as minhas primeiras semanas nesse emprego, pois o trabalho era terrivelmente enfadonho. O hotel tinha pretensões *retro*, por isso eu usava um fato de corte antigo e um chapéu com um formato peculiar que tinha o nome de *fedora*. Percorria os corredores e ficava de vigia no átrio. Prestava atenção a tudo e a todos, tal como instruído. Sempre gostara de observar as outras pessoas, mas as dos hotéis revelavam-se surpreendentemente entediadas. Faziam o *check-in* e depois faziam o *check-out*. Apareciam no átrio a horas estranhas, à procura de café. Ou estavam embriagadas ou não estavam embriagadas. Eram pessoas de negócios ou estavam de férias com a família. Estavam cansadas e irritadas da viagem. Havia pessoas que tentavam entrar à socapa com os cães. Nos primeiros seis meses tive de chamar a polícia uma única vez, quando ouvi uma mulher gritar num dos quartos do hotel, e mesmo nessa ocasião não fui eu que os chamei; liguei para o gerente da noite, que ligou para a polícia, por mim. Não estava presente quando a mulher foi levada pelos paramédicos.

O trabalho era sossegado. A minha mente divagava. *Nunca à Cidade da Noite*. Como teria sido a vida de Talia lá? Não propriamente fantástica, como é óbvio, qualquer idiota o conseguiria perceber. Umas famílias são melhores do que outras. Quando a família dela saíra da casa de Olive Llewellyn, outra família mudara-se para lá, mas constatei que não me conseguia lembrar dessa outra família, além de uma impressão generalizada de degradação. No hotel só via a Talia de vez em quando, a atravessar o átrio para ir para casa.

Nessa altura, eu morava num apartamento pequeno e desinteressante, num prédio com uma série de outros apartamentos pequenos e desinteressantes, numa das extremidades da Colónia Um, tão próximo da periferia que a cúpula quase tocava no telhado do edifício. Às vezes, nas noites escuras, gostava de atravessar a rua até à Periphery, para espreitar a Colónia Dois através do vidro de compósito, a cintilar na distância. Nesses tempos, a minha vida era tão desinteressante e limitada como o meu apartamento. Tentava não pensar muito

na minha mãe. Dormia durante o dia. O meu gato acordava-me sempre ao final da tarde. Por volta do pôr do sol, comia uma refeição que tanto podia ser considerada jantar como pequeno-almoço, vestia a minha farda e ia para o hotel observar pessoas durante sete horas.

Estava a trabalhar no hotel há seis meses quando a minha irmã fez trinta e sete anos. Zoey trabalhava como física na universidade, e a sua especialização tinha algo que ver com tecnologia de *blockchain* quântico, que nunca consegui compreender, apesar dos seus vários esforços louváveis para mo explicar. Liguei para lhe desejar um feliz aniversário e, imediatamente antes de ela atender, ocorreu-me que não lhe tinha dado os parabéns por ter ficado efetiva. Que fora quando, um mês antes? Experimentei um sentimento de culpa familiar.

— Feliz aniversário — exclamei. — E parabéns!

— Obrigada, Gaspery. — Ela nunca comentava os meus lapsos, e eu não conseguia perceber por que motivo isso me fazia sentir tão mal. Há uma mágoa específica e humilhante na aceitação de que, para aturarem a nossa pessoa, os nossos entes queridos precisam de possuir uma certa generosidade de espírito.

— E que tal?

— Ter trinta e sete anos? — Parecia cansada.

— Não, seres efetiva. É uma sensação diferente?

— É uma sensação de estabilidade — replicou ela.

— Então e o que tencionas fazer no teu aniversário?

Ficou calada durante uns instantes.

— Gaspery — disse —, achas que podias vir ao meu escritório esta noite?

— Claro que sim — respondi-lhe. — Claro que sim.

Quando é que ela me pedira para ir ao seu escritório? Uma única vez, há muitos anos, quando começara a trabalhar. A universidade não ficava muito longe do meu apartamento, mas tratava-se de um universo radicalmente diferente. Quando fora a última vez que a vira? Uns meses antes, concluí.

Liguei para o trabalho a avisar que estava doente e depois estendi-me no sofá durante uns minutos, para desfrutar da minha liberdade súbita. *Marvin*, o meu gato, sentou-se pesadamente no meu peito, onde esticou as patas e adormeceu a ronronar. A noite estendia-se à minha frente, com todas as suas horas magnificamente vazias carregadas de possibilidades. Tirei o *Marvin* de cima de mim, tomei um duche, vesti-me como deve ser, parei numa padaria e comprei quatro queques — *red velvet*, esperando que fosse o favorito de Zoey — e, depois, perto das sete horas, o sol começou a pôr-se numa mancha de laranjas e

rosas na extremidade oposta da cúpula. Eu tinha morado na Colónia Um durante um ano, e a iluminação da cúpula continuava a parecer-me encenada. Os queques seriam suficientes? Não seria melhor comprar-lhe flores? Comprei um ramo de flores singelas e amarelas, e, às sete horas em ponto, estava ao portão do Instituto do Tempo. Tirei os óculos escuros para a identificação ocular e continuava desajeitadamente com os óculos na mão seis identificações oculares mais tarde, quando fui dar com Zoey a andar de um lado para o outro no escritório. Não tinha o ar de uma mulher a comemorar o seu aniversário. Aceitou as minhas flores com um ar distraído, e, pela maneira como as pousou na secretária, percebi que se esquecera delas no instante em que deixaram a sua mão. Perguntei-me se alguém teria acabado um relacionamento com ela, mas a vida romântica de Zoey fora sempre assunto proibido.

— Oh, graças a Deus — disse ela, quando lhe ofereci um queque. — Esqueci-me completamente de jantar.

— Pareces agitada.

— Posso mostrar-te uma coisa?

— Claro.

Tocou numa consola discreta na parede do escritório, e uma projeção encheu metade da sala. Via-se um homem em cima de um palco, rodeado de uma série de máquinas antigas e volumosas, instrumentos inescrutáveis. Por cima da cabeça dele havia um ecrã antigo, um retângulo branco a flutuar na luz ténue. A cena a que estávamos a assistir parecia-me bastante antiga.

— Uma amiga enviou-me isto — explicou-me Zoey. — Ela trabalha no Departamento de História de Arte.

— Quem é ele? O tipo na projeção.

— Paul James Smith. Um compositor e artista visual do século xx.

Premiu a tecla do *Play*, e a sala encheu-se com uma música com trezentos anos, num estilo vago e dissonante. Calculei que se tratasse de música ambiente. Não percebia muito de música, mas achei a composição ligeiramente irritante.

— Certo — disse ela —, agora presta atenção ao ecrã branco por cima dele.

— O que devo procurar? Está vazio.

— Observa.

O ecrã ganhou vida. O vídeo fora filmado numa floresta da Terra. A imagem estava algo tremida; o videógrafo estava a caminhar num trilho da floresta, em direção a uma árvore de folhagem farta, uma variedade qualquer da Terra que

não existia nas colónias. A música cessou, e o homem ergueu o olhar para o vídeo por cima dele. O ecrã ficou preto. Ouviu-se uma estranha cacofonia de sons — notas de um violino, o murmúrio indistinto de uma multidão, o sibilo hidráulico de uma aeronave a levantar voo —, e depois cessou, a floresta estava de volta, e, por instantes, a imagem rodopiou, como se o videógrafo se tivesse esquecido de que estava a segurar uma máquina de filmar. A imagem da floresta dissipou-se, mas a música continuou.

— Presta atenção — disse Zoey. — Repara na maneira como a música mudou. Ouves as notas de violino do vídeo agora também presentes na música do Smith? O mesmo tema, aquele padrão de cinco notas?

A princípio não o estava a ouvir, mas depois sim.

— Sim. E porque é que isso é importante?

— Porque significa que... que aquela coisa estranha, aquela falha, fosse ela o que fosse, fazia parte da *performance*. Não é um problema técnico. — Interrompeu a gravação. Parecia perturbada, e eu não entendia porquê. — E continua — disse ela —, mas o resto da *performance* não tem interesse.

— Chamaste-me aqui para me mostrares isso — retorqui, em jeito de confirmação.

— Preciso de falar sobre isto com alguém em quem confie. — Pegou no seu dispositivo, e ouvi o meu próprio receber um documento.

Tinha-me enviado um livro: *Marienbad*, de Olive Llewellyn.

— O romance favorito da nossa mãe — comentei. Veio-me à cabeça a imagem da minha mãe, a ler no alpendre, ao crepúsculo.

— Já o leste, Gaspéry?

— Nunca fui grande leitor.

— Mas avança para o excerto assinalado e diz-me se notas alguma coisa.

Era desconcertante, saltar para o meio de um livro que nunca tinha lido. Comecei alguns parágrafos antes do excerto que ela assinalara:

Sabíamos que vinha aí.

Sabíamos que vinha aí e preparámo-nos em conformidade, ou pelo menos foi o que dissemos aos nossos filhos — e a nós próprios —, nas décadas que se seguiram.

Sabíamos que vinha aí, mas custava-nos acreditar, pelo que nos preparámos de uma maneira discreta e sóbria — «Porque temos uma prateleira cheia de peixe enlatado?», perguntou Willis ao marido, que respondeu algo vago sobre estarem preparados para o caso de uma emergência...

... Por causa daquele horror antigo, embaraçosamente demasiado irracional para ser articulado em

voz alta: se dissermos o nome da coisa que receamos, será que atraímos a atenção dessa coisa? É algo difícil de admitir, mas nessas primeiras semanas éramos vagos em relação aos nossos receios, pois dizer a palavra *pandemia* talvez a fizesse vir na nossa direção.

Sabíamos que vinha aí e comportámo-nos de uma forma descontraída. Defletimos o medo com uma fanfarronice negligente. No dia em que surgiram relatos sobre um foco em Vancouver, o que aconteceu três dias depois de o primeiro-ministro britânico ter anunciado que o surto inicial de Londres se encontrava totalmente contido, Willis e Dov foram trabalhar como de costume, os seus filhos, Isaac e Sam, foram para a escola e depois encontraram-se para jantar no seu restaurante favorito, que nessa noite se encontrava apinhado de gente. (Uma pequena história de terror em retrospectiva: imaginem nuvens de elementos patogénicos invisíveis a pairar no ar, a flutuar de mesa em mesa, a rodopiar à passagem dos empregados de mesa.)

— Se está em Vancouver, também está aqui — disse Dov para Willis, que respondeu:

— Era capaz de apostar que sim — e tornou a encher o copo de água de Dov.

— O que é que está em Vancouver? — perguntou Isaac. Tinha nove anos.

— Nada — responderam eles em uníssono, sem qualquer remorso porque não lhes parecia que fosse mentira. As pandemias não se veem chegar como as guerras, com o ruído surdo e distante da artilharia a soar cada vez mais alto todos os dias e clarões de bombas no horizonte. Chegam em *retrospectiva*, essencialmente. É desconcertante. A pandemia está distante e de repente está à nossa volta, pelos vistos sem qualquer passo intermédio.

Dov, a ensaiar as suas deixas diante do espelho do quarto, após o encerramento do teatro comunitário:

— Será este o fim prometido?

Sabíamos que vinha aí, mas comportámo-nos de uma maneira contraditória. Armazenámos mantimentos — por precaução —, mas mandámos os nossos filhos para a escola, porque quem é que consegue trabalhar com os filhos em casa?

(Continuávamos a pensar em termos de despachar o trabalho. Em retrospectiva, o mais chocante foi a nossa absoluta falta de noção.)

— Meu Deus — exclamou Willis, uns dias antes de as escolas terem sido encerradas, mas depois de as notícias terem começado a surgir —, isto parece tudo tão *retro*.

— É mesmo — respondeu Dov. Estavam ambos na casa dos quarenta, ou seja, tinham idade suficiente para se lembrarem do ébola X, mas essas sessenta e quatro semanas de confinamento tinham-se dissipado na província desfocada da memória da infância, um período de tempo que não fora nem desagradável nem agradável, meses povoados de desenhos animados e de amigos imaginários. Não se podia dizer que fora um ano completamente perdido, pois tivera momentos bons. Os pais foram suficientemente competentes para os proteger do horror, o que significava que fora solitário, mas não insuportável. Havia imenso gelado e muitas horas passadas em frente aos ecrãs. Quando chegou ao fim, sentiram-se aliviados, mas poucos anos depois já ninguém pensava muito nisso.

— O que significa *retro*? — perguntou Sam.

Quando olhou para o filho mais novo, ocorreu a Willis — algo a que se agarraria mais tarde — que talvez a escola não fosse boa ideia. Ainda assim, o velho mundo ainda não desaparecera, pelo que, na manhã seguinte, preparou os almoços de Sam e Isaac, deixou-os na academia, regressou à luz do dia e apanhou um transporte para o terminal das aeronaves. Uma manhã normal sob um inofensivo céu azul.

No terminal, deteve-se para escutar um músico, um violinista que tocava em troca de moedas num dos cavernosos corredores de entrada. O violinista era um homem de idade que tocava com os olhos fechados, as moedas a acumularem-se num chapéu junto aos pés. Tocava um violino de aspeto antigo — dava a impressão de ser feito de madeira verdadeira —, e, embora Willis não fosse propriamente especialista em acústica, parecia-lhe haver uma certa afetuosidade no som. Willis estava a prestar atenção à música, à maneira como se fazia ouvir acima do burburinho da multidão de passageiros matinais, mas então...

... um rasgo de escuridão, como um eclipse...

... uma efémera alucinação de floresta, ar fresco, árvores a erguerem-se a toda a volta, um dia de verão...

... e depois estava de volta ao Terminal de Aeronaves de Oklahoma City, na brancura fresca da entrada do corredor ocidental, a piscar os olhos de desorientação. *Passou-me uma coisa pela cabeça*, deu por si a pensar, mas não era uma explicação adequada, pois que *coisa* lhe passara afinal pela cabeça? Esse rasgo de escuridão, depois a floresta a erguer-se em seu redor, o que fora aquilo?

De repente, ocorreu-lhe: a vida depois da morte.

A escuridão era a morte, disse para si mesmo. A floresta era o depois.

Willis não acreditava na vida depois da morte, mas acreditava no subconsciente, acreditava no saber sem ser de uma forma consciente e, quase sem pensar, desatou a caminhar na direção errada, no sentido contrário de onde pretendia ir. Só percebeu para onde se dirigia quando alcançou a porta da escola do filho.

— Mas porque está a tirar os seus filhos da escola? — perguntou o diretor. — Tenho acompanhado as notícias com atenção, Willis, há apenas um pequeno foco de casos em Vancouver.

Fechei o documento e guardei o meu dispositivo no bolso, com uma inquietação que não conseguia explicar.

— Estás a ver? — perguntou Zoey. — A maneira como o vídeo espelha o excerto do livro?

Estava a vê-lo, sim. Uma pessoa numa floresta, no século XXI, vê um rasgo de escuridão e ouve os sons de um terminal de aeronaves dois séculos mais tarde. Uma pessoa num terminal de aeronaves, no século XXIII, vê um rasgo de escuridão e é acometido pela sensação avassaladora de que está parado numa floresta.

— Ela pode ter visto o vídeo — sugeri. — A Olive Llewellyn, quero eu dizer. Pode tê-lo visto e tê-lo incluído no seu trabalho de ficção. — Sentia-me satisfeito comigo próprio por essa sugestão.

— Também pensei isso — respondeu Zoey. *Claro que pensaste*, não disse eu em

voz alta. Essa era a grande diferença entre nós: a Zoey pensava sempre em tudo. — Mas há outra coisa. A minha equipa passou o último mês a pesquisar a região onde o compositor cresceu, e esta tarde encontrámos uma carta. — Ela estava a perscrutar uma série de ficheiros na sua projeção, mas este estava em modo privado, pelo que, do sítio onde me encontrava, parecia estar a mexer em nuvens. — Aqui está — exclamou.

Uma projeção surgiu no espaço, entre nós. Tratava-se de um documento escrito à mão, num alfabeto desconhecido.

— O que é isso?

— Acho que é uma prova importante. É uma carta — explicou ela. — De 1912.

— Que alfabeto é este? — perguntei.

— A sério?

— O quê? Eu deveria saber ler isto? — Aproximei-me para examinar melhor e reconheci uma palavra. Não, duas. Era quase inglês, mas deformado e enviesado; tinha uma certa beleza, mas as letras estavam malformadas. Seria uma espécie de protoinglês?

— Gaspéry, isto é escrita cursiva — respondeu ela.

— Não faço ideia do que isso seja.

— Certo... — disse ela, com a paciência exasperante que lhe era típica. — Vou transferir para áudio.

Mexeu em algo nas nuvens, e a voz de um homem encheu o ar:

Bert:

Obrigado pela tua simpática carta com data de 25 de abril, que atravessou o Atlântico e o Canadá à velocidade de um caracol e que só esta noite chegou às minhas mãos.

Como estou, perguntas-me? A resposta sincera, irmão, é que não sei. Esta missiva chega-te de um quarto iluminado à luz da vela em Victoria — perdoa-me o laivo melodramático, mas sinto que o mereço —, onde me instalei numa agradável hospedaria. Já desisti da ideia de me estabelecer num negócio e já só desejo regressar a casa. No entanto, este é um exílio confortável, e a minha remessa chega para as necessidades do dia a dia.

Tenho passado uns tempos estranhos aqui. Não, não é bem isso. Tenho passado uns tempos enfadonhos — por culpa minha, não do Canadá —, à exceção de um estranho interlúdio na natureza selvagem, que tentarei relatar-te. Tinha viajado de Victoria rumo a norte, com o antigo amigo de escola do Niall, o Thomas Maillot, cujo apelido devo estar a escrever mal. Durante dois ou três dias, seguimos ao longo da costa em direção a norte, num pequeno barco a vapor carregado de provisões, até que chegámos finalmente a Caiette, uma aldeia que tem apenas uma igreja, um ancoradouro, uma escola com uma única divisão e uma mão-cheia de casas. O Thomas seguiu viagem em direção a um acampamento madeireiro, situado um pouco acima, na costa. Eu decidi ficar na hospedaria de Caiette, com o intuito de desfrutar da beleza desse lugar.

Uma manhã, no início de setembro, aventurei-me floresta adentro, por motivos demasiado desinteressantes para

relatar, e, ao fim de algum tempo, deparei com um ácer. Detive-me aí durante uns instantes, para recuperar o fôlego, e então ocorreu um incidente que na altura me pareceu algo sobrenatural, mas que, em retrospectiva, talvez tenha sido uma espécie de ataque.

Estava parado na floresta, sob a luz do sol, quando, de repente, ficou tudo escuro, e nessa escuridão ouvi as notas de um violino e um ruído incompreensível, ao mesmo tempo que tive a estranha sensação de me encontrar momentaneamente num sítio fechado, num espaço cavernoso e ressoante, como uma estação de comboios, por exemplo. Mas depois passou, e dei por mim especado na floresta. Foi como se nada tivesse acontecido. Cambaleei de volta à praia e fui acometido por um violento acesso de vômitos nas rochas. Na manhã seguinte, preocupado com o meu bem-estar e decidido a sair daquele lugar e a regressar a um sítio que se assemelhasse remotamente a civilização, comecei a minha viagem de regresso à pequena cidade de Victoria, onde agora me encontro.

Tenho um quarto perfeitamente adequado na hospedaria junto ao cais e vou-me mantendo entretido com passeios, livros e xadrez e, de vez em quando, pinto umas aguarelas. Como sabes, sempre adorei jardins, e há aqui um jardim público que me tem servido de grande consolo. Sem querer preocupar ninguém, consultei um médico, que está confiante no diagnóstico de enxaqueca. Parece-me um tipo peculiar de enxaqueca, esta, que não envolve qualquer dor de cabeça, mas terei de aceitar o diagnóstico na ausência de explicação alternativa. Contudo, não consigo esquecer o incidente, e essa recordação inquieta-me.

Espero que te encontres bem, Bert. Por favor, transmite o meu afeto e respeito à mãe e ao pai.

*Do teu irmão,
Edwin*

O áudio terminou. Zoey fez deslizar a projeção para a parede e veio sentar-se ao meu lado. Havia um abatimento nela que nunca lhe vira antes.

— Zoey — disse-lhe eu —, pareces mais transtornada do que... não sei se compreendo bem o motivo.

— Que sistema operativo usas no teu dispositivo?

— O Zephyr — respondi.

— Eu também. Lembras-te daquele *bug* estranho que ocorreu no Zephyr aqui há uns anos e que durou apenas um ou dois dias, mas em que às vezes, quando abríamos um ficheiro de texto no dispositivo, a última música que tínhamos estado a ouvir desatava a tocar?

— Claro. Era muito irritante. — Lembrava-me apenas vagamente.

— Era uma corrupção de ficheiro.

Pressenti algo vasto e terrível nas imediações do meu entendimento.

— Estás a dizer...

Zoey tinha os cotovelos apoiados na mesa e, quando falou, apoiou a testa nas mãos:

— Se momentos de diferentes séculos estão a misturar-se, então, quero dizer, uma forma de olharmos para esses momentos, Gaspery, é pensarmos neles como ficheiros corrompidos.

— Mas como é que um momento se equipara a um ficheiro?

Ela estava muito quieta.

— Imagina que sim.

Tentei imaginá-lo. Uma série de ficheiros corrompidos; uma série de momentos corrompidos; uma série de coisas discretas a misturarem-se entre si quando tal não deveria acontecer.

— Mas se os momentos forem ficheiros... — Não consegui concluir a frase. A divisão onde nos encontrávamos parecia-me muito menos real do que meros instantes antes. *A secretária é real*, disse para mim mesmo. *As flores murchas na secretária também são reais. A tinta azul nas paredes. O cabelo da Zoey. As minhas mãos. A alcatifa.*

— Agora já percebes porque não fui celebrar o meu aniversário — disse ela.

— Mas isso... Ouve, concordo que é estranho, mas estamos a falar daquela coisa da mãe, não é? A coisa da simulação?

Ela suspirou.

— Acredita que esse pensamento já me ocorreu. É muito possível que o meu discernimento esteja meio toldado. Sabes que foi por causa dela que me tornei cientista.

Assenti com a cabeça.

— Ouve — continuou ela —, sei que isto é tudo circunstancial, não sou louca. Trata-se apenas da descrição de uma experiência bizarra. Mas a *coincidência*, Gasperry, a maneira como estes momentos parecem misturar-se uns com os outros, não consigo evitar encará-lo como uma espécie de prova.

Se estivéssemos a viver numa simulação, como saberíamos que se tratava de uma simulação? Saí da universidade e apanhei o trólei para casa, às três da manhã. Na luz ténue do transporte em movimento, fechei os olhos e maravilhei-me com os detalhes. A ligeira vibração do trólei na sua almofada de ar. Os sons — o quase impercetível sussurro do movimento, as conversas sussurradas aqui e ali no interior do trólei, as pequenas notas do jogo de uma criança a ecoar de um dispositivo, algures. *Estamos a viver numa simulação*, disse para mim mesmo, testando a ideia, mas continuava a parecer-me improvável, pois sentia o odor do ramo de flores amarelas que a mulher sentada ao meu lado segurava cautelosamente entre as mãos. *Estamos a viver numa simulação*, mas sinto fome e deverei acreditar que também isso é uma simulação?

— Não digo que estas coisas sejam a prova irrefutável de que vivemos numa simulação — dissera-me Zoey, no escritório dela, uma hora antes. — Mas parecem-me suficientes para justificar uma investigação.

Como se investiga a realidade? A minha fome é uma simulação, digo a mim mesmo, mas apetecia-me um hambúrguer com queijo. Os hambúrgueres com queijo são uma simulação. A carne é uma simulação. (Na verdade, era literalmente verídico. Matar um animal pela sua carne era motivo de prisão, tanto na Terra como nas colónias.) Abri os olhos e pensei: *As rosas são uma simulação. O aroma das rosas é uma simulação.*

— Como se faz uma investigação dessas? — perguntara-lhe.

— Acho que seria de visitar todos esses pontos no tempo — respondera Zoey. — E falar com a pessoa que escreveu a carta em 1912, com o artista visual de 2019 ou 2020 e com a romancista em 2203.

Vieram-me à mente as notícias que tinham saído aquando da invenção das viagens no tempo, para de imediato terem sido consideradas ilegais fora de instalações governamentais. Lembrava-me do capítulo de um manual sobre criminologia dedicado ao pesadelo quase aniquilador do chamado *Loop* Rosa, em que a história fora alterada vinte e sete vezes até o viajante ter sido afastado da sua missão e os danos causados por ele terem sido anulados. Sabia que, das

duzentas e cinco pessoas que cumpriam pena de prisão perpétua na Lua, cento e quarenta e uma tinham sido detidas por terem tentado viajar no tempo. Não importava se tinham sido bem-sucedidas ou não; a mera tentativa era motivo suficiente para a pessoa ser detida para o resto da vida.

— Gasperry — dissera Zoey —, não percebo por que razão pareces tão chocado. O que diz o letreiro à frente do edifício?

— Instituto do Tempo — admitira eu.

Ela olhara para mim.

— Pensava que trabalhavas como física — dissera eu.

— Bem... sim — replicara ela. Na pausa entre essas duas palavras havia uma falha de conhecimento e realização do tamanho de um sistema solar. Ouvi essa benevolência antiga, a sensação familiar de que estava a ser caridosa comigo. Nem todos podemos ser génios, apetecera-me dizer-lhe, mas já tínhamos tido essa conversa na adolescência, e correria mal, pelo que não o fizera.

Estamos a viver numa simulação, disse para mim mesmo, quando o trólei parou a um quarteirão do meu apartamento, mas parecia-me por demais desassociado da *realidade*, à falta de melhor termo. Não me conseguia convencer. Não acreditava naquilo. Haveria um aguaceiro programado para dali a — consultei o meu relógio — dois minutos. Saí do trólei e caminhei muito devagar, de propósito. Sempre adorei a chuva, e o facto de saber que não provém de nuvens não faz com que a adore menos.

Nas semanas que se seguiram, tentei voltar a aclimatizar-me com os ritmos da minha vida. Levantava-me às cinco da tarde no meu apartamento minúsculo, ouvia música enquanto cozinhava, alimentava o meu gato, ia para o trabalho, umas vezes a pé e outras vezes de trólei. Chegava ao hotel às sete horas e observava o átrio por detrás de uns óculos escuros — a maioria dos funcionários não usava óculos escuros, mas, sendo eu um nativo da Cidade da Noite e sofrendo, por essa razão, de sensibilidade à luz, tinha uma autorização especial da parte dos RH —, entretendo-me com pensamentos sobre todas as coisas à minha volta que podiam não ser reais. O chão de pedra do átrio. O tecido da minha roupa. As minhas mãos. Os meus óculos. Os passos de uma mulher a atravessar o átrio.

— Boa noite, Gasperry — disse-me a mulher.

— Talia. Olá!

— Estavas muito concentrado no chão do átrio.

— Posso fazer-te uma pergunta que te irá parecer extremamente aleatória?

— À vontade — respondeu ela. — O meu dia está a ser uma seca.

— Alguma vez dás por ti a pensar na hipótese da simulação? — Parecia-me valer a pena fazer-lhe a pergunta. Eu não pensava noutra coisa.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— A ideia de que talvez estejamos a viver numa simulação? Li um artigo sobre isso há uns meses.

— Sim.

— Por acaso, sim. Já pensei nisso. Mas não acredito que estejamos a viver numa simulação. — Talia estava a olhar para lá de mim, para lá do átrio, para a rua. — Sei lá, talvez seja ingénuo da minha parte, mas sinto que uma simulação seria melhor do que isto, entendes? Quero dizer, se te vais dar ao trabalho de simular aquela rua, por exemplo, não seria preferível que todos os candeeiros estivessem a funcionar?

Havia várias semanas que os candeeiros do outro lado da rua andavam a piscar.

— Bem observado.

— Enfim, seja como for — disse Talia —, boa noite!

— Boa noite! — Retomei a prática de reparar em tudo e de dizer a mim mesmo que nenhuma das coisas em que reparava era real, mas agora estava distraído com a observação dela. Uma coisa sobre a qual ninguém falava nessa altura era a miséria das colónias lunares. Acho que toda a gente se sentia um pouco embaraçada por isso.

— Sim, parece-me justo dizer que o *glamour* desapareceu — comentou Zoey, quando a vi no final dessa noite. O meu turno terminava às duas da manhã, por isso ligara-lhe a perguntar se poderia ir ter com ela. Sabia que estaria a pé — tal como eu, nunca fizera a transição completa dos horários da Cidade da Noite e, tal como eu, preferia passar a noite acordada —, além de que tinha tirado uns dias de férias, pelo que apanhei o trólei para o apartamento dela. Tinha estado nesse apartamento somente meia-dúzia de vezes e esquecera-me de quão pouco luminoso era. Ela pintara as paredes num tom cinzento-escuro. Tinha uma coleção de livros antigos — na sua maioria sobre história — e um quadro emoldurado na parede que pintáramos juntos, em crianças. Era algo que me comovia. Tínhamos cerca de quatro e seis anos, por aí, e tínhamos pintado um autorretrato: um menino e uma menina de mãos dadas sob a copa de uma árvore, com cores exuberantes.

— Para onde terá ido todo o *glamour*? — indaguei. Ela servira-me um generoso copo de uísque, que eu bebericava lentamente pois nunca tivera grande tolerância ao álcool. Em contrapartida, ela ia na segunda bebida.

— Presumo que para as colónias mais recentes. Para Titan, por exemplo. Europa. As Colónias Distantes. — Estávamos sentados à mesa, na cozinha. Ela morava defronte do Instituto do Tempo, algo que eu sempre soubera mas que nunca interiorizara por completo. O que tinha Zoey? Fora muito próxima da nossa mãe, e, agora que ela tinha morrido, tudo o que lhe restava era o trabalho. O trabalho e pouco mais, para todos os efeitos, mas quem era eu para julgar fosse quem fosse. Recostei-me na cadeira, contemplando os pináculos luminescentes na distância, para lá dos telhados do Instituto do Tempo. Seria eu capaz de imigrar para as Colónias Distantes? Era um pensamento fantasioso. Mas é claro que a ideia que se seguia era: *Se vivemos numa simulação, não é como se as Colónias Distantes fossem reais.*

— O que lhes aconteceu? — perguntei. — À pessoa que escreveu a carta no século XX, ao Edwin qualquer coisa e à Olive Llewellyn?

Zoey acabara a sua segunda bebida — eu continuava a meio da minha

primeira — e serviu-se de uma terceira.

— A pessoa que escreveu a carta foi para a guerra, regressou a Inglaterra um homem desfeito e morreu num hospício. A Olive Llewellyn morreu na Terra. Foi apanhada numa pandemia, em plena digressão literária.

— Zoey — disse eu —, a tua investigação já começou?

— Mais ou menos. Estamos nas discussões preliminares. A burocracia em torno destas viagens é complicada.

— E vais... Serás tu a fazer essa viagem?

— Aqui há uns anos, quase deixei o Instituto do Tempo — respondeu ela. — Aceitei ficar, na condição de nunca mais ser obrigada a viajar.

— Viajaste no *tempo* — exclamei e, nesse instante, senti uma reverência profunda pela minha irmã. — Onde foste?

— Não posso falar disso. — A expressão dela era severa.

— Podes ao menos dizer-me por que motivo não queres continuar a fazê-lo? Seria de esperar que fosse...

— Seria de esperar que fosse interessante — respondeu ela. — E é. A princípio é fascinante. É um portal para um mundo diferente.

— Exato, era assim que o imaginava.

— Mas antes de partirmos, Gasperry, podemos passar dois anos em pesquisa. Quando se vai para um período de tempo em específico, vamos para investigar algo em concreto, por isso lemos tudo o que há para ler sobre todas as pessoas que contamos encontrar. Há pessoas no Instituto do Tempo, centenas de funcionários, cujo único trabalho consiste em pesquisar sobre pessoas há muito falecidas, com o objetivo de compilar pastas para os viajantes, e o nosso trabalho é estudar essas pastas até saberemos tudo o que contêm. — Calou-se para beber um trago. — Imagina o seguinte cenário, Gasperry: entras numa festa, num ponto longínquo do tempo, e sabes exatamente como e quando irão morrer todas as pessoas presentes nessa sala.

— É um bocado sinistro — admiti.

— E algumas vão morrer de coisas perfeitamente evitáveis, Gasperry. Podes estar a falar com uma mulher, e imaginemos que ela tem filhos pequenos, e tens a perfeita noção de que se vai afogar num piquenique na terça-feira seguinte, mas, porque não podes interferir com a cronologia, a única coisa que não podes dizer-lhe, de maneira alguma, é: «Na próxima semana não vá nadar.» Tens de a deixar morrer.

— Não a podemos tirar da água.

— Exato.

Durante uns instantes não sabia o que responder, pelo que olhei pela janela, para os telhados e pináculos, perguntando-me se deixar alguém morrer por causa de uma cronologia seria algo que eu fosse capaz de fazer. Zoey continuava a beber, em silêncio.

— Este trabalho exige um nível de dissociação quase desumano — explicou ela, por fim. — Eu disse *quase*? Queria dizer *completamente* desumano.

— Portanto, alguém terá de viajar no tempo para investigar isto — disse eu —, mas não serás tu.

— Serão várias pessoas, mas não faço ideia de quem. Não é propriamente uma tarefa popular.

— Manda-me a mim — repliquei. Porque aquilo que estava a pensar nesse instante era que a mulher hipotética que se iria afogar na terça-feira seguinte se afogaria e ponto final.

Ela olhou para mim, com uma expressão de surpresa. Duas manchas rosadas tinham-lhe surgido nas faces, mas, de resto, parecia mais do que sóbria.

— Nem penses.

— Porquê?

— Primeiro, porque é um trabalho terrivelmente perigoso. Segundo, não tens as qualificações exigidas.

— Mas que tipo de formação poderá ser necessária para recuar no tempo e falar com pessoas? Porque é disso que se trata, não é? Quero dizer, quais são os requisitos?

— Há uma catrefada de testes psicológicos, seguidos de vários anos de formação.

— Eu posso fazer isso — respondi-lhe. — Posso voltar a estudar, posso fazer toda a formação que for necessária. Sabes que quase concluí a minha licenciatura em Criminologia. Sei como levar a cabo uma entrevista.

Ela ficou em silêncio.

— A ideia é manter o círculo de conhecimento limitado ao máximo, não é? — disse eu. — Imagina o pânico se se soubesse que vivemos numa simulação.

— Não sabemos se estamos a viver numa simulação, e não me parece que *pânico* seja a palavra exata. Seria mais um *ennui* terminal.

Decidi pesquisar o significado da palavra *ennui* mais tarde. Há palavras com que deparamos toda a vida sem que nunca saibamos o seu significado.

— Zoey — disse-lhe eu —, não estou a fazer nada da minha vida.

— Não digas isso — retorquiu ela, demasiado depressa.

— Esta situação... — continuei — ... Esta coisa, seja ela o que for, esta possibilidade, digamos, é talvez a primeira vez em que algo me interessa verdadeiramente.

— Então arranja um passatempo, Gasperry. Dedicar-te à caligrafia, ao tiro ao arco ou a algo do género.

— Podes, pelo menos, pensar no assunto, Zoey? E falar com quem tiveres de falar? Podes pôr a hipótese de me escolherem? Se a ideia é viajar no tempo, não há pressa nenhuma, pois não? Teria tempo para me preparar, poderia fazer tudo o que quisesse, voltar a estudar, formação psicológica, o que quer que fosse... — Percebi que estava a papaguear, por isso calei-me.

— Não — respondeu ela. — Nem pensar nisso. — Esvaziou o copo. — Quando digo que é uma missão perigosa, Gasperry, é porque não gostaria que fosse levada a cabo por alguém de quem gosto.

Depois disso, estive três semanas sem ver a Zoey, e havia uma mensagem de ausência no dispositivo dela. Fui trabalhar, voltei para casa, andei de um lado para o outro no meu apartamento e falei com o meu gato. Por fim, numa das minhas folgas do hotel, deixei-lhe uma mensagem a dizer que iria passar pelo escritório. Ela não me respondeu, mas apanhei o trólei até ao Instituto do Tempo no final dessa tarde. Ela partilhara comigo o seu calendário de trabalho. Eu sabia que estaria lá. Observei as ruas pálidas passarem a correr, os velhos edifícios de pedra com falhas na alvenaria e as habitações ilegais decrepitas encostadas aos mesmos — a influência da Cidade da Noite a infiltrar-se, um cheirinho a desordem que eu considerava revigorante — e tive a sensação estranha e demente de que ela poderia estar morta. Trabalhava demasiado e bebia em excesso também. No primeiro ano após a morte da nossa mãe, os meus pensamentos desviavam-se frequentemente para a desgraça.

Estava parado diante do Instituto do Tempo, um monólito de pedra branca, e liguei-lhe mais uma vez. Nada. Eram cerca das seis da tarde. Algumas pessoas emergiram do edifício, isoladamente e aos pares. Dei por mim a estudar os seus rostos, interrogando-me sobre qual seria a sensação de ter um emprego com tanto em jogo, e, de repente, um desses rostos pertencia a Ephrem.

— Eph — chamei.

Ele ergueu o olhar, apanhado de surpresa.

— Gasperry! O que fazes aqui?

Falara com Ephrem no funeral da minha mãe, por breves instantes, mas esse dia era uma mancha confusa na minha mente. Não falávamos desde um jantar em casa dele, havia um ano. Talvez fosse da iluminação da cúpula — a escuridão crescente, mas também mais prateada, numa aproximação tosca aos crepúsculos na Terra —, mas parecia-me mais velho do que o recordava, mais velho e mais desgastado.

— Ia perguntar-te o mesmo — respondi-lhe. — O que faz um arborista no Instituto do Tempo? — Ele hesitou e, nessa fração de segundo, vi uma abertura. Havia algo que não queria partilhar comigo e havia algo que eu não deveria

saber. — Trabalhas aqui, não é?

Ele acenou com a cabeça.

— Sim. Já há algum tempo.

— Então estás familiarizado com o projeto em que a Zoey está a trabalhar? A cena da simulação?

— Por amor de Deus, Gasperry, não digas mais nada. — Ephrem estava a sorrir, mas percebi que estava a falar a sério. — Há quanto tempo não te via. E se tomássemos um chá?

— Parece-me bem.

— Vem conhecer o meu gabinete — sugeriu-me. — Peço para nos levarem um chá lá acima.

Atravessámos o átrio em silêncio, passámos pela segurança, entrámos num elevador e percorremos sucessivos corredores brancos, todos idênticos, um labirinto de portas lisas e vidros opacos.

— Chegámos — anunciou ele.

O gabinete era idêntico ao de Zoey, com a diferença de que tinha um bonsai no parapeito da janela. Um serviço de chá esperava-nos em cima da mesa, com três chávenas. Conhecia Ephrem desde sempre, mas alguma vez lhe perguntara sobre o seu trabalho? Dissera-me que era arborista, eu fizera-lhe uma ou outra pergunta sobre uma árvore, mas, ao que parecia, sabia menos sobre o meu amigo do que julgava. O gabinete dele ficava num andar de topo, e os pináculos da Colónia Um estendiam-se na direção oposta; na distância, vislumbrei o Grand Luna Hotel.

— Há quanto tempo estás aqui? — perguntei-lhe.

— Há cerca de uma década. — Estava a servir o chá, mas fez uma pequena pausa, para pensar. — Não, há sete anos. Mas parece que já se passou uma década.

— Pensava que eras arborista.

— Sinto falta desse trabalho, para ser sincero. Agora, infelizmente, as árvores não são mais do que um passatempo. Fazes-me companhia?

Aproximei-me da mesa de reuniões, que era exatamente igual à de Zoey. Fui acometido pela estranheza desse momento, a sensação desconcertante de a realidade estar a dar lugar a outra realidade. *Mas eu conheço-te há anos, apetecia-me dizer-lhe, e tu és um arborista, não um fatinho no Instituto do Tempo. Fizemos o secundário juntos.*

— Era mais simples trabalhar com árvores? — indaguei.

— Do que o meu emprego atual? Sim. Muito, mesmo. — O dispositivo dele vibrou. Olhou de relance para o ecrã e estremeceu.

— Porque não me contaste que trabalhavas aqui?

— É que... é complicado — replicou ele. — E quando digo *complicado* na verdade quero dizer confidencial. A questão é que não posso responder a perguntas sobre o meu trabalho, por isso não gosto de falar nele.

— Deve ser estranho — disse eu —, trabalhar em algo secreto. — Quando disse *secreto*, na verdade quisera dizer maravilhoso.

— Tento não mentir. Se me tivesses perguntado onde trabalhava, teria de dizer que estava a fazer um trabalho com o Instituto do Tempo e deixar que presumisses que se tratava de algo relacionado com árvores.

— Certo — retorqui. O silêncio instalou-se entre nós. Não sabia como lhe pedir o que queria. *Contrata-me, deixa-me participar, deixa-me fazer parte do que quer que seja que vocês fazem aqui.* — Ephrem... — comecei, mas então a porta abriu-se, e Zoey entrou. A expressão no seu rosto era algo que não lhe via desde a infância. Estava furiosa. Sentou-se no lugar à minha frente, ignorou o chá e fitou-me até eu ser obrigado a desviar o olhar.

— Desde os cinco anos que não ganho um único concurso de olhares fixos com a minha irmã — comentei com Ephrem. — Ou talvez seja desde os quatro... — Ele reagiu esboçando um sorriso leve. Ninguém falou. O meu olhar desviou-se novamente para o bonsai.

Por fim, misericordiosamente, Ephrem pigarreou.

— Escuta — disse-me ele. — Ainda ninguém quebrou regra nenhuma. Quando a Zoey falou contigo sobre a anomalia, Gasperry, esta ainda não tinha sido classificada.

Zoey fitou o chá.

— É claro — continuou Ephrem —, isso não significa que possas estar à porta do Instituto do Tempo a repetir as coisas que ela te contou.

— Peço desculpa — respondi. — Ephrem, posso saber se é real?

— Como assim?

— As coisas que a Zoey me contou pareciam formar um padrão, mas, quero dizer, era uma cena da nossa mãe — expliquei. — A hipótese da simulação.

— Lembro-me de ela falar sobre isso — retorquiu ele, calmamente.

— Acho que, quando perdemos alguém, é fácil vermos padrões que não existem.

Ephrem assentiu com a cabeça.

— Isso é verdade. Não sei se haverá alguma coisa aí — disse ele. — Mas não era próximo da tua mãe, o que faz de mim um elemento em certa medida neutro nesta questão, e acho que temos o suficiente para se fazer uma investigação.

— Posso ajudar? — perguntei.

— *Não* — murmurou Zoey, num tom quase inaudível.

— A Zoey disse-me que querias trabalhar aqui. — Reparei que ele estava a ter o cuidado de não olhar na direção de Zoey.

— Sim — repliquei. — Gostaria.

— *Gaspery*... — disse Zoey.

— Por que razão queres trabalhar aqui? — perguntou-me Ephrem.

— Porque é interessante — retorqui. — Estou mais interessado nisto do que... Bem, do que em qualquer outra coisa de que me lembre, para dizer a verdade. Espero que isso não me faça parecer desesperado.

— De modo algum — respondeu Ephrem. — Apenas te faz parecer interessado. Todos nós estamos interessados, caso contrário, não estaríamos aqui. Sabes qual é o nosso trabalho?

— Nem por isso — repliquei.

— Salvar a integridade da nossa cronologia — explicou ele. — Investigamos anomalias.

— Houve outras?

— Por norma, não dão em nada — disse Ephrem. — O meu primeiro caso no Instituto envolveu um sósia. De acordo com o nosso melhor *software* de reconhecimento facial, a mesma mulher aparecera em fotografias e em vídeos de 1925 e 2093. Consegui recolher ADN e determinar que se tratava de duas mulheres diferentes.

— Disseste *por norma* — comentei.

— Em algumas ocasiões — disse Ephrem —, não conseguimos ter a certeza. — Percebi que era algo que o incomodava.

— Andam à procura de algo em concreto? — perguntei.

— Andamos à procura de várias coisas. — Calou-se, por instantes. — A vertente do nosso trabalho que está relacionada com a anomalia — explicou — é uma investigação contínua em torno da possibilidade de estarmos a viver numa simulação.

— Achas que sim?

— Há um grupo de pessoas — disse ele, com cuidado —, no qual me incluo,

que acredita que a viagem no tempo funciona melhor do que deveria.

— O que queres dizer com isso?

— Quero dizer que existem menos *loops* do que seria de esperar. Quero dizer que, às vezes, alteramos a cronologia, e depois a cronologia parece *corrigir-se* a si própria, de uma maneira que não faz sentido para mim. O rumo da história deveria ser irrevogavelmente alterado sempre que voltamos atrás no tempo, mas, bem, tal não acontece. Às vezes os acontecimentos parecem mudar para acomodarem a interferência do viajante no tempo, e uma geração depois é como se o viajante nunca lá tivesse estado.

— Nada disso é prova de uma simulação — apressou-se a dizer Zoey.

— Certo. É difícil de confirmar — disse Ephrem —, por motivos óbvios.

— Mas estariam mais perto dessa confirmação se pudessem identificar uma falha na simulação — afirmei.

— Sim, exatamente.

— Gasperry — disse Zoey —, sei que é interessante, mas é uma área de trabalho complicada.

— Eu e a Zoey estamos em desacordo no que diz respeito a alguns aspetos do Instituto do Tempo — comentou Ephrem. — Convenhamos que as nossas experiências aqui têm sido diferentes.

— Sim, convenhamos — replicou Zoey, categoricamente.

— Mas o que *te* posso dizer — continuou Ephrem — é que é interessante trabalhar aqui.

— E o que *eu* te posso dizer — disse Zoey — é que o Ephrem não atingiu os objetivos de recrutamento neste ano, no ano passado nem no ano antes desse.

— A formação e o trabalho em si exigem grande discrição — replicou Ephrem, ignorando-a — e imensa concentração.

— Eu sou concentrado — respondi-lhe. — E sei ser discreto.

— Bem — retorquiu Ephrem —, vou marcar-te uma avaliação.

— Obrigado — repliquei. — Isto vai parecer... Ouve, não quero parecer patético, mas nunca tive um emprego interessante.

Ephrem sorriu.

— Não estou preocupado com a avaliação. Vais passar na boa. Isto merece um brinde.

Mas se merecia um brinde, porque é que a minha irmã estava tão calada, porquê o ar tão carrancudo? *Uma área de trabalho complicada*. Ouve, apetecia-me dizer-lhe, enquanto Ephrem mandava vir três copos de champanhe, prefiro ter

um emprego perigoso do que um emprego em que me sinto num coma de tédio, mas tinha medo de que, se lho dissesse, ela desatasse a chorar.

Uma semana depois, cheguei ao hotel uma hora antes do início do meu turno e dirigi-me ao escritório de Talia.

— Gasperry — disse ela.

Quando ia sentar-me, ela abanou a cabeça e saiu detrás da sua secretária.

— Vamos dar uma volta.

— Só tenho alguns...

— Sabes, é curioso. — Ela fez-me sinal para que saísse à sua frente. — Estudei a história do trabalho na universidade e, se há uma constante histórica ao longo dos séculos, é que ninguém se quer envolver especificamente com os Recursos Humanos. — Abriu a porta lateral, e saímos para a luz do dia, junto à doca de carga. — Disse à tua supervisora que precisava de falar contigo. Ninguém se importará.

A programação atmosférica para esse dia exigia nuvens, pelo que a luz do dia era fraca e acinzentada. Achei-a desconcertante.

— Não é fácil habituarmo-nos — comentou Talia. Vira-me olhar para o céu com inquietação. Íamos a caminhar na direção do trilho que se estendia ao longo do rio da Colónia Um. Por motivos de saúde mental, as três colónias tinham rios que corriam sobre leitos de pedra branca idênticos, com pontes de pedra branca também idênticas. Eram verdadeiras maravilhas da tecnologia. E tinham todos o mesmo som. — Porque deixaste a Cidade da Noite?

— Um mau divórcio — repliquei. — Quis começar de novo. — Havia um certo conforto na uniformidade do som do rio; se não erguesse o olhar, se não prestasse atenção à estranha e acinzentada luz falsa de um dia enublado, podia fingir que estava em casa. — Porque vieste para cá?

— Eu sou daqui — respondeu ela. — Só me mudei para a Cidade da Noite aos nove anos.

— Ah.

Estávamos a aproximar-nos de uma ponte. Na Cidade da Noite, a ponte teria uma série de sem-abrigo a dormir ou a drogar-se sob a mesma, na paz e nas sombras do talude, mas aqui havia apenas um idoso sentado sozinho num

banco, a contemplar a água.

— Vieste ao meu escritório para apresentares a tua demissão — disse Talia.

— Como é que sabes?

— Porque há três dias o chefe do chefe do meu chefe disse-me para falar com dois engravatados do Instituto do Tempo. E, a julgar pelas perguntas que me fizeram, estavam a avaliar-te para um cargo.

Haverá um tipo de desconforto específico na sensação de existir toda uma burocracia invisível em funcionamento à nossa volta? Talia parou, pelo que parei também e baixei o olhar para a água. Quando era miúdo, costumava fazer flutuar pequenos barcos no rio da Cidade da Noite, mas o rio da Cidade da Noite era uma coisa escura e cintilante, refletindo ao mesmo tempo a luz solar e a negritude do espaço. O rio da Colónia Um era pálido e leitoso, refletindo as nuvens falsas na cúpula.

— Costumávamos morar ali — disse Talia, apontando, e ergui o olhar sobre o rio para um dos grandiosos prédios mais antigos e esplêndidos, uma torre branca cilíndrica com um jardim em cada varanda. — Os meus pais trabalhavam para o Instituto do Tempo.

Eu não sabia o que responder. Não me ocorria nenhuma razão não catastrófica para uma família se mudar de uma das moradas mais elegantes da Colónia Um para uma habitação a cair de podre na Cidade da Noite.

— Eram ambos viajantes — explicou Talia. — Até que, ao que parece, uma missão correu terrivelmente mal, os meus pais deixaram de poder trabalhar, e, no espaço de um ano, estávamos naquele bairro decrepito na Cidade da Noite.

— Lamento. — Custava-me dizê-lo porque a verdade era que adorava a Cidade da Noite, e esse bairro decrepito era o meu lar. A minha família (eu, a Zoey, a nossa mãe) não estava lá porque *tinha* de estar, estava porque, nas palavras da minha mãe, «pelo menos este sítio tem personalidade, ao contrário daquelas colónias estéreis com luz falsa», apesar de, ao mesmo tempo que o estava a recordar, ter-me vindo à memória o facto de não termos dinheiro para consertar o telhado quando começara a chover dentro de casa.

Talia estava a olhar para mim.

— Os bêbedos são indiscretos — disse ela. — Como imagino que saibas, se alguma vez te debruçaste sobre o assunto durante mais do que cinco minutos, enviar alguém atrás no tempo altera inevitavelmente a história. *A presença do viajante é, por si só, uma perturbação*, era a frase que o meu pai costumava empregar. Não há maneira nenhuma de voltar atrás, interagir com o passado e

deixar a cronologia perfeitamente intacta.

— Certo — respondi. Não tinha a certeza de onde ela pretendia chegar, mas ouvi-la deixava-me agitado, a ponto de não a conseguir olhar nos olhos.

— Às vezes, o Instituto do Tempo volta atrás no tempo e desfaz o estrago, certifica-se de que o viajante não faz a coisa que muda a história. Uma coisa pequena, sabes, como abrires a porta à mulher que irá criar um algoritmo que acabará com a civilização ou algo do género. Às vezes, voltam atrás e desfazem o estrago, mas nem sempre. Queres saber como tomam essa decisão?

— Parece-me algo altamente confidencial — retorqui.

— Ah, e é, Gasperry, mas simpatizo contigo e, com a idade, tornei-me um pouco imprudente, por isso vou contar-te na mesma. (Ela tinha o quê, trinta e cinco anos? Nesse instante, pareceu-me arrebatadoramente exausta.) — A métrica é a seguinte: eles só voltam atrás e desfazem o estrago *se o estrago afetar o Instituto do Tempo*. O que é que eu sou, Gasperry? Como me descreverias?

Aquilo parecia-me uma armadilha.

— Eu...

— Tudo bem — respondeu ela —, podes dizê-lo. Sou uma burocrata. Os Recursos Humanos são burocracia.

— Certo.

— E o Instituto do Tempo também. A principal universidade de pesquisa na Lua, detentora da única máquina do tempo funcional que existe, com estreita ligação ao governo e à aplicação da lei. Mesmo *uma* coisa dessas envolveria uma burocracia impressionante, não te parece? Aquilo que tens de compreender é que a burocracia é um organismo, e o objetivo principal de todo o organismo é a autoproteção. A burocracia existe para se proteger a si mesma. — Estava a olhar novamente sobre o rio. — Morávamos no terceiro andar — disse ela, apontando. — A varanda com as trepadeiras e com as roseiras.

— É bonito — respondi.

— É, não é? Ouve, compreendo que queiras trabalhar para o Instituto do Tempo — disse ela. — Deve parecer-te uma oportunidade entusiasmante. Não é como se te esperasse uma grande carreira no hotel. Mas fica sabendo que, assim que deixar de precisar de ti, o Instituto irá descartar-te. — Falou num tom tão descontraído que fiquei na dúvida se a teria ouvido bem. — Agora tenho uma reunião — disse. — É melhor começares o teu turno na próxima hora. — Deu meia-volta e deixou-me ali.

Dirigi a atenção para o prédio. Já tinha estado no interior de um, vários anos

antes, por ocasião de uma festa, e na altura estava bastante embriagado, mas lembrava-me de tetos abobadados e divisões espaçosas. O que estava a passar-me pela cabeça nesse momento era que, caso algo corresse mal no Instituto do Tempo, jamais poderia dizer que não fora avisado.

Contudo, sentia-me impaciente em relação à minha vida. Virei-me para regressar ao hotel e constatei que não conseguia entrar. O hotel era passado. Eu queria o futuro. Liguei ao Ephrem.

— Posso começar mais cedo? — perguntei-lhe. — Sei que o plano era dar duas semanas ao hotel, mas será que posso começar já a formação? Esta noite?

— Sim — respondeu-me ele. — Consegues estar cá dentro de uma hora?

— Queres um chá? — perguntou Ephrem.

— Sim, obrigado.

Digitou algo no dispositivo, e fomos sentar-nos à mesa de reuniões. De repente, uma recordação: beber *chai* com o Ephrem e com a mãe um dia depois das aulas, no apartamento deles, o qual era mais agradável do que o meu. Lembrei-me de que a mãe dele trabalhava a partir de casa; tinha estado sentada em frente a um ecrã. Eu e o Ephrem estávamos a estudar, por isso devia ter sido antes de um exame, durante um período em que eu andava a experimentar a) beber chá e b) ser um bom aluno. Estava prestes a recordar-lhe esse momento — *Lembras-te?* — quando se ouviu tocar à porta, e um homem jovem entrou com um tabuleiro, que pousou em cima da mesa com um aceno de cabeça. *O chai é real*, disse para mim mesmo e depois ocorreu-me: o Ephrem também se deve lembrar desse momento do passado, pois serve-me sempre *chai* quando aqui venho.

— Aqui tens. — Ephrem estendeu-me uma caneca fumegante.

— Porque é que a Zoey não quer que eu trabalhe aqui?

Ele suspirou.

— Ela teve uma má experiência, há uns anos. Não sei os pormenores.

— Sabes, sim.

— Pois sei. É apenas um boato, mas ouvi dizer que se apaixonou por um viajante, que ele começou a agir por conta própria e que depois se perdeu no tempo. É literalmente tudo o que sei.

— Não, não é.

— É literalmente tudo o que sei que não é confidencial — respondeu Ephrem.

— Como é que uma pessoa se perde no tempo?

— Imagina que lixavas a cronologia de forma intencional. O Instituto do Tempo pode decidir não te fazer regressar ao presente.

— Por que razão haveria alguém de lixar intencionalmente a cronologia?

— Exato — replicou Ephrem. — Desde que não se faça isso, não há

problema. — Inclinou-se para a frente, para mexer numa consola na parede, e uma cronologia com fotografias de pessoas surgiu suspensa no ar, no espaço entre nós. — Ando a trabalhar num plano de investigação para ti — explicou-me. — Não queremos colocar-te no centro da anomalia, pois não sabemos do que se trata ou quão perigosa poderá ser. Queremos que entrevistes pessoas que julgamos terem-na presenciado.

Ampliou uma fotografia muito antiga, a preto e branco, de um jovem com um ar preocupado envergando uma farda militar.

— Este é o Edwin St. Andrew, que assistiu a algo na floresta em Caiette. Deverás visitá-lo e ver se fala sobre o assunto.

— Não sabia que era soldado.

— Quando falares com ele, ainda não será. Irás falar com ele em 1912, e mais tarde ele passará um mau bocado na Frente Ocidental. Mais chá?

— Obrigado. — Não fazia a mínima ideia do que era a Frente Ocidental e esperava que me fosse explicado durante a minha formação.

Ele fez deslizar a cronologia para o lado, e vi o compositor das imagens que a Zoey me mostrara antes.

— Em janeiro de 2020 — continuou Ephrem —, um artista chamado Paul James Smith deu um espetáculo que incluía um vídeo, e, ao que parece, esse vídeo talvez mostre a anomalia que o St. Andrew descreveu um século antes, mas não sabemos exatamente onde esse vídeo foi filmado. Não temos imagens completas do concerto, apenas o excerto que a Zoey te mostrou. Terás de falar com ele e de tentar descobrir alguma coisa.

Ephrem tornou a deslizar a cronologia para o lado e vi outra fotografia, um homem de idade a tocar violino num terminal de aeronaves, com os olhos fechados.

— Este é o Alan Sami — explicou Ephrem. — Tocou violino durante muitos anos no Terminal de Aeronaves de Oklahoma City, por volta de 2200, e estamos convencidos de que é à música dele que a Olive Llewellyn faz referência no livro *Marienbad*. Irás entrevistá-lo para saberes mais sobre essa música. Descobre tudo o que puderes. — Avançou na cronologia, e lá estava Olive Llewellyn, a autora favorita da minha mãe, antiga residente na casa de infância de Talia Anderson. — E aqui está a Olive Llewellyn. Lamento informar-te de que há duzentos anos que ninguém guarda registos de videovigilância, pelo que não há dados sobre se a Olive Llewellyn experienciou ou não algo antes de ter escrito *Marienbad*. Irás entrevistá-la durante a sua última digressão de promoção literária.

— Quando foi a última digressão dela? — indaguei.

— Em novembro de 2203. No início da pandemia de SARS Doze. Não te preocupes, não ficarás doente.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Era uma das nossas imunizações de infância — respondeu Ephrem.

— Haverá outros investigadores destacados para este caso?

— Vários. Irão observar ângulos diferentes, entrevistar pessoas diferentes ou entrevistar as mesmas pessoas de maneira diferente. Talvez conheças alguns, mas, se forem bons profissionais, nunca saberás quem são. Na parte que te diz respeito, Gasperry, não é uma missão complicada. Farás umas entrevistas e depois entregarás os resultados a um investigador sénior, que assumirá o comando da situação e procederá à resolução final, e, se tudo correr bem, haverá outras investigações para ti. Podes ter uma carreira interessante aqui. — Estava a olhar fixamente para a cronologia. — Acho que deverás começar por entrevistar o violinista — disse ele.

— Está bem — retorqui. — Quando falo com ele?

— Daqui a cinco anos — respondeu Ephrem. — Antes disso, tens muita formação pela frente.

A formação não foi como mergulhar num mundo diferente. Foi como mergulhar em sucessivos mundos diferentes, momentos que tinham surgido uns atrás dos outros, mundos que se dissipavam de uma forma tão gradual que somente em retrospectiva a sua perda era evidente. Anos de ensino privado em pequenas salas no Instituto, anos a cruzar-me nos corredores com pessoas que tanto podiam ser meus colegas como não — ninguém usava uma placa identificativa com o nome — e anos de estudo pessoal na biblioteca do Instituto do Tempo ou à noite, no meu apartamento, com o meu gato a dormir no colo. Cinco anos depois de ter deixado o hotel, reporteí pela primeira vez à câmara de viagens.

Tratava-se de uma divisão de tamanho médio, totalmente feita de uma espécie de pedra compósita. Ao fundo havia um banco, embutido num encaixe profundo na parede. O banco estava de frente para uma secretária com um aspeto extremamente banal. Zoey estava sentada à mesma, com um instrumento que se assemelhava desconcertantemente a uma arma.

— Vou introduzir-te um localizador no braço — disse ela.

— Bom dia, Zoey. Estou bem, obrigado por perguntares. Também gosto de te ver.

— É um microcomputador. Interage com o teu dispositivo, que, por sua vez, interage com a máquina.

— Certo — respondi, dispensando as cordialidades. — Quer dizer que o localizador envia informação para o meu dispositivo?

— Lembras-te daquela vez em que te dei um gato? — perguntou ela.

— Claro. O *Marvin*. Está neste preciso momento a dormir em casa.

— Enviámos uma agente para um século no passado — explicou Zoey —, mas a agente apaixonou-se por alguém e não quis regressar a casa, por isso retirou o seu próprio localizador, deu-o a comer a um gato, e depois, quando tentámos trazê-la à força para o tempo presente, foi o gato que apareceu na câmara de viagens.

— Espera aí — disse eu —, o meu gato pertence a outro século?

— O teu gato é de 1985 — replicou ela.

— O quê?... — perguntei, atónito.

Ela agarrou-me na mão — quando fora a última vez que nos tínhamos tocado? —, e observei a sua concentração séria, enquanto introduzia um chumbinho prateado no meu braço esquerdo. Doeu muito mais do que estava à espera. Ela abriu uma projeção por cima da secretária e dirigiu a atenção para o ecrã flutuante.

— Devias ter-me dito — disse eu. — Devias ter-me dito que o meu gato era um viajante do tempo.

— Sinceramente, Gasperry, que diferença teria feito? Um gato é um gato.

— Nunca foste grande fã de animais...

A boca dela era um traço fino. Recusava-se a olhar para mim.

— Devias estar contente por mim — disse-lhe eu, enquanto ela ajustava algo na projeção. — Esta é a única coisa que alguma vez quis realmente fazer e estou a fazê-la.

— Oh, Gasperry — respondeu ela, num tom meio distraído. — Meu pobre carneirinho. O teu dispositivo?

— Aqui tens.

Pegou no meu dispositivo, encostou-o à projeção e depois devolveu-mo.

— Pronto — disse. — O teu primeiro destino já foi programado. Vai sentar-te na máquina.

Uma transcrição:

GASPERY ROBERTS: Pronto, está ligado. Obrigado por ter aceitado falar comigo.

ALAN SAMI: De nada. Obrigado pelo almoço.

GR: Ora bem, para efeitos de registo, o senhor é violinista.

AS: Sou, sim. Toco no terminal de aeronaves.

GR: Para ganhar uns trocos?

AS: Por prazer. Quero que fique bem claro que não preciso do dinheiro.

GR: Mas recebe moedas, naquele chapéu que coloca a seus pés...

AS: Bem, as pessoas costumavam atirar-me moedas, por isso acabei por decidir virar o chapéu ao contrário e pô-lo à minha frente, para que as moedas pudessem cair todas no mesmo sítio.

GR: E posso saber porque o faz, se não precisa do dinheiro?

AS: Bem, porque adoro, meu rapaz. Adoro tocar violino e adoro ver pessoas.

GR: Queria mostrar-lhe uma pequena gravação, se me permite.

AS: De música?

GR: Música com uns ruídos de fundo. Vou mostrar-lha e depois vou pedir-lhe que me diga tudo o que puder sobre ela. Pode ser?

AS: Claro. Força.

[...]

GR: Era o senhor a tocar, não era?

AS: Sim, sou eu, no terminal de aeronaves. Mas é uma gravação de má qualidade.

GR: Como é que tem a certeza de que é o senhor?

AS: Como é que... a sério? Bem, meu rapaz, porque conheço a música e porque ouvi uma aeronave. Aquele sibilo mesmo no fim.

GR: Concentremo-nos na música, para já. O que me pode dizer sobre a peça que estava a tocar?

AS: A minha canção de embalar. Foi escrita por mim, mas nunca lhe dei um

título. Foi algo que criei para a minha mulher, a minha falecida mulher.

GR: A sua falecida... Os meus sentimentos.

AS: Obrigado.

GR: Será que existe... Alguma vez se gravou a si mesmo a tocá-la ou a transcreveu para o papel?

AS: Nem uma coisa nem outra. Porquê?

GR: Bem, como lhe disse, sou assistente de um historiador de música. Fui incumbido de investigar as semelhanças e as diferenças entre a música tocada nos terminais de aeronaves das várias regiões da Terra.

AS: E a sua afiliação, a que instituição disse que pertence?

GR: À Universidade da Colúmbia Britânica.

AS: E a sua pronúncia é daí?

GR: A minha pronúncia?

AS: Acabou de mudar. Tenho ouvido para pronúncias.

GR: Ah. Sou da Colónia Dois.

AS: Interessante. A minha mulher era da Colónia Um, mas a pronúncia dela não era nada que se parecesse com a sua. Há quanto tempo faz este trabalho?

GR: A dar apoio em investigações? Há uns anos.

AS: Tira-se um curso para isso? Como se entra para essa área de trabalho?

GR: Se quer que lhe diga, eu não saía da cepa torta. Trabalhava como segurança num hotel. O emprego não era mau. Passava o tempo no átrio do hotel, a observar as pessoas. Mas depois, bem, vi uma oportunidade. Surgiu uma coisa pela qual senti interesse, mais do que alguma vez pelo que quer que fosse. Passei cinco anos em formação, a estudar Linguística, Psicologia e História.

AS: A parte da História eu percebo, mas porquê Psicologia e Linguística?

GR: Bem, Linguística porque as pessoas falam de maneira diferente em períodos diferentes da história, e, quando estamos a lidar com música antiga com um elemento de locução, torna-se bastante útil.

AS: Faz sentido. E Psicologia?

GR: É um interesse pessoal. Não era relevante. De todo. Nem sei porque o referi.

AS: «Parece-me que a senhora protesta de mais.»

GR: Espere lá, tratou-me por senhora?

AS: É Shakespeare, meu rapaz. Então não andou na escola?

— Que classe — disse Zoey, quando examinou a gravação. — Que sofisticação.

Ephrem, que se encontrava sentado connosco no seu gabinete, conteve um sorriso.

— Eu sei — respondi. — Peço desculpa.

— Tudo bem — retorquiu a minha irmã —, a tua formação não incluía Shakespeare.

— Zoey — disse eu —, e Ephrem, o que aconteceria caso eu fizesse, hipoteticamente, asneira?

— Não faças asneira. — Ephrem olhou de relance para o seu dispositivo. — Peço desculpa — disse ele —, tenho uma reunião com o meu chefe, mas encontramos-nos no meu gabinete daqui a uma hora. — Então retirou-se e fiquei sozinho com a minha irmã.

— Qual foi a tua impressão do violinista? — perguntou-me Zoey.

— Estava na casa dos oitenta — respondi —, talvez até noventa. Falava devagar, tipo, com uma pronúncia arrastada. Tinha feito aquela coisa aos olhos, sabes, a mudança de cor? Os olhos dele tinham um tom arroxeadado estranho. Violeta, talvez.

— Deve ter sido do entusiasmo todo da juventude.

Tornou a olhar para a transcrição, relendo algo. Pus-me de pé e fui à janela. Era de noite, e a cúpula estava transparente. A Terra erguia-se no horizonte, uma visão a verde e azul.

— Zoey — disse eu —, posso perguntar-te uma coisa?

— Claro.

Virei-me para ela, e ela ergueu o olhar da transcrição.

— Lembras-te da Talia Anderson, da Cidade da Noite? — perguntei.

— Não. Não, não me parece.

— Foi da minha turma durante uns tempos, no ensino básico. A família dela morava na casa da Olive Llewellyn, e depois voltei a cruzar-me com ela, quando me contratou para aquele emprego de segurança no hotel.

— Espera aí — disse Zoey —, estás a falar da Natalia Anderson que trabalha

no Grand Luna Hotel?

— Sim.

Zoey assentiu com a cabeça.

— Ela fazia parte da lista de pessoas que entrevistámos quando andavas a ser avaliado para esta posição.

— Como te lembras de um nome que estava numa lista de há cinco anos?

— Não sei — replicou ela. — Mas lembro-me.

— Quem me dera ter o teu cérebro. Enfim, para ser sincero, ela aconselhou-me a não vir para cá.

— Também eu — retorquiu Zoey.

— Parece que os pais dela já trabalharam aqui — continuei, ignorando o comentário dela. — Há muito tempo. Ela disse que o pai era pouco discreto.

Zoey observava-me com atenção.

— O que é que ela disse?

— Disse: *A presença do viajante é, por si só, uma perturbação...*

— Essas mesmas palavras?

— Acho que sim. Porquê?

— Porque isso faz parte de um manual de formação confidencial que saiu de circulação há dez anos. Não me digas que anda a repetir isso a toda a gente. O que mais te disse?

— Disse que, quando o Instituto já não precisar de mim, serei descartado.

Zoey desviou o olhar.

— Não é o sítio mais fácil onde se pode trabalhar — respondeu-me. — A rotatividade dos funcionários é bastante elevada. Se bem te recordas, tentei dissuadir-te.

— Tinhas medo de que fosse expulso?

Ficou em silêncio durante tanto tempo que pensei que não fosse responder. Quando tornou a falar, não olhou para mim, e a sua voz soava tensa:

— Aqui, há muito tempo, fui bastante próxima de uma pessoa, uma viajante que andava a investigar outro assunto. Ela fez asneira.

— O que lhe aconteceu?

Levou a mão ao fio que usava sempre. Tratava-se de uma simples corrente de ouro, na qual eu nunca reparara, mas, a julgar pela maneira como lhe tocou, percebi que lhe fora oferecida pela viajante perdida.

— Há uma coisa que precisas de compreender — disse ela. — Não é obrigatório ser-se má pessoa para se tentar alterar a cronologia de uma forma

intencional. Basta um instante de fraqueza. Um simples instante. E, quando digo *fraqueza*, talvez queira realmente dizer *compaixão*.

— E se alterarmos a cronologia de forma intencional...

— Não é difícil perder deliberadamente alguém no tempo. Basta incriminá-lo num crime que não cometeu, por exemplo, ou, em casos menos graves, essa pessoa pode simplesmente ser deixada num sítio de onde não possa regressar.

— Mas a incriminação de um viajante por um crime não terá consequências para a cronologia?

— O Departamento de Pesquisa tem uma lista de crimes — explica Zoey. — Seleccionados com muito cuidado e examinados com muita atenção, exatamente para evitar repercussões significativas.

(*A burocracia existe para se proteger a si mesma*, dissera-me Talia, olhando para o rio.)

Zoey pigarreou.

— Amanhã é um dia importante — disse ela. — Recorda-me onde irás primeiro?

— A 1912 — retorqui —, falar com o Edwin St. Andrew. Vou fingir ser padre, para ver se falará comigo na igreja.

— Certo. E depois?

— Depois vou a janeiro de 2020 — continuei —, falar com o artista visual, Paul James Smith, para ver o que conseguimos descobrir sobre aquela filmagem estranha.

Ela disse que sim com a cabeça.

— E falas com a Olive Llewellyn no dia seguinte?

— Sim. — Por essa altura, já tinha lido todos os livros dela. Não gostara particularmente de nenhum, mas era difícil de precisar se a culpa era dos livros ou do receio que sentia quando pensava nela, tendo em conta o momento da entrevista.

— Tens noção de que a vais conhecer na última semana de vida dela — disse Zoey. — Vais entrevistá-la em Filadélfia, e ela morrerá três dias depois, num quarto de hotel, em Nova Iorque.

— Eu sei. — Sentia-me angustiado só de o imaginar.

A expressão no rosto de Zoey suavizou.

— Lembras-te de a mãe nos citar o *Marienbad* quando éramos miúdos?

Assenti com a cabeça e, por instantes, fui transportado de volta ao hospital, aos últimos dias de vida da nossa mãe, naquela semana fora do tempo e do

espaço em que nunca saíramos de perto dela.

— Mas vais conseguir aguentar-te, certo? — Pela maneira como a minha irmã me olhou, percebi que via um Gaspery antigo, uma versão indolente de mim com tendência para o erro, que vivia sem objetivos e não tinha passado os últimos cinco anos em formação, estudo e pesquisa.

— Claro que sim. Sou um profissional.

Eu conhecia os factos da vida e da morte dela: Olive Llewellyn morrera numa pandemia que começara durante uma digressão de promoção literária. Morrera num quarto de hotel na República Atlântica. Mas é claro que a ideia de quebrar o protocolo me ocorrera, tanto nesse momento como três dias depois, na manhã em que reportei à câmara de viagens, quando as coordenadas foram introduzidas no meu dispositivo e entrei na máquina para ir ao encontro dela.

**A ÚLTIMA DIGRESSÃO
DE PROMOÇÃO LITERÁRIA NA TERRA /
2203**

— Ouça — disse o jornalista —, não é minha intenção deixá-la pouco à vontade ou colocá-la numa situação difícil. Tenho apenas curiosidade em saber se experienciou algo estranho no Terminal de Aeronaves de Oklahoma City?

No silêncio, Olive ouvia o zunido baixo do edifício, os sons da ventilação e da canalização. Talvez não o tivesse admitido se ele não a tivesse apanhado já no final da digressão, se ela não estivesse tão fatigada. O jornalista, Gaspéry-Jacques Roberts, observava-a atentamente. Teve a sensação de que ele já sabia o que ela estava prestes a dizer.

— Não me importo de falar sobre o assunto — respondeu —, mas tenho receio de parecer demasiado excêntrica se isso for incluído na versão final da entrevista. Podemos falar *off the record*, por uns instantes?

— Sim — retorquiu ele.

— Eu estava no terminal. Ia apanhar o meu voo e lembro-me de ter passado por um tipo a tocar violino. E então, de repente, deu-se uma espécie de rasgo de escuridão e dei por mim numa floresta. Apenas por breves instantes. Foi...

— Foi exatamente como o descreveu no livro — disse Gaspéry.

— Sim.

— Pode dizer-me mais alguma coisa sobre isso?

— Pouco mais há a dizer. Aconteceu tudo muito depressa. Tive uma sensação... Isto vai parecer de loucos, mas foi como se estivesse em dois sítios em simultâneo. Vi que estava numa floresta, mas ao mesmo tempo estava no terminal.

— Eu sabia — exclamou ele.

— Não sei bem... — Olive não tinha a certeza de como apresentar a pergunta. — Isto quererá dizer alguma coisa? — indagou.

Olhou para ela e pareceu indeciso sobre o que dizer a seguir.

— Vai parecer-lhe disparatado — disse ele, com uma descontração forçada —, mas o meu editor na *Contingencies Magazine* gosta que conclua as entrevistas com uma pergunta divertida.

Olive cerrou os punhos e assentiu com a cabeça.

— Ora bem — começou ele —, isto é uma espécie de pergunta sobre o destino, penso eu. — Olive reparou que ele estava a transpirar. — Salvo algum tipo de catástrofe imprevisível, e partindo do princípio de que a nossa tecnologia continuará a avançar, no próximo século talvez possamos viajar no tempo. Se um viajante no tempo lhe aparecesse à frente e lhe dissesse para largar tudo e regressar a casa de imediato, fá-lo-ia?

— Como é que eu saberia que se tratava de um viajante no tempo?

A porta começou a abrir-se, e a agente publicitária de Olive estava a entrar.

— Bem, digamos que algo nessa pessoa não batia certo.

— Como por exemplo?

Gasperry inclinou-se para a frente, falando num tom baixo e rápido:

— Bem, por exemplo, imagine que essa pessoa era um adulto — disse ele. — Agora imagine que essa pessoa, esse adulto na casa dos trinta, tinha um nome que a Olive inventou para um livro que só publicou há cinco anos.

— Como é que está a correr? — perguntou Aretta.

— Lindamente — respondeu Gasperry. — O seu *timing* é perfeito.

— Podia ter mudado de nome — disse Olive.

— Pois podia. — Ele susteve o olhar dela. — Mas não o fiz. — O seu tom de voz soou mais animado quando ele se pôs de pé. — Muito obrigado pelo seu tempo, Olive. Em especial no que diz respeito à última pergunta. Sei que as perguntas divertidas são as mais aborrecidas.

— Parece cansada, Olive — comentou Aretta. — Sente-se bem?

— Estou só cansada — respondeu Olive, repetindo a explicação.

— Mas vai para casa já a seguir, não vai? — perguntou-lhe Gasperry, calmamente. — Daqui vai diretamente para o terminal de aeronaves, não é? — Bem, seja como for, obrigado e adeus!

— Não, ela ainda tem outra... Ah — disse Aretta —, adeus, sim! — Gasperry retirou-se. — Ele é um pouco estranho, não é?

— Um pouco, sim — replicou Olive.

— Que história era aquela de ir para casa? Ainda lhe restam três dias na Terra.

— Surgiu um imprevisto.

Aretta franziu o sobrolho.

— Mas...

Porém, Olive nunca tivera tanta certeza na sua vida. Nunca recebera um aviso tão claro.

— Lamento — respondeu —, sei que é um transtorno para todos, mas tenho de ir para o terminal de aeronaves. Vou apanhar o próximo voo para casa.

— O quê?

— Aretta — disse Olive —, devia ir para casa também, para junto da sua família.

É chocante acordarmos num mundo e por volta do anoitecer encontrarmo-nos noutro completamente diferente, mas a situação não é propriamente inusitada. Acordamos casados, depois o nosso cônjuge morre no decorrer desse dia; acordamos em tempo de paz, e por volta do meio-dia já o nosso país está em guerra; acordamos na ignorância, e nessa noite torna-se evidente que uma pandemia já aqui chegou. Acordamos numa digressão de promoção literária a uns dias do fim da mesma, e nessa noite estamos a correr para casa, a mala de viagens abandonada num quarto de hotel.

Olive telefonou ao marido do carro. Tratava-se de um veículo automático, o que era um alívio para ela; não havia um motorista a ouvi-la e a perguntar-se se teria perdido o juízo, algo que ela própria se questionava.

— Dion — disse ela —, vou pedir-te para fazeres uma coisa que te vai parecer algo extremo.

— Está bem — replicou ele.

— Temos de tirar a Sylvie da escola.

— O quê? Não ir amanhã? Mas eu tenho de trabalhar.

— Podes ir buscá-la já?

— O que se passa, Olive?

Do lado de fora da janela, os subúrbios de Filadélfia eram uma mancha de prédios. É possível termos um excelente casamento e ainda assim não conseguirmos contar absolutamente tudo ao nosso cônjuge.

— É por causa deste novo vírus — replicou Olive. — Conheci uma pessoa no hotel que tinha informação confidencial sobre o assunto.

— Que tipo de informação?

— A coisa está feia, Dion, está a disseminar-se de forma descontrolada.

— Nas colónias também?

— Fazes ideia de quantos voos diários há entre a Terra e a Lua?

Ele inspirou profundamente.

— Está bem — replicou. — Está bem. Vou buscá-la.

— Obrigada. Vou a caminho de casa.

— O quê? A situação é mesmo grave, se estás a interromper uma promoção literária.

— É grave, Dion, parece que é muito grave. — E então Olive percebeu que tinha começado a chorar.

— Não chores — respondeu-lhe ele, numa voz afetuosa. — Não chores. Estou a ir para a escola neste preciso momento. Vou levá-la para casa.

Na sala de embarque, Olive encontrou um canto afastado de toda a gente e examinou o seu dispositivo. Não havia notícias novas sobre a pandemia, mas encomendou o equivalente a três meses de produtos farmacêuticos, em seguida comprou água engarrafada, para jogar pelo seguro e depois uma pilha de brinquedos novos para Sylvie. Quando por fim embarcou, gastara uma pequena fortuna e sentia-se algo demente.

A sensação de deixar a Terra:

Uma ascensão rápida sobre o mundo verde e azul, e depois, de repente, o mundo ficava obscurecido pelas nuvens. A atmosfera tornava-se rara e azul, o azul dava lugar ao índigo, e então — era como atravessar a superfície de uma bolha — surgia o espaço negro. Seis horas até à Lua. Olive comprara uma embalagem de máscaras cirúrgicas no aeroporto — vendidas a viajantes que se tivessem constipado durante a viagem — e estava a usar três, o que lhe dificultava a respiração. Estava num lugar junto à janela, aninhada no apoio do braço, tentando manter-se o mais afastada possível das outras pessoas. A superfície da Lua emergiu da negritude, luminosa na distância e cinzenta quando vista mais de perto, as bolhas opacas das Colónias Um, Dois e Três cintilando à luz do sol.

O dispositivo dela iluminou-se com um ligeiro sinal sonoro. Franziu o sobrolho perante o alerta de compromisso, pois não se lembrava de ter marcado uma consulta no médico, mas então compreendeu: Dion agendara-a por ela. Vira a quantidade de dinheiro que ela acabara de gastar em comida enlatada. E convencera-se de que ela estava a perder o juízo.

Depois a aterragem, tão delicada quando comparada com a velocidade estonteante entre a Terra e a Lua. Olive pôs os óculos escuros para esconder as lágrimas. Contudo, a consulta no médico não era nada descabida. Se Dion lhe tivesse ligado durante uma viagem de trabalho a dizer que vinha aí uma praga e que ela deveria ir buscar a filha de ambos à escola, se ela tivesse visto a despesa

imensa nos cartões de crédito de ambos, também teria temido pela sanidade mental do marido. Esperou o máximo antes de desembarcar, de maneira a criar alguma distância entre si e as outras pessoas, e permaneceu o mais afastada possível de toda a gente no porto espacial e também na plataforma do comboio para a Colónia Dois. Na carruagem do comboio, contemplou as luzes do túnel que passavam a correr do lado de fora da janela, a superfície luminosa da Lua vista através do vidro compósito. Desembarcou numa plataforma, onde levava constantemente a mão à mala de viagem, mas depois lembrava-se de que não a voltaria a ver.

Olive experimentou um breve instante de tristeza por causa dos estranhos cardos em forma de estrela que arrancara das meias na República do Texas — estivera desejosa de os mostrar a Sylvie —, mas, além disso, não havia nada de verdadeiramente valioso naquela mala, disse para si mesma. (Porém, sentia-se defraudada: há anos que viajava com a mesma mala, parecia-lhe quase uma amiga.) O trólei chegou. Olive sentou-se perto das portas, por ser mais arejado — tudo começava a vir-lhe à memória, toda a sua pesquisa sobre pandemias —, e o trólei deslizou pelas ruas e avenidas daquela cidade feita de pedra branca, que nunca lhe parecera tão bela como nesse momento. As pontes que arqueavam sobre a rua possuíam uma invulgar graciosidade arquitetónica; as árvores que ladeavam as avenidas e suavizavam a austeridade das varandas das torres exibiam um verde quase artificial, de tão saturado; e depois havia as inúmeras lojinhas com pessoas a entrar e a sair — sem máscara, sem luvas, abstraídas, cegas perante a catástrofe iminente —, e essa visão era demasiado, não aguentava mais, mas é claro que tinha de aguentar. Olive estava a chorar baixinho, pelo que ninguém se aproximou dela.

Desembarcou umas paragens antes e percorreu os dez quarteirões restantes sob a luz do sol. A cúpula da Colónia Dois exibia o seu céu favorito, nuvens brancas a arrastarem-se lentamente num fundo azul forte. A única coisa que faltava era o som das rodas da mala de viagem sobre as pedras da calçada.

Olive dobrou a esquina, e lá estava o complexo onde residia, uma fileira de edifícios brancos quadrados com escadas que se estendiam do passeio ao segundo e terceiro andares. Subiu as escadas em direção ao segundo andar, invadida por uma sensação irreal. Como podia estar em casa tão cedo? Sem a sua mala de viagem? E porquê? Porque um jornalista lhe dissera algo estranho sobre viajar no tempo? Ergueu a mão para bater à porta — as chaves tinham ficado dentro da mala de viagem, na Terra —, mas deteve-se. E se o contágio

estivesse na sua roupa? Despiu o casaco, descalçou os sapatos e depois — após uma breve hesitação — despiu as calças e a blusa. Olhou para a rua lá em baixo, e um transeunte desviou rapidamente o olhar.

Ligou para Dion.

— Onde estás, Olive?

— Podes destrancar a porta e levar a Sylvie para o quarto? E deixem-se ficar até eu ir lá ter.

— Olive...

— Tenho medo do contágio — explicou Olive. — Estou à porta de casa, mas quero tomar um duche antes de vocês me abraçarem. Pode estar nas minhas peças de roupa. — Tinha a roupa caída aos pés.

— Olive — repetiu ele, e ela percebeu a dor na sua voz. Achava que ela estava profunda e terrivelmente mal, mas não por causa da pandemia que aí vinha.

— Por favor.

— Está bem — replicou ele. — Eu faço isso.

A porta foi destrancada. Olive contou lentamente até dez e depois entrou, largou o dispositivo e a roupa interior numa pilha no chão e foi diretamente para a casa de banho. Esfregou-se com sabonete, foi buscar o álcool, reconstituiu os seus passos e desinfetou todas as superfícies nas quais tocara. Em seguida, ligou o purificador de ar no máximo e abriu todas as janelas, depois usou a toalha para apanhar a roupa interior do chão e deitou tudo dentro do caixote do lixo, desinfetou o dispositivo, depois o chão no sítio onde o dispositivo tinha estado e, em seguida, tornou a desinfetar as mãos. *A partir de agora as nossas vidas serão assim*, pensou com tristeza, *a memorizar cada superfície em que tocamos*. Olive respirou fundo e compôs a expressão no seu rosto para aparentar algo que se assemelhasse a calma. Abriu a porta do quarto, nua e desarranjada, e a filha atravessou rapidamente a divisão e lançou-se nos seus braços. Olive caiu de joelhos, as lágrimas a escorrerem-lhe, quentes, pelas faces e para os ombros de Sylvie.

— Mamã — disse Sylvie —, porque estás a chorar?

Porque deveria ter morrido na pandemia, mas fui avisada por um viajante no tempo. Porque muitas pessoas irão morrer em breve, e não há nada que eu possa fazer para o evitar. Porque nada faz sentido, e é muito possível que eu esteja louca.

— Porque tive muitas saudades tuas — respondeu Olive.

— Tinhas tantas saudades minhas que tiveste de voltar para casa mais cedo? — perguntou Sylvie.

— Sim — retorquiu Olive. — Tinha tantas saudades tuas que tive de voltar para casa mais cedo.

O som de um estranho alarme encheu a divisão: o dispositivo de Dion ecoava com um alerta público. Por cima do ombro de Sylvie, Olive viu Dion olhar para o ecrã. Então ele ergueu a cabeça e reparou que ela o observava.

— Tinhas razão — disse ele. — Desculpa ter duvidado de ti. O vírus já cá chegou.

Durante os primeiros cem dias do confinamento, todas as manhãs, Olive fechava-se no escritório e sentava-se à secretária, mas era mais fácil olhar pela janela do que escrever. Às vezes, limitava-se a tomar nota dos sons.

Sirene

Silêncio; pássaros

Sirene

Mais uma sirene

Uma terceira? Sobreposta, vinda de pelo menos duas direções

Silêncio total

Pássaros

Sirene

Os dias sucediam-se numa mancha temporal: Olive acordava às quatro da manhã para trabalhar durante duas horas, enquanto Sylvie dormia, depois Dion trabalhava das seis da manhã ao meio-dia, enquanto Olive tentava fazer o papel de professora e manter a filha mentalmente sã, depois Olive trabalhava durante duas horas enquanto Dion brincava com a filha, depois Sylvie entretinha-se com o holograma durante uma hora, enquanto os pais trabalhavam, depois Dion trabalhava enquanto Olive brincava com Sylvie, depois era a hora de preparar o jantar, entretanto o jantar dava rapidamente lugar à hora de deitar, depois, às oito da noite, Sylvie adormecia, e Olive ia deitar-se logo a seguir, depois o alarme de Olive tocava porque eram novamente quatro da manhã, etc.

— Podemos encarar isto como uma oportunidade — disse Dion, na septuagésima terceira noite de confinamento. Olive e Dion estavam sentados na cozinha, a comer gelado. Sylvie estava a dormir.

— Uma oportunidade para quê? — perguntou Olive. Não obstante ser o Dia 73, continuava a sentir-se um pouco aturdida. Havia um elemento de

incredulidade (Uma pandemia? *A sério?*) que ainda não se dissipara.

— Para pensarmos na maneira como iremos reentrar no mundo — respondeu Dion —, quando essa reentrada for possível. — Havia amigos dos quais não sentia qualquer falta, explicou ele. E andava secretamente à procura de outro emprego.

— Vamos fingir que esta garrafa de água com gás é um amigo — disse Sylvie, durante o jantar no Dia 85. — Faz com que ele fale comigo.

— Olá, Sylvie! — disse Olive. E empurrou a garrafa de vidro na direção de Sylvie.

— Olá, garrafa! — respondeu Sylvie.

Durante o confinamento, surgiu um novo tipo de viagem, ainda que essa não lhe parecesse ser a palavra correta. Surgiu um novo tipo de antiviagem. Ao serão, Olive introduzia uma série de códigos no seu dispositivo, colocava uma espécie de capacete que lhe cobria os olhos e entrava no espaço holográfico. Em tempos, as reuniões holográficas tinham sido consideradas como sendo o futuro — porquê desperdiçar tempo e dinheiro numa viagem física quando a pessoa se podia transportar para uma estranha sala digital num vazio prateado e conversar com simulações bruxuleantes dos colegas? —, todavia, a irreabilidade era penosamente monótona. O trabalho de Dion implicava uma série de reuniões, e ele passava seis horas por dia no espaço holográfico, pelo que à noite estava sempre atordoado de cansaço.

— Não percebo por que razão é tão cansativo — disse ele. — Muito mais cansativo do que as reuniões normais, quero dizer.

— Acho que é por não ser real. — Era bastante tarde, e estavam à janela da sala de estar, a contemplar a rua deserta.

— Se calhar tens razão. Pelos vistos, a realidade é mais importante do que julgávamos — respondeu Dion.

O problema da digressão — o problema de todas as digressões — é que, embora não houvesse um único instante em que ela não se sentisse grata, havia demasiados rostos. Sempre fora tímida. Durante a digressão, aparecia-lhe uma quantidade de rostos à frente, rosto após rosto após rosto, e eram quase todos simpáticos, mas eram também os rostos errados, pois, ao fim de uns dias na estrada, as únicas pessoas que Olive queria ver eram Sylvie e Dion.

Mas quando o mundo encolheu até ao tamanho do interior de um

apartamento, com uma população de três pessoas, foi precisamente das pessoas que sentiu falta. Onde estava a motorista que andava a escrever um livro sobre ratazanas falantes? Nem sequer ficara a saber o nome da mulher. Onde estava Aretta — a mensagem de ausência no dispositivo de Aretta já tinha várias semanas, o que era preocupante — e as outras autoras que conhecera na última digressão, Ibby Mohammed e Jessica Marley? Onde estava o motorista que cantara uma velha canção de *jazz*, na viagem de carro até Tallinn, e a mulher de Buenos Aires, a da tatuagem?

Durante o confinamento, a Colónia Dois era um lugar estranho e parado do tempo, silencioso à exceção das sirenes das ambulâncias e do silvo surdo dos tróleys que circulavam, repletos de profissionais de saúde de máscara. Ninguém podia sair de casa, salvo para ir a consultas médicas ou para trabalhar nos serviços essenciais, mas na centésima noite, enquanto Sylvie dormia, Olive esgueirou-se pela porta da cozinha e saiu para o mundo exterior. Desceu rápida e silenciosamente as escadas que conduziam ao jardim, onde se sentou na relva, debaixo de uma pequena árvore em forma de guarda-chuva. Estava a poucos centímetros do passeio, mas escondida pela folhagem. Estar fora de casa era desconcertante. Tinha a certeza de que o ar não tinha mudado, mas, depois de ter passado uns tempos na Terra, este parecia-lhe errado, estagnado e excessivamente filtrado. Deixou-se ficar na rua durante uma hora e depois entrou em casa com uma sensação de revelação. A partir daí, passou a sair todas as noites, para se ir sentar debaixo da árvore chapéu de chuva.

Foi numa dessas noites que o jornalista apareceu. O último jornalista, como ela o recordava, Gaspéry-Jacques Roberts, da *Contingencies Magazine*. Na noite em que ele apareceu, ela encontrava-se debaixo da árvore chapéu de chuva, sentada de pernas cruzadas na relva, tentando não pensar nos números desse dia — 752 mortos na Colónia Um, com 3458 novos casos — e tentando abstrair-se do pensamento consciente, quando ouviu passos a aproximarem-se. Não lhe ocorreu que pudesse ser um agente da polícia — esses andavam aos pares —, mas as multas por estar na rua durante o confinamento eram bastante elevadas, por isso deixou-se ficar muito quieta e tentou respirar o mais silenciosamente possível.

Os passos cessaram, tão perto que ela via a sombra da pessoa projetada no passeio. Ter-se-ia apercebido da presença dela? Não lhe parecia possível que assim fosse. Outra pessoa — novos passos — aproximou-se, vinda da direção

oposta.

— Zoey? O que fazes aqui? — Olive reconheceu de imediato a voz do homem e susteve a respiração.

— Isso pergunto-te eu — respondeu uma mulher. Tinha a mesma pronúncia que ele.

— Eu expliquei-te, na câmara de viagens, há cinco minutos — replicou Gasperry. — Quero entrevistar um académico literário que entrevistou a Olive Llewellyn. Só para confirmar a informação.

— Achei estranho queres partir outra vez logo a seguir a tê-la entrevistado, numa viagem não agendada — disse ela.

Por momentos, Gasperry não lhe respondeu.

— Pensava que tinhas deixado de viajar — disse, por fim.

— Sim, bem, achei que as circunstâncias exigiam que abrisse uma exceção. Como foste capaz, Gasperry?

— A minha intenção era apenas falar com ela — respondeu Gasperry. — Tencionava seguir o plano à risca, Zoey, mas não consegui. Não fui capaz de a deixar morrer.

Seguiu-se um momento de silêncio, durante o qual aquelas pessoas incompreensíveis estariam, imaginava Olive, a olhar diretamente para a janela da sua sala de estar. Ergueu o olhar, mas do sítio onde se encontrava somente via partes do teto da sala de estar, na sua maioria obscurecido pelas folhas.

— É exatamente como me avisaste — disse ele, em voz baixa. — Disseste que este trabalho exigia falta de compaixão, e era verdade. É verdade.

— Não devias regressar ao presente — retorquiu Zoey.

O quê?

— É claro que vou regressar ao presente — respondeu Gasperry. — Acredito em arcar com as consequências.

— Mas as consequências serão terríveis — replicou Zoey. — Já vi o que acontece.

Então, mais silêncio. Gasperry não respondeu.

— A Cidade da Noite é lindíssima nesta era — disse ele, por fim.

— Eu sei. — Ela estava a chorar, Olive percebia-o na sua voz. — Mas ainda não é a Cidade da Noite.

— Tens razão — retorquiu ele. — A luz da cúpula ainda está a funcionar. Isto que estamos a pisar são pedras de calçada?

— Sim — respondeu ela. — Penso que sim.

— Vem aí um carro-patrolha — avisou Gaspéry de repente, e ambos desapareceram, afastando-se rapidamente.

Olive deixou-se ficar imenso tempo na sombra, na estranheza. Deveria ter morrido na pandemia, tanto quanto lhe parecia, mas Gaspéry salvara-a. E não lhe teria inclusivamente dito quem era? *Se um viajante no tempo lhe aparecesse à frente...*

Nessa noite, pesquisou o nome Gaspéry-Jacques Roberts, e todos os resultados faziam referência ao seu próprio trabalho, o livro e a adaptação para cinema de *Marienbad*. Pesquisou *Contingencies Magazine* e descobriu um *site* com uma dúzia de artigos, mas, quanto mais pesquisava, mais lhe parecia ser uma fachada. Não fora criado há muito tempo, e as respetivas contas nas redes sociais estavam inativas.

Ouviu um pequeno ruído e sobressaltou-se, mas era apenas Sylvie, parada na entrada, vestida com o seu pijama de unicórnios.

— Oh, querida — disse Olive —, ainda é de noite. Vamos lá, eu aconchego-te as mantas.

— Estou com uma insónia — respondeu ela.

— Eu fico contigo um bocadinho.

Olive pegou na filha ao colo, esse peso quente nos seus braços, e levou-a de volta para o quarto. Tudo nessa divisão era azul. Olive aconchegou-a debaixo de um edredão cor de índigo e sentou-se ao seu lado. *Deveria ter morrido na pandemia.*

— Podemos brincar ao Floresta Encantada? — perguntou Sylvie.

— Claro que sim — retorquiu Olive. — Brincamos durante uns minutos, até começares a sentir sono. — Sylvie estremeceu de satisfação. A Floresta Encantada era uma nova invenção: Sylvie nunca fora dada a amigos imaginários, mas durante o confinamento criara um reino inteiro deles, e ela era a rainha.

— Quando começar a ficar com sono, paramos — concordou Sylvie. — Paramos antes de eu adormecer.

— O portal abre-se — disse Olive, pois era assim que o jogo começava sempre. O quarto de Sylvie era mais sossegado do que o escritório de Olive, por se situar na parte traseira do prédio, mas ainda assim Olive ouviu o gemido ténue de uma ambulância.

— Quem vem lá? — perguntou Sylvie.

— A Raposa Mágica transpõe o portal de um salto. «Rainha Sylvie», diz a

Raposa Mágica, «venha depressa! Há um problema na Floresta Encantada!».

Sylvie deu uma risada, deliciada. A Raposa Mágica era a sua amiga favorita.

— E só eu posso ajudar, Raposa Mágica?

— «Sim, Rainha Sylvie», respondeu a Raposa Mágica, «só sua majestade poderá ajudar».

Mais uma palestra, dessa vez virtual. Não, a mesma palestra, só que agora no espaço holográfico. (No não espaço. Nenhures.) Olive era um holograma numa sala cheia de hologramas, um mar de luzes ténues piscando diante dela, todas reunidas numa simulação minimalista de sala. Olhou para as várias centenas de fac-símiles de pessoas ligeiramente luminescentes, os seus corpos reais em salas individuais espalhadas um pouco por toda a Terra e colónias, e teve a sensação inquietante de estar a falar diretamente para uma congregação de almas.

— Uma questão interessante — disse Olive —, sobre a qual gostaria de me debruçar nestes minutos que nos restam, é por que razão tem havido um aumento de interesse pela literatura pós-apocalíptica ao longo desta última década. Tive a felicidade extraordinária de poder viajar imenso enquanto promovia *Marienbad*...

*Céu azul sobre Salt Lake City, pássaros desenhando círculos no céu
O telhado de um hotel na Cidade do Cabo, luzinhas nas árvores
O vento a soprar sobre um relvado desleixado junto a uma estação de comboios
no Norte de Inglaterra
«Posso mostrar-lhe a minha tatuagem?», perguntou a mulher em Buenos Aires*

— ...Ou seja, tive a oportunidade de falar com imensas pessoas sobre literatura pós-apocalíptica. Ouvi inúmeras teorias sobre o porquê de haver tanto interesse por esse género literário. Uma pessoa sugeriu que poderia estar relacionado com a desigualdade económica, que, num mundo que pode parecer fundamentalmente injusto, talvez desejemos rebentar com tudo e começar de novo...

*«É o que me parece», dissera o livreiro,
numa livraria antiga em Vancouver,
enquanto Olive admirava os seus óculos cor-de-rosa*

— ...E não sei se concordo com isso, mas é uma ideia intrigante. — Os

hologramas mexeram-se ligeiramente e continuaram a olhá-la com atenção. Agradava-lhe pensar que ainda conseguia captar a atenção de uma sala inteira, mesmo que agora essa sala se localizasse no espaço holográfico, mesmo que essa sala não fosse exatamente uma sala. — Outra pessoa sugeriu que poderia estar relacionado com uma vontade secreta de heroísmo, o que me pareceu interessante. Talvez acreditemos que, se o mundo acabasse e fosse refeito, se acontecesse uma catástrofe inimaginável, também pudéssemos ser refeitos, talvez para pessoas melhores, mais heroicas e mais honradas.

*«Não lhe parece possível?», perguntou a bibliotecária em Brazzaville,
os olhos a cintilar, e lá fora, na rua,
alguém tocava um trompete,
«quero dizer, ninguém quer que isso aconteça, como é óbvio,
mas imagine só a oportunidade de heroísmo...»*

— Algumas pessoas sugeriram-me que pudesse estar relacionado com as catástrofes na Terra, a decisão de construirmos cúpulas sobre inúmeras cidades, a tragédia de sermos forçados a abandonar cidades inteiras devido à subida dos níveis do mar ou ao aumento da temperatura, mas...

*Uma recordação: acordar numa aeronave entre cidades,
baixar o olhar para a cúpula sobre o Dubai
e acreditar, por um momento incrivelmente desconcertante, que tinha deixado a Terra*

— ...Mas isso não me parece verdade. A nossa ansiedade é justificada, e não é descabido sugerir que talvez canalizemos essa ansiedade para a ficção, só que o problema com essa teoria é que a nossa ansiedade não é novidade. Quando é que alguma vez acreditámos que o mundo *não iria* acabar?

«Uma vez tive uma conversa fascinante com a minha mãe, em que me contou sobre a culpa que ela e as amigas sentiam por terem trazido filhos ao mundo. Estávamos em meados dos anos 2160, na Colónia Dois. É difícil imaginar uma época ou um lugar mais tranquilos, mas elas estavam preocupadas com tempestades de asteroides e, caso a vida na Lua se tornasse insustentável, com a viabilidade continuada da vida na Terra...

*A mãe de Olive a beber café na casa de infância de Olive:
uma toalha de mesa com flores amarelas*

*mãos em torno de uma chávena azul
o sorriso dela*

— ...Onde eu quero chegar é: há sempre alguma coisa. Penso que, enquanto espécie, temos o desejo de acreditar que estamos a viver o ponto mais alto da história. É uma espécie de narcisismo. Queremos acreditar que somos invulgarmente importantes, que estamos a viver nos confins da história, que *agora*, após tantos milénios de falsos alarmes, *agora* é finalmente o pior que alguma vez foi, que alcançámos finalmente o fim do mundo.

*Num mundo que já não existe, mas cuja data de validade exata é pouco clara,
o Comandante George Vancouver encontra-se parado no convés do HMS Discovery, a
contemplar ansiosamente uma paisagem sem pessoas*

— Mas tudo isto levanta uma questão interessante — continuou Olive. — E se *for* sempre o fim do mundo?

Fez uma pausa, para criar impacto. Diante de si, o público holográfico estava praticamente imóvel.

— Porque podemos perfeitamente imaginar o fim do mundo — disse Olive — como um processo contínuo e interminável.

Uma hora depois, Olive tirou os auscultadores e ficou novamente sozinha no seu escritório. Tinha a ideia de nunca se ter sentido tão cansada. Deixou-se ficar sentada durante uns instantes, a interiorizar os pormenores do mundo físico: as estantes dos livros, os desenhos de Sylvie, emoldurados, a pintura de um jardim que os pais lhe tinham oferecido como prenda de casamento, o estranho pedaço de metal que encontrara na Terra e que pendurara na parede porque adorava o seu formato. Levantou-se e aproximou-se da janela, para observar a cidade. Rua branca, edifícios brancos, árvores verdes, luzes de ambulância. Era meia-noite, pelo que as ambulâncias não precisavam das sirenes. Luzes piscaram azuis e vermelhas ao fundo da rua e depois desapareceram de vista.

Deveria ter morrido durante a pandemia. Não compreendia muito bem o significado daquilo, e, não obstante, era em torno disso que giravam todos os seus pensamentos. Passou um trólei, transportando profissionais de saúde, depois mais uma ambulância, e então o silêncio tornou a instalar-se. Movimento no ar: uma coruja a voar silenciosamente na escuridão.

— Quando nos perguntamos porquê *agora* — disse Olive perante um público de hologramas diferente, na noite seguinte —, em relação a estarmos a assistir a um aumento de interesse pela ficção pós-apocalíptica ao longo desta última década, acho que temos de pensar no que mudou no mundo nesse mesmo período de tempo, e essa linha de pensamento leva-me inevitavelmente à questão da nossa tecnologia. — Um holograma na fila da frente tremeluzia de uma maneira estranha, o que significava que o espectador tinha uma ligação pouco estável. — Pessoalmente, acredito que nos voltamos para a ficção pós-apocalíptica, não porque nos sintamos intrinsecamente atraídos pela desgraça, mas porque nos sentimos atraídos por aquilo que imaginamos que poderá vir a seguir. No nosso íntimo, ansiamos por um mundo com menos tecnologia.

— Imagino que não seja a primeira pessoa a perguntar-lhe como é ser a autora de um romance pandémico a vivenciar uma pandemia — indagou outra jornalista.

— Talvez não seja de facto a primeira.

Olive estava parada junto à janela, a contemplar o céu. A cúpula da Colónia Dois tinha as mesmas pixelizações das Colónias Um e Três, um padrão variável de céu azul e nuvens, mas pareceu-lhe ver uma falha no horizonte, uma secção que piscava apenas ligeiramente, revelando um quadrado de espaço negro do outro lado. Era difícil de distinguir.

— No que é que está a trabalhar, neste momento? Tem conseguido trabalhar?

— Estou a escrever uma coisa meio louca sobre ficção científica — replicou Olive.

— Interessante. Pode falar-me um pouco acerca disso?

— Eu própria ainda não sei muito bem, confesso. Nem sequer sei se será um romance ou uma novela. Para dizer a verdade, é algo meio alucinado.

— Penso que tudo o que for escrito este ano será provavelmente meio alucinado — respondeu a jornalista, e Olive decidiu que simpatizava com ela.

— O que a levou a escrever ficção científica?

O tal pedaço de céu tinha mesmo piscado. Como seria se a luz da cúpula falhasse? Era estranho imaginá-lo. A ilusão de uma atmosfera fora sempre um dado adquirido.

— Estou em confinamento há cento e nove dias — retorquiu Olive. — Acho que me apetecia escrever algo que fosse o mais afastado possível do meu apartamento.

— Será só isso? — perguntou a jornalista. — A distância física, uma maneira de viajar durante o confinamento?

— Não, não me parece. — Uma sirene de ambulância aproximava-se, e depois a ambulância parou diante do prédio, do outro lado da rua. Olive virou-se de costas para a janela. — É que... Ouça — disse Olive —, não quero parecer melodramática e sei que agora as coisas estão assim em toda a parte, mas há tanta morte. Há tanta morte à nossa volta. Não quero escrever sobre nada real.

A jornalista ficou em silêncio.

— E sei que está toda a gente a passar por isto. Sei que tenho muita sorte. Sei que podia ser muito pior. Não me estou a queixar. Mas os meus pais moram na Terra, e não sei se... — Teve de se calar e de inspirar, para se acalmar. — Não sei quando os tornarei a ver.

Passaram duas ambulâncias, uma a seguir à outra, e depois silêncio. Olive espreitou por cima do ombro. A ambulância do outro lado da rua continuava lá.

— Ainda aí está? — perguntou Olive.

— Peço desculpa — respondeu a jornalista. A sua voz soou como se tivesse um nó na garganta.

— Qual é a sua situação? — perguntou Olive, em voz baixa. Ocorreu-lhe que a jornalista parecia muito jovem, pela voz. Olhou de relance para a agenda. O nome da jornalista era Annabel Escobar e trabalhava na cidade de Charlotte, que Olive se recordava de ter visitado numa digressão à União das Carolinas, havia muito tempo.

— Moro sozinha — respondeu Annabel. — Não podemos sair de casa, e é tão... — Agora estava a chorar, a soluçar convulsivamente.

— Lamento — disse-lhe Olive. — Deve sentir-se muito só. — Estava a olhar pela janela. A ambulância não se mexera do sítio.

— Há muito tempo que não estou presencialmente com alguém — respondeu Annabel.

Noutra noite de pesquisa, uma revista académica com vários séculos revelou uma referência a Gaspary J. Roberts. A revista era dedicada à reforma prisional. A visita a esse *site* conduziu Olive por uma autêntica toca de coelho adentro, após a qual encontrara registos prisionais da Terra: Gaspary J. Roberts fora condenado a cinquenta anos por um homicídio duplo em Ohio, em finais do século xx. Mas não havia fotografia, pelo que Olive não podia ter a certeza de

que se tratava do mesmo homem.

— Ora diga-me lá, Olive — perguntou outro jornalista. Eram hologramas dentro de uma sala prateada no espaço holográfico, juntamente com outros dois autores que também tinham escrito livros cujos enredos envolviam pandemias. Os quatro tremeluziam como fantasmas —, quantos exemplares de *Marienbad* já vendeu desde o início da pandemia?

— Oh — replicou Olive. — Não tenho a certeza. Muitos.

— Sei que vendeu muitos — disse o jornalista. — Está nas listas de *top* de vendas numa série de países na Terra, nas três colónias lunares e em duas das três colónias de Titan. Queria que fosse mais específica.

— Infelizmente não tenho os números das vendas à minha frente — retorquiu Olive. Todos os hologramas a fitavam.

— A sério? — perguntou o jornalista.

— Não me ocorreu trazer os extratos dos meus lucros para esta entrevista — disse Olive.

Uma hora depois, quando a entrevista terminou, retirou os auscultadores e deixou-se ficar sentada durante algum tempo, os olhos fechados. Regressara da Terra há tempo suficiente para que, ao abrir a janela, o ar da noite da Segunda Colónia lhe parecesse novamente fresco. O ar podia ser filtrado, mas havia plantas e havia água corrente; do outro lado da sua janela havia um mundo tão real como qualquer outro mundo onde já se tivesse vivido. Olive deu por si a pensar em Jessica Marley, pela primeira vez em bastante tempo, e no pavoroso romance sobre a passagem à idade adulta na Lua. Ouve, apetecia-lhe dizer-lhe, não há aqui *sofrimento na irreabilidade*. Uma vida vivida sob uma cúpula, numa atmosfera gerada artificialmente, não deixa de ser vida. Uma sirene soou, e o som perdeu-se na distância. Olive pegou no seu dispositivo, pesquisou o nome de Jessica e descobriu que ela tinha morrido dois meses antes, em Espanha.

— Mamã? — Sylvie estava na entrada da porta. — A tua entrevista já terminou?

— Olá, querida. Sim. Acabou mais cedo. — Jessica Marley tinha trinta e sete anos.

— Vais dar mais alguma entrevista?

— Não. — Olive ajoelhou-se à frente da filha e deu-lhe um abraço rápido. — Agora só amanhã.

— Então podemos brincar à Floresta Encantada?

— Claro.

Sylvie fez uma pequena dança, manifestando a sua expectativa. *Deveria ter morrido na pandemia*. Olive sabia agora que iria passar o resto da vida a tentar compreender esse facto. Todavia, a sua agitada filha de cinco anos encontrava-se parada à sua frente, a sorrir-lhe, e o que descobriu nesse instante, enquanto as luzes de mais uma ambulância piscavam no teto, foi que era possível retribuir esse sorriso. É essa a estranha lição de se viver numa pandemia: a vida pode ser tranquila mesmo perante a morte.

— Mamã? Vamos brincar à Floresta Encantada.

— Está bem — respondeu Olive. — O portal abre-se...



**MIRELLA E VINCENT /
CORRUPÇÃO DE FICHEIRO**

Segue as provas. Nos anos de formação de Gasperry, desde a noite em que ligara a Zoey para lhe desejar um feliz aniversário até ao momento presente, esse mantra funcionara como uma espécie de bússola. *Momento presente* começava a parecer-lhe um termo absurdo, mas todos os momentos podem ser destilados numa data, por isso chamemos-lhe 30 de novembro de 2203, na Colónia Dois, uma cidade nas mãos de uma pandemia que acabaria por matar cinco por cento dos seus residentes, um lugar que ainda não era o lar de Gasperry e que também ainda não era a Cidade da Noite, a caminhar rapidamente pelas ruas com Zoey para escapar à patrulha de vigilância do confinamento.

— Aqui — disse Zoey, puxando-o para uma entrada. Gasperry espreitou pela porta de vidro ao seu lado, para uma sala cheia de mesas e cadeiras. Era um restaurante, ou fora-o, em tempos. Todos os restaurantes da Colónia Dois estavam agora fechados.

Esconderam-se na sombra, à escuta. Gasperry apenas ouvia sirenes.

— Sabes que quebraste o protocolo mais importante de todos — disse-lhe Zoey, em surdina. — Porque o fizeste?

— Não podia não a avisar — respondeu Gasperry.

— Certo — disse Zoey. — A tua situação é a seguinte: ainda só fiz uma análise preliminar, mas, ao que me parece, a tua decisão de salvar a Olive Llewellyn não teve nenhum efeito identificável no Instituto do Tempo.

— Isso quer dizer que estou safo?

— Não — retorquiu ela —, quer dizer que não ficaste logo perdido no tempo. Quer dizer que os teus privilégios de viajante ainda não foram revogados, porque investimos cinco anos de formação em ti e ainda podes ser útil ao Instituto do Tempo, pelo menos no decorrer desta investigação. Mas, se estivesse no teu lugar, arrancava o localizador do braço e não regressava. — Ergueu o seu dispositivo no ar. — Tenho de ir — disse. — Fica aqui, nesta época, e tentarei visitar-te.

— Espera. Por favor.

Ela ficou parada, a observá-lo.

— Eu sei que jamais terias feito o que fiz — disse-lhe. — Mas imagina que sim. O que farias agora se estivesses no meu lugar, Zoey?

— É-me difícil imaginar coisas que não são reais — respondeu ela.

— Mas podes tentar?

Zoey suspirou e fechou os olhos. O que ocorreu a Gasperry nesse instante, ao observá-la, foi que ele era a única pessoa que lhe restava. Os pais de ambos tinham morrido. Ela nunca se casara. Se tinha amigos ou interesses românticos, a verdade era que nunca fizera qualquer referência aos mesmos. Ele sentiu uma culpa abismal. Zoey abriu os olhos.

— Talvez tentasse resolver a anomalia — replicou.

— Como?

Zoey ficou calada durante tanto tempo que Gasperry pensou que ela não lhe fosse responder.

— Espera aí — disse ela. — As nossas melhores equipas de investigação demoraram um ano a descobrir estas coordenadas. — Ela digitou algo no seu dispositivo, e ele ouviu o dispositivo dele emitir um som baixo dentro do bolso.

— Enviei-te um novo destino — explicou Zoey. — Não sabemos a hora, apenas o dia e o local, por isso vais ter de esperar na floresta. — Introduziu mais um código no dispositivo e desapareceu.

Gasperry ficou sozinho na entrada, na cidade certa, mas no tempo errado. Fechou os olhos e pensou no rumo da investigação, pois antes isso a pensar na irmã ou no que o esperava caso regressasse à sua própria época. Tinha um novo destino. Introduziu os códigos no dispositivo e partiu.

Estava na praia, em Caiette. Com base nas coordenadas, percebeu que era o verão de 1994, mas a princípio pareceu-lhe tratar-se de um erro, pois o local não mudara nada ao longo das últimas oito décadas. Estava a olhar para duas pequenas ilhas, maciços de árvores do outro lado da água, e, por um confuso instante, julgou estar de volta a 1912, vestido com a indumentária de um padre de inícios do século XX, a preparar-se para conhecer Edwin St. Andrew na igreja.

A pequena igreja branca situada na encosta da colina permanecia inalterada desde a última vez que ali estivera — fora certamente repintada há pouco tempo —, mas as casas em redor eram diferentes. Virou-se de costas para a povoação, e o seu olhar fixou-se no oceano. O sol estava a levantar-se, sombras de azul e rosa projetando-se sobre a água. Gostava desse movimento, a repetição lenta das ondas. Deu por si a pensar na mãe, pela primeira vez em muito tempo. Ela passara um período da vida na Terra, em criança. Tinha uma fotografia emoldurada de um oceano da Terra na cozinha da casa de infância dele, um pequeno retângulo de ondas na parede perto do fogão. Lembrava-se de a ver contemplá-la enquanto mexia a sopa. E, no entanto, constatou, o oceano não tinha qualquer peso no coração dele, não fazia parte de nenhuma das suas recordações de infância ou dos momentos importantes da sua vida; era apenas um lugar que vira em filmes e que visitara em trabalho, pelo que não lhe provocava nenhum sentimento em especial, e, ao fim de uns instantes, deu meia-volta e começou a percorrer a praia, seguindo as coordenadas que piscavam lentamente no dispositivo. Caminhou para lá da última casa e depois entrou na floresta.

Foi-lhe mais fácil atravessar a floresta agora do que quando o fizera vestido com uma batina de padre, mas ainda assim não o fazia propriamente com destreza. O chão era demasiado mole; galhos prendiam-se-lhe na roupa; sentia-se atacado por todos os lados. Estava uma tarde soalheira, mas parecia ter chovido nessa manhã. Os fetos molhavam-lhe as pernas. Os sapatos eram menos impermeáveis do que julgara. O dispositivo pulsava lentamente na sua mão,

com a mensagem de que se encontrava muito próximo do sítio que procurava; largou o ramo que estava a segurar para examinar o ecrã, e o ramo acertou-lhe na cara.

Aí estava o ácer, oitenta e dois anos mais velho do que da última vez que o vira. Crescera menos em altura do que em amplitude e magnificência. A clareira em redor alargara-se com o passar do tempo. Posicionou-se sob a copa, ergueu o olhar para a luz solar que se infiltrava por entre a folhagem e, pela primeira vez desde que se lembrava, experienciou um sentimento de verdadeira reverência.

Quando é que Vincent Smith ali apareceria? Não havia maneira de saber. Gasperry abandonou a clareira e abriu caminho até um matagal de folhagem densa, onde se ajoelhou na terra fria e húmida e ficou à espera.

Praticamente não se mexeu, à escuta. Outra coisa que não lhe agradava nas florestas era o som constante. Não tinha nada que ver com o ruído branco persistente das cidades lunares, das máquinas distantes que aumentavam a gravidade para os níveis da Terra, que mantinham respirável o ar no interior das cúpulas e que criavam a ilusão de uma brisa. O ruído branco de uma floresta não tinha padrão, e essa aleatoriedade deixava Gasperry com os nervos em franja. O tempo passou, várias horas. Os músculos doíam-lhe. Estava cheio de sede. Levantou-se algumas vezes, para se esticar, e depois tornava a agachar-se. Era impossível ouvir fosse o que fosse aproximar-se, até já não ser. Um pouco depois das quatro da tarde, ouviu os passos leves da rapariga no trilho.

Vincent Smith com treze anos: parecia ter cortado o próprio cabelo com uma tesoura romba, antes de o ter pintado de azul forte. Tinha umas olheiras enormes. A miúda emanava negligência. Caminhava lentamente, espreitando pelo visor da câmara de filmar, e do lugar onde se encontrava Gasperry reconheceu o cenário: em tempos estivera sentado numa sala de espetáculos na cidade de Nova Iorque, a assistir a uma *performance* musical algo entediante, acompanhada das imagens que Vincent estava a criar nesse preciso instante. Ela deteve-se debaixo da árvore, virou a câmara para cima...

... e a realidade foi interrompida: Gasperry e Vincent estavam na cavernosa catedral ressonante do Terminal de Aeronaves de Oklahoma City, onde Olive Llewellyn caminhava um pouco à frente, e notas de música emanavam de um violino ali perto. E também ali, como que por milagre, estava Edwin St. Andrews, o rosto erguido para os ramos/o teto do terminal...

Vincent cambaleou e quase deixou cair a câmara de filmar. Gasperry tinha as

mãos a cobrirem-lhe a boca, para evitar gritar, e então o terminal desapareceu. Uma coisa é saber, no abstrato, que um momento pode corromper outro momento; outra coisa é viver os dois momentos em simultâneo; e outra coisa ainda é desconfiar do seu significado. Vincent olhou desvairadamente em redor, mas Gaspary encontrava-se agachado, e ela não o viu. Ele fechou os olhos, enfiou as mãos na lama e tentou convencer-se de que a água fria que lhe ensopava as calças na zona dos joelhos era real.

Mas o que torna um mundo real?

Gasperry estava deitado de costas na lama, a contemplar as silhuetas das folhas contra o fundo do céu, que começava a escurecer, e parecia-lhe que já ali estava há algum tempo. A noite caía sobre a floresta. Vincent já se fora embora. Sentou-se, com algum esforço — tinha as costas doridas; durante quanto tempo teria ficado estendido no chão, sem se mexer? — e enviou uma mensagem pelo dispositivo: *Vi-o! Vi a corrupção do ficheiro! É real, Zoey.*

Não obteve resposta. Sabia o que tinha feito, sabia que quebrara a regra mais importante ao ter salvado Olive Llewellyn, mas mantinha uma réstia de esperança de que aquela mensagem o pudesse salvar a ele.

Gaspéry regressou ao momento de onde partira, à Sala de Viagens 8 na terceira subcave do Instituto do Tempo, com Zoey sentada à sua frente, no painel de controlo.

— Vi-a — disse Gaspéry. — Vi a anomalia.

— Eu recebi a tua mensagem. — Zoey olhava-o fixamente, e ele percebeu que ela tinha estado a chorar. — Acabei de falar com o Ephrem — disse ela. — Vais ser retirado do programa.

— O que me irá acontecer?

— Nada de bom.

— Tenho a plena noção do que fiz — explicou Gaspéry. — Mas, se concluir a investigação, talvez eles...

— Não me parece que haja alguma coisa que possas fazer para te redimires.

— Mas *talvez* haja. Ouve, só preciso de mais um nível de confirmação, mais uma testemunha. Preciso de mais dois destinos. — Gaspéry saiu da máquina e estendeu-lhe o dispositivo.

Ela olhou para ele e franziu o sobrolho.

— 1918?

— Tenho mais perguntas para fazer ao Edwin St. Andrews.

— Em 1918? Ele experienciou a anomalia em 1912. E o que há em 2007?

— Uma festa em que a Vincent Smith esteve — replicou ele. — Estava numa lista de destinos secundários.

— Mas o teu dispositivo e o teu localizador estão desativados — respondeu ela.

— Zoey — pediu Gaspéry. — Por favor.

Ela fechou os olhos por breves instantes e, em seguida, pegou no dispositivo dele. Estava a digitar algo que ele não conseguia ver e depois aproximou-se da projeção, para a verificação ótica.

— Estou a anular a ordem da tua retirada — explicou ela. A sua voz soava estranhamente uniforme, e ele viu o terror nos olhos dela. — O Ephrem deverá chegar a qualquer instante, acompanhado de forças de segurança. Não te vou

impedir de ires, Gaspéry, mas não te poderei proteger caso regresses.

— Compreendo — respondeu ele. — Obrigado.

Gaspéry ouviu bater à porta no preciso instante em que partiu.

Gaspery emergiu de uma casa de banho na cidade de Nova Iorque, no inverno de 2007, saindo para o calor e para a luminosidade de uma festa numa galeria de arte. Avançou lentamente por entre a multidão, tentando orientar-se. Estava à procura de Vincent Smith. Sabia que ela estaria presente — a presença dela fora introduzida no registo histórico, pois algures nessa divisão havia um fotógrafo da alta sociedade —, mas o que isso significava, em 2007, era que Mirella Kessler também se encontrava presente, e, depois do estranho encontro com ela em 2020, Gaspery esperava evitá-la.

Viu-as juntas ao fundo da sala, admirando uma pintura a óleo em grande escala. Tirou um copo de vinho tinto de um pequeno tabuleiro redondo e foi observar outra pintura, para planear o próximo passo. Sentia-se profundamente incomodado com a multidão. Davam apertos de mãos, algo que, mesmo depois de toda a sua formação em sensibilidade cultural, continuava a parecer-lhe uma coisa estranha de se fazer em plena época de gripe, além de que se beijavam nas faces. Essas pessoas não possuem experiência direta de pandemias, lembrou a si mesmo. Nenhuma delas tem idade suficiente para recordar o inverno de 1918/19; o ébola surgira há poucos anos e permaneceria praticamente confinado ao outro lado do Atlântico, e a COVID-19 só chegaria dali a treze anos. Gaspery começou a deslocar-se lentamente na periferia da sala, na direção de Vincent.

Em 2007, Vincent era endinheirada e possuía um brilho de elegância e autoconfiança que ele não esperaria da criança desamparada de cabelo azul que acabara de ver em Caiette. Estava de braço dado com Mirella, e ambas estavam paradas diante de uma pintura, porém, via agora, não estavam a contemplar a mesma. Falavam num tom conspiratório. Mirella riu-se baixinho. Tinham um ar de inseparabilidade que quase o deixou desesperado. Mas então Vincent afastou-se para ir cumprimentar alguém, enquanto Mirella foi à procura do marido, e Gaspery viu aí a sua oportunidade.

— Vincent?

— Olá! — Ela tinha um sorriso agradável, e ele simpatizou de imediato com

ela.

— Peço desculpa por a incomodar. Estou a levar a cabo uma investigação em nome de um colecionador de arte e queria saber se poderia fazer-lhe uma pergunta rápida sobre os vídeos do seu irmão Paul.

Captara a atenção dela. Vincent arregalou os olhos.

— O meu irmão? Mas não me parece... Não sabia que ele fazia vídeos. Ele é músico. Ou compositor, melhor dizendo.

— Pois, era essa a minha suspeita — disse ele. — Acho que não foi ele quem filmou aqueles vídeos. Acho que foi outra pessoa.

Ela franziu o sobrolho.

— Pode descrevê-los?

— Bem, há um em particular — disse Gaspéry. — O videógrafo estava a atravessar uma floresta. Na Colúmbia Britânica, penso eu. Estava um dia de sol. A julgar pela qualidade da imagem, e diria que deve ter sido algures em meados dos anos 1990.

O olhar sério dela atenuou-se. Gaspéry teve a sensação de estar a realizar uma espécie de hipnose.

— O videógrafo estava a percorrer um trilho — continuou ele —, em direção a um ácer.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu costumava filmar imenso nesse trilho — respondeu.

— Neste vídeo em específico, algo estranho acontece. Vê-se um *flash* qualquer — disse Gaspéry —, tipo, como se tudo ficasse preto por instantes, provavelmente uma falha na fita...

— Pareceu-me ser uma falha — respondeu Vincent —, mas a fita não tinha nada.

— Viu-o?

— Ouvi uns sons estranhos, e ficou tudo escuro.

— O que é que ouviu?

— Música de violino. Depois um som que parecia hidráulico. Não o consegui explicar. — De repente, os olhos dela focaram-se. — Peço desculpa — disse —, mas como disse que se chamava?

O marido de Vincent estava a atravessar a multidão em direção a eles, estendendo um copo de vinho à mulher, e Gaspéry aproveitou esse momento de distração para se afastar. Sentia uma estranha exaltação, que era ao mesmo tempo cansaço e alegria. Tinha uma entrevista a corroborar o incidente, gravada

no seu dispositivo. Tinha as suas próprias observações. Pela primeira vez desde a sua entrevista com Olive Llewellyn, na manhã desse dia estranho e aparentemente infundável, sentiu que talvez não estivesse condenado.

Todavia, Gasperry hesitou à porta da casa de banho dos homens por breves instantes, observando a festa, e a sua alegria desvaneceu. Aí estava a monstruosidade sobre a qual Zoey o avisara, a percepção absolutamente deprimente de como iria terminar a história de toda a gente. Contemplou a sala e, pela primeira vez na vida, Gasperry sentiu-se velho.

Vincent e o marido fizeram um brinde. Dali a catorze meses, Alkaitis seria detido por gerir um esquema Ponzi de grande dimensão, depois seria libertado sob caução e acabaria por apanhar um avião para o Dubai — abandonando Vincent —, onde viveria o resto da sua longa vida numa série de hotéis.

Vincent viveria durante mais doze anos e depois desapareceria do convés de um navio mercante, em circunstâncias misteriosas.

Mirella encontrava-se ali perto, à conversa com o marido, Faisal. Este era investidor no esquema fraudulento de Jonathan, e, quando o esquema ruísse, dali a um ano, perderia tudo, e o mesmo aconteceria aos seus familiares, que tinham investido por sugestão dele. Faisal acabaria por se suicidar.

Mirella encontraria o corpo, acompanhado de um bilhete. Ela permaneceria na cidade de Nova Iorque durante mais de uma década, até que, em março de 2020, viajaria para o Dubai por motivos desconhecidos, chegando mesmo a tempo de ser apanhada na pandemia da COVID-19. Aí conheceria Himesh Chiang, um hóspede no mesmo hotel onde se encontrava acomodada, e, ao fim de algum tempo, os dois regressariam à cidade nativa dele, Londres, onde sobreviveriam à pandemia, casariam e viveriam juntos o resto das suas vidas; ela daria à luz três filhos, teria uma carreira de sucesso na área da gestão de retalho e morreria de pneumonia aos oitenta e cinco anos, um ano depois da morte do marido, num acidente de viação.

Contudo, há tanto que fica de fora de qualquer biografia, de qualquer relato de uma vida. Antes de tudo isso, antes de Mirella ter ficado sem Faisal, antes desta festa nesta cidade junto ao mar, ela fora uma criança em Ohio. Gasperry estremeceu. Estava a pensar na maneira como ela o fitara no parque, em janeiro de 2020. *Você estava debaixo do viaduto*, dissera-lhe ela, com uma certeza terrível, *em Ohio, quando eu era miúda*. E não apenas isso. Dissera inclusivamente que ele fora detido nesse lugar.

Ele tinha pensado em 1918 como o seu último destino. Fizera todos os

esforços para se salvar a si próprio e depois de 1918 iria para casa, para arcar com as consequências. Mas o que percebia agora, enquanto observava Mirella, era que era tarde de mais. Iria para 1918, mas haveria mais um destino depois disso.



REMESSA /
1918, 1990, 2008

Em 1918, Edwin já não tinha irmãos e contava apenas com um pé. Morava com os pais na propriedade da família. Caminhava constantemente, impacientemente, ostensivamente, porque estava a tentar melhorar o passo — fora-lhe colocada uma prótese, pelo que coxeava um pouco —, mas, na verdade, fazia-o porque, caso parasse, o inimigo talvez o apanhasse. Caminhava a todas as horas do dia e da noite. O sono transportava-o infalivelmente de volta às trincheiras, por isso evitava dormir, o que significava que às vezes era apanhado desprevenido: enquanto lia na biblioteca, sentado no jardim, numa ou noutra ocasião durante o jantar.

Os pais não sabiam como falar-lhe ou sequer como olhar para ele. Já não o podiam acusar de indolência, pois era um herói de guerra, mas também uma espécie de inválido. Era evidente para todos que ele não estava bem.

— Mudaste tanto, meu querido — disse-lhe a mãe com carinho, e ele não sabia se era um elogio, uma acusação ou simplesmente uma observação. Nunca tivera muito jeito para perceber as pessoas e agora ainda menos.

— Bem — retorquiu —, vi coisas que preferia não ter visto.

O eufemismo do raio do século xx.

Contudo, sentia mais empatia pela mãe do que antes. Quando Abigail se levantava da mesa do jantar, assim que a conversa se virava para as colónias, e a expressão que, em tempos, os filhos tinham indelicadamente apelidado de a sua «expressão da Índia Britânica» lhe assomava ao rosto, Edwin percebia claramente que ela estava de luto por uma perda. Ele continuava a considerar o Raj indefensável, mas isso não invalidava que a mãe tivesse perdido todo o seu mundo. Não era culpa dela que o mundo em que crescera tivesse deixado de existir.

Às vezes, no jardim, gostava de conversar com Gilbert, embora este estivesse morto. Gilbert e Niall tinham morrido na Batalha de Some, com um dia de intervalo, enquanto Edwin sobrevivera a Passchendaele. Não, *sobrevivera* era a

palavra errada. O corpo animado de Edwin regressara de Passchendaele. Encarava agora o seu corpo em termos estritamente mecânicos. O seu coração batia de uma maneira imortal. Continuava a respirar. Estava em boa forma física, à exceção de ter ficado sem um pé, mas não estava minimamente saudável. Era complicado estar vivo no mundo.

— Não é invulgar — ouviu o médico dizer no corredor à porta do seu quarto, nas primeiras semanas, quando passava os dias deitado na cama. — Os rapazes que foram para lá e que estiveram nas trincheiras, bem, alguns viram coisas que nenhum de nós deveria ver.

Não se entregara por completo à sua condição. Estava a fazer um esforço. Levantava-se e vestia-se todas as manhãs, comia tudo o que lhe punham no prato e depois, esgotadas as forças, passava o resto do dia no jardim. Gostava de se sentar num banco debaixo de uma árvore e de conversar com Gilbert. Sabia que Gilbert não estava lá — não estava assim *tão* demente —, mas não havia mais ninguém com quem conversar. Em tempos tivera amigos, mas agora um estava na China, e todos os outros tinham morrido.

— Agora que tu e o Niall estão mortos — confidenciou ele a Gilbert —, irei herdar o título e a propriedade. Ficou surpreendido ao constatar o pouco que isso lhe interessava.

Foi com alarme que, certa manhã, quando se dirigiu ao jardim murado, viu um homem sentado no banco. Por breves instantes, pensou tratar-se de Gilbert — por essa altura, já tudo lhe parecia possível —, mas, quando se aproximou, a identidade verdadeira do homem era igualmente estranha: tratava-se do impostor que vira naquela pequena igreja na ponta mais ocidental da Colúmbia Britânica, o homem estranho vestido com a indumentária de um padre que ninguém naquele lugar parecia conhecer.

— Por favor — pediu-lhe o homem. — Sente-se. — A mesma pronúncia difícil de identificar.

Edwin sentou-se ao lado dele no banco.

— Pensei que era uma alucinação — disse Edwin. — Quando vi o padre Pike e lhe perguntei sobre o novo padre com quem eu estivera a conversar, o Pike olhou para mim como se eu tivesse duas cabeças.

— O meu nome é Gaspéry-Jacques Roberts — respondeu-lhe o estranho. — Infelizmente só tenho uns minutos, mas queria falar consigo.

— Uns minutos até o quê?

— Um compromisso. Se lhe der os pormenores irá achar que sou lunático.

— Receio bem não estar em condições de julgar a insanidade seja de quem for, mas o que faz aqui, às escondidas, no meu jardim?

Gaspéry hesitou.

— Esteve na Frente Ocidental, não esteve?

Lama. Chuva fria. Uma explosão, luzes encandeantes, coisas a caírem-lhe em cima de todas as direções; então uma dessas coisas acerta-lhe no peito, e, quando baixa o olhar, reconhece o braço do seu melhor amigo...

— Na Bélgica — confirmou Edwin, por entre dentes cerrados.

Na verdade, «amigo» não era a palavra certa para definir o que esse homem significava para si. A coisa que lhe bateu no casaco e lhe caiu aos pés era o braço do seu amado. A cabeça do seu amado aterrou na lama ali perto, os olhos ainda arregalados de surpresa.

— E agora teme pela sua própria sanidade mental — comentou Gaspéry, num tom cauteloso.

— A minha sanidade mental foi sempre um pouco frágil, para ser sincero — replicou Edwin.

— Recorda-se do que viu na floresta em Caiette? Já foi há uns anos.

— Intensamente, mas foi uma alucinação. A primeira de muitas, infelizmente.

Gaspéry ficou em silêncio durante uns segundos.

— Não lhe consigo explicar a mecânica da coisa — disse ele. — Talvez a minha irmã conseguisse, mas a mim ultrapassa-me. Seja o que for que lhe tenha acontecido depois disso, independentemente do que viu na Bélgica, é possível que seja mais são do que pensa. Garanto-lhe que o que viu em Caiette era real.

— Como é que sei que você é real? — perguntou Edwin.

Gaspéry estendeu o braço e tocou no ombro de Edwin. Permaneceram assim durante uns instantes, Edwin a fixar a mão pousada no seu ombro, e depois Gaspéry retirou a mão, e Edwin pigarreou.

— O que eu experienciei em Caiette não pode ter sido real — respondeu Edwin. — Foi uma perturbação dos sentidos.

— Será? Creio que ouviu notas de música de violino, tocada por um músico num terminal de aeronaves no ano 2195.

— Aeronaves... o ano dois mil cento e *quê*?

— Seguido de um som que deve ter-lhe parecido muito estranho. Uma

espécie de sibilo, não foi?

Edwin olhou-o fixamente.

— Como é que sabe?

— Porque é o som das aeronaves — retorquiu Gaspéry. — Só serão inventadas daqui a muito tempo. Quanto à música de violino... uma espécie de canção de embalar, não era? — Calou-se por uns segundos e depois começou a entoar umas notas. Edwin agarrou o braço do banco. — O homem que compôs essa canção só irá nascer daqui a cento e oitenta e nove anos.

— Nada disto é possível — disse Edwin.

Gaspéry suspirou.

— Encare-o como uma espécie de... Bem, uma espécie de corrupção. Momentos no tempo podem corromper-se uns aos outros. Houve uma perturbação, mas não teve nada que ver consigo. É apenas o homem que a testemunhou. Foi muito útil para a minha investigação e, como acho que se encontra numa situação muito delicada, achei que talvez lhe desse alguma paz de espírito saber que é mais sã do que pensa. Nesse momento, pelo menos, não estava a alucinar. Estava a experienciar um instante que pertence a outro ponto do tempo.

Edwin desviou o olhar do rosto do homem, para a ligeira decrepitude do jardim de setembro. As sálvias estavam despidas, na sua maioria, caules castanhos e folhas secas, algumas flores aqui e ali em tons de azul e violeta na luz decrescente. Ocorreu-lhe então a percepção do que a sua vida poderia ser dali em diante: poderia viver calmamente naquele lugar, a cuidar do jardim, e isso talvez acabasse por se revelar suficiente.

— Obrigado por mo ter dito — respondeu Edwin.

— Mas não conte a ninguém. — Gaspéry pôs-se de pé, sacudindo uma folha caída do casaco. — Caso contrário, internam-no num hospício.

— Onde é que vai? — perguntou Edwin.

— Tenho um compromisso em Ohio — replicou Gaspéry. — Boa sorte.

— Ohio?

Porém, Gaspéry já estava a afastar-se, desaparecendo na esquina da casa. Edwin observou-o e depois ficou sentado no banco durante imenso tempo, horas até, a ver o jardim desaparecer no lusco-fusco.

Gaspery dobrou a esquina da casa e, na sombra de um chorão, consultou o dispositivo. Uma mensagem pulsava lentamente no ecrã: *Regressa*. Esgotara os limites do seu itinerário. O único destino possível era voltar para casa. Por instantes, entreteve a ideia louca de se deixar ficar em 1918, enterrando o dispositivo no jardim e arrancando o localizador do braço, arriscando passar por uma pandemia de gripe e tentando encontrar uma vida para si num mundo desconhecido, mas, enquanto o pensava, já estava a introduzir o código e a partir e, quando tornou a abrir os olhos sob a luz intensa do Instituto do Tempo, não ficou nada surpreendido ao deparar com uma série de pessoas presentes, homens e mulheres vestidos com fardas pretas e de armas em riste. A única surpresa, porém, era o facto de a agente publicitária de Olive Llewellyn se encontrar parada ao lado de Ephrem. Eram os únicos que não estavam fardados.

— Aretta?

— Olá, Gaspery — respondeu ela.

— Deixa-te estar, por favor — disse-lhe Ephrem. — Não há necessidade de saíres da máquina. — Ele tinha as mãos unidas atrás das costas. Gaspery deixou-se ficar onde estava. Na parte de trás da divisão (teve de esticar o pescoço para espreitar por cima das fardas pretas), Zoey estava a ser detida por dois homens.

— Nunca me passou pela cabeça... — disse Gaspery, para Aretta.

— Isso é porque sou competente no meu trabalho — replicou Aretta. — Não ando por aí a contar às pessoas que sou uma viajante no tempo.

— Parece-me justo. — Gaspery sentiu-se algo transtornado. — Desculpa — disse ele para Zoey. — Desculpa ter-te enganado. — Mas Zoey já estava a ser levada para fora da sala, a porta a fechar-se atrás dela.

— Enganaste-a? — perguntou Ephrem.

— Disse-lhe que ia a 1918 como parte da investigação. Mas fui só tentar salvar o Edwin St. Andrew de morrer no hospício.

— A sério, Gaspery? Mais um crime? Alguém tem a biografia atualizada?

Aretta estava a olhar para o seu dispositivo com o sobrolho franzido.

— Biografia atualizada — disse ela. — Trinta e cinco dias após a visita do Gasperry, o Edwin St. Andrew morreu na pandemia de gripe de 1918.

— Isso não é a mesma biografia? — Ephrem agarrou no dispositivo dela, leu durante uns instantes e depois devolveu-lho, com um suspiro. — Se não tivesses alterado a cronologia — disse ele para Gasperry —, ele morreria de gripe na mesma, apenas quarenta e oito horas mais tarde e no hospício. Estás a ver como foi absolutamente *em vão*?

— Não percebeste a ideia — replicou Gasperry.

— É possível que não. — Seriam lágrimas nos olhos de Ephrem? Tinha um ar fatigado e tenso. Um homem que preferia ser arborista; um homem numa situação difícil, a levar a cabo uma tarefa difícil. — Há mais alguma coisa que queiras dizer?

— Já chegámos à parte das minhas últimas palavras, Ephrem?

— Bem, as tuas últimas palavras deste século — respondeu Ephrem. — As últimas palavras na Lua. Lamento informar-te de que irás viajar para longe e sem regresso.

— Podes cuidar do meu gato? — perguntou-lhe Gasperry.

— Sim, Gasperry, tomarei conta do teu gato.

— Obrigado.

— Mais alguma coisa?

— Fá-lo-ia outra vez — respondeu Gasperry. — Sem hesitar.

Ephrem suspirou.

— É bom sabê-lo. — Estivera a segurar uma garrafa de vidro atrás das costas. Ergueu-a então e aspergiu algo para o rosto de Gasperry. Este sentiu um cheiro adocicado, as luzes diminuíram de intensidade, e então as pernas de Gasperry cederam...

...Enquanto desaparecia, pareceu-lhe que Ephrem entrara na máquina atrás dele...

...Dois tiros, numa sucessão rápida...

Passos, um homem a fugir...

Gaspery estava num túnel. Luz nas duas extremidades, não apenas luz, mas neve...

Não, não era um túnel, mas um viaduto. Sentia o cheiro do escape dos carros do século XX. Sentia-se muito ensonado, devido à substância com que fora aspergido. Estava de costas voltadas para o talude.

Ephrem também estava presente, calmo e eficiente no seu fato escuro.

— Lamento, Gaspery — disse ele em voz baixa, a respiração quente no ouvido de Gaspery. — A sério que sim. — Tirou o dispositivo da mão de Gaspery e substituiu-o por algo duro, frio e muito mais pesado...

Uma arma. Gaspery fitou-a, com curiosidade, e o homem que fugia a correr — o atirador, percebeu vagamente — desapareceu para longe da vista. Também Ephrem desaparecera, um fantasma de passagem. O ar estava frio.

Ouviu um leve gemido junto ao seu pé. Era-lhe difícil permanecer acordado. Os olhos insistiam em fechar-se. Viu, porém, dois homens estendidos ali perto, dois homens cujo sangue se espalhava pelo chão de cimento, e um deles olhava-o diretamente. Percebia-se uma confusão evidente na expressão do homem — *Quem és tu? De onde apareceste?* —, mas ele estava para lá de conseguir falar, e então Gaspery viu a luz abandonar-lhe o olhar. Gaspery ficou sozinho debaixo de uma autoestrada, com dois mortos. Dormitou, por breves instantes. Quando tornou a abrir os olhos, fitava a arma que segurava na mão, e as peças do quebra-cabeças começavam a encaixar-se. *É possível uma pessoa perder-se no tempo*, dissera Zoey, num século diferente. Para quê darem-se ao trabalho de prender um homem na Lua para o resto da vida, quando esse homem pode ser enviado para outro lugar, incriminado e preso às custas de outrem?

Apercebeu-se de movimento à sua esquerda. Virou a cabeça, muito devagar, e viu as crianças. Duas meninas, com cerca de nove e onze anos, de mãos dadas. Tinham estado a atravessar o viaduto, mas agora estavam paradas a alguma distância, a olhá-lo. Reparou nas mochilas e percebeu que deviam estar a

caminho de casa, vindas da escola.

Gaspery deixou que a arma lhe escorregasse da mão, caindo ali perto, como uma coisa inofensiva. Estava agora banhado de luzes, vermelhas e azuis. As raparigas estavam a observar fixamente os dois mortos. Então a mais nova olhou para ele, e ele reconheceu-a.

— Mirella — exclamou.

Nenhuma estrela brilha para sempre. Gasperry gravou essas palavras numa parede da prisão, anos mais tarde, tão ao de leve que, à distância, parecia tratar-se apenas de uma falha na pintura. Só quem se aproximasse as veria e só quem tivesse vivido no século XXII, ou mais tarde, perceberia o seu significado. Deviam ter assistido à conferência de imprensa no século XXII, a presidente da China em cima de um pódio, rodeada por meia-dúzia dos seus líderes mundiais favoritos, bandeiras a agitar-se contra um céu azul brilhante.

Na prisão havia tempo, um tempo infinito, pelo que Gasperry passava a maior parte dele a pensar no passado, ou melhor, no futuro, nesse ponto no tempo em que entrara no escritório de Zoey, no dia do aniversário dela, com queques e flores, e em tudo o que se seguira. O que acontecera agora era terrível: estava na prisão, no século errado, e aí iria morrer, mas, à medida que os meses iam dando lugar aos anos, constatou que eram poucos os seus arrependimentos. Por muito que matutasse sobre o assunto, não fora errado ter avisado Olive Llewellyn da pandemia iminente. Se alguém está prestes a afogar-se, temos o dever de retirar essa pessoa da água. A sua consciência estava limpa.

— O que escreveste aí, Roberts? — perguntou Hazelton. Tratava-se do seu companheiro de cela, um homem muito mais jovem que andava sempre de um lado para o outro e falava incessantemente. Gasperry não se importava.

— «Nenhuma estrela brilha para sempre» — replicou Gasperry.

Hazelton assentiu com a cabeça.

— Gosto disso — retorquiu. — O poder do pensamento positivo, não é? Estás na prisão, mas não é para sempre, porque nada é *para sempre*, certo? Cá eu, sempre que me vou um bocado abaixo... — Continuou a falar, mas Gasperry deixou de o ouvir. Nos dias que corriam, sentia-se calmo, como nunca imaginara ser possível. Ao início da noite, Gasperry gostava de se sentar na extremidade do seu beliche, quase a cair, pois desse ângulo conseguia ver um pedaço de céu através da janela e enxergar a Lua.



ANOMALIA

Será este o fim prometido?

Uma frase do romance *Marienbad*, de Olive Llewellyn, mas na verdade era uma citação de Shakespeare. Encontrei-o na biblioteca da prisão, cinco ou seis anos depois de cá estar, num livro de capa mole já sem a capa.

Nenhuma estrela brilha para sempre.

Pouco depois do meu sexagésimo aniversário, desenvolvi um problema cardíaco qualquer, o tipo de coisa que poderia facilmente ter sido tratado no meu próprio século, mas que nesta época e lugar era perigoso, por isso fui transferido para o hospital da prisão. Da minha cama não conseguia vislumbrar a Lua, pelo que já só me restava fechar os olhos e passar filmes antigos:

*Ir a pé para a escola na Cidade da Noite,
passando pela casa de infância da Olive Llewellyn
a janela da frente entaipada e a placa;
parado na igreja de Caiette, em 1912, vestido de padre,
à espera de que o Edwin St. Andrew aparecesse;
perseguir esquilos quando tinha cinco anos,
na faixa de mato entre a cúpula da Cidade da Noite e a Periphery Road;
beber com o Ephrem atrás da escola, numa tarde sem luz solar,
quando tínhamos cerca de quinze anos,
uma dessas tardes que pareciam um tanto perigosas,
embora só estivéssemos a ficar ligeiramente embriagados e a contar piadas parvas; com seis
ou sete anos, de mãos dadas e a rir-me com a minha mãe,
num dia de sol na Cidade da Noite,
parando para contemplarmos o rio da ponte pedestre,
o rio escuro e cintilante lá em baixo...*

— Gaspery.

Senti uma dor intensa no braço. Arquejei e quase dei um grito, mas uma mão cobriu-me a boca.

— Chiu — sussurrou Zoey. Parecia estar na casa dos quarenta e poucos, vestida com uma farda de enfermeira, e tinha acabado de arrancar o localizador do meu braço. Fitei-a, sem perceber.

— Vou pôr-te isto debaixo da língua — explicou ela. Ergueu-o no ar, para que o visse: um novo localizador, para funcionar com o dispositivo novo que estava a colocar-me na mão. Correrá a cortina em redor da minha cama.

Encostou o dispositivo ao meu durante um ou dois segundos, até ambos começarem a piscar num padrão coordenado. Olhei fixamente para essas luzes...

...E estávamos numa sala diferente, num lugar diferente.

Eu estava deitado de costas num chão de madeira, num quarto, no que me parecia ser uma espécie de casa antiquada. O meu braço estava a sangrar; num gesto reflexo, encostei-o ao peito. A luz solar entrava por uma janela. Soergui-me. Havia um papel de parede com um padrão de rosas, mobiliário de madeira, e, através da porta, vi uma divisão com um duche e uma sanita.

— Que sítio é este?

— É uma quinta nos arredores de Oklahoma City — replicou ela. — Paguei um balúrdio aos proprietários, por isso podes ficar aqui por tempo indeterminado, como hóspede. O ano é 2172.

— 2172 — repeti. — Portanto, daqui a vinte anos, visitarei Oklahoma City para entrevistar o violinista.

— Sim.

— E como é que tu estás aqui? Com certeza o Instituto do Tempo não aprovou esta viagem.

— Naquele dia fui presa — explicou ela. — No dia em que te mandaram para o Ohio. Estava efetiva, e o meu registo era, à exceção desse incidente, impecável, pelo que não me perderam no tempo, mas passei um ano na prisão e depois imigrei para as Colónias Distantes. O Instituto do Tempo está convencido de que possui a única máquina do tempo em funcionamento. Não é o caso.

— Há uma máquina do tempo nas Colónias Distantes? E tu, o quê, conseguiste usá-la?

— Estou a trabalhar para... outra organização de lá — respondeu ela.

— Sabendo eles o que fizeste?

— Gaspery — disse ela —, não há ninguém melhor do que eu a fazer este trabalho. — Falava num tom descontraído; não estava a gabar-se.

— Continuo sem saber que trabalho é esse.

Ela ignorou o meu comentário.

— Esta missão foi uma das condições para aceitar o cargo nas Colónias

Distantes — disse ela. — Lamento não ter podido vir antes. A um ponto anterior no tempo, quero eu dizer.

— Tudo bem. Quero dizer, obrigado. Obrigado por me teres vindo buscar.

— Acho que aqui estás em segurança, Gasperry. Criei-te registos em papel. Devias instalar-te por cá. Conhecer os vizinhos.

— Não sei como te agradecer, Zoey.

— Terias feito o mesmo por mim. — (O que ficou por dizer: Eu *jamais* poderia fazer o mesmo por ela. Ela estava num nível à parte e sempre estivera.)

— Não sei se nos voltaremos a ver — disse-me a Zoey.

Alguma vez nos tínhamos abraçado? Não me lembrava. Apertou-me com força, por breves instantes, depois deu um passo atrás e desapareceu.

Fiquei sozinho no quarto, mas a palavra *sozinho* não tinha peso suficiente para descrever verdadeiramente a situação em que me encontrava. Não conhecia ninguém nesse século, e o facto de já ter passado por isso de nada servia para apaziguar a minha solidão. Num acesso de falta de lucidez, interroguei-me sobre como estaria Hazelton, mas depois ocorreu-me que o meu companheiro de cela certamente já teria morrido de velhice.

Aproximei-me da janela, meio confuso, e contemplei um mar de verde. A quinta estendia-se quase até ao horizonte, terreno após terreno com robôs agrícolas a deslocarem-se lentamente sob a luz solar. Na distância, vi os pináculos de Oklahoma City. O céu era de um azul deslumbrante.

A quinta era propriedade de um casal mais velho, a Clara e a Mariam, e era gerida por ambas. Estavam na casa dos oitenta e muitos anos e tinham passado as suas vidas nesse lugar. Estavam contentes por terem um hóspede a pagar bom dinheiro, contaram-me logo na primeira noite, durante um jantar de *quiche* e da salada mais fresca que tinha comido em várias décadas, e não me faziam quaisquer perguntas. Acima de tudo, respeitavam a privacidade.

— Obrigado — agradei-lhes.

— A sua irmã deixou-nos os seus documentos de identificação — disse Clara. — A certidão de nascimento e coisas do género. Tratamo-lo pelo nome que está no documento?

— Tratem-me por Gaspéry — respondi. — Por favor.

— Muito bem, Gaspéry — disse Clara —, se alguma vez precisar dos seus documentos, está tudo naquele pequeno armário azul, junto à porta do corredor.

Nos primeiros anos nunca saí da quinta, mas receava que um dia acabaria por ter de o fazer. Quando Mariam adoeceu, Clara levou-a para o hospital, mas quem levaria Clara? Tinham quase noventa anos. *O meu primeiro caso no Instituto envolveu um sósia*, contara-me Ephrem, em tempos, noutra vida inimaginável. *De acordo com o nosso melhor software de reconhecimento facial, a mesma mulher tinha aparecido em fotografias e em vídeos de 1925 e 2093*. Sempre que me imaginava a sair da quinta, pensava que câmaras de videovigilância captariam o meu rosto e fariam disparar uma série de alarmes através dos séculos, com um agente do Instituto do Tempo a chegar para investigar e um sem-fim de horrores. Falei com a Clara, que se informou discretamente junto de um vizinho, que por sua vez tinha um amigo com contactos úteis, e pouco tempo depois estava deitado de costas em cima da mesa da quinta, a fazer uma reconstrução facial a laser e uma recoloração das íris.

Quando passou o efeito do sedativo e me soergui, o cirurgião tinha-se ido embora.

— Uísque? — perguntou Mariam.

— Por favor — respondi.

— Está completamente diferente — disse Clara. Estendeu-me um espelho, e arquejei.

Estava mesmo muito diferente. Mas reconheci o meu rosto.

Mais tarde, nesse mesmo mês, encontrei o violino. Era muito antigo e estava guardado numa caixa ao fundo do armário do corredor; Mariam não o tocava havia muitos anos. Clara combinou umas lições com uma vizinha.

— Ela responde pelo nome de «Lina» — explicou-me Clara, no caminho para lá. — Toda a vida tocou violino, tanto quanto sei. Veio para cá numa situação mais ou menos idêntica à sua, se é que me entende.

Olhei-a de relance. Faria noventa e dois nesse ano, mas o seu perfil continuava pronunciado. Os olhos eram impenetráveis.

— Não fazia ideia — respondi. A minha voz deve ter revelado um tom reprovador, pois Clara olhou-me fixamente por breves instantes, com o seu olhar calmo.

— Sabe que acredito na privacidade — disse ela. — E ela também, ao que parece. Em trinta anos, quase nunca saiu da quinta.

Parámos o carro junto à casa da quinta vizinha — uma monstruosidade cubista cinzenta que podia ter servido de hotel —, e eu estava a pensar nas palavras de Zoey quando me deixara ali, fazia agora quatro anos (*Devias instalarte. Conhecer os vizinhos*) e a perguntar-me por que motivo nunca conseguira interiorizar verdadeiramente nada do que ela me dissera. Saí da carrinha para uma luz solar intensa.

A porta da frente abriu-se, e a mulher que saiu para a rua tinha perto da minha idade, sessenta e poucos anos.

— Bom dia, Gaspéry — disse Talia.

— A tua irmã deve ter-me tirado de lá mesmo a tempo — contou-me a Talia.
— Uma noite, apareceu no hotel, deve ter sido logo a seguir a ela ter saído da prisão, e disse-me que a polícia tinha aberto um ficheiro sobre mim, algo sobre ter partilhado informação confidencial.

— Bem, para dizer a verdade, sempre tiveste a mania de partilhar informação confidencial. — Estávamos sentados no alpendre, na casa da quinta onde ela morava, com os violinos pousados no meio de nós.

— Fui imprudente. Andava a abusar da sorte, foi o que foi. Ela disse-me que estava prestes a mudar-se para as Colónias Distantes e insistiu para que fosse com ela, mas as Colónias Distantes têm um acordo de extradição com a Lua, por isso, quando lá chegámos, sugeriu-me que talvez esse não devesse ser o meu destino final.

— E isso foi há trinta anos?

— Há vinte e seis.

Eu via-o quando olhava para ela, esse quarto de século de vida passado naquela quinta. A sua pele estava mais escura do sol, e ela emanava serenidade.

— Que tal é a vida por lá? — perguntei. — Nas Colónias Distantes.

— São muito bonitas — replicou —, mas não gostei de viver no subterrâneo.

No espaço de um ano, estávamos casados, eu e a Talia, e, quando a Clara e a Mariam morreram, deixaram-nos a quinta.

«É isto», dei por mim a pensar nos anos que se seguiram, nas noites em que eu e a minha mulher tocávamos violino juntos, quando cozinávamos juntos, quando passeávamos nos nossos terrenos, a contemplar os movimentos dos robôs agrícolas, e quando nos sentávamos no alpendre a observar as aeronaves que se erguiam como pirilampos no horizonte por cima de Oklahoma City, «foi isto que o Instituto do Tempo nunca compreendeu: se surgirem provas definitivas de que estamos a viver numa simulação, a reação normal a essa notícia será: *E então?* Uma vida vivida numa simulação não deixa de ser uma vida».

Tinha-se iniciado uma contagem decrescente. Senti-a subliminarmente, em todos os meus dias. Sabia que, em breve, iria mudar-me para Oklahoma City. Estava previsto começar a tocar violino no terminal de aeronaves por volta de 2195. E sabia, porque me lembrava da entrevista, que a minha esposa morreria primeiro.

Calmamente
durante a noite
de um aneurisma
aos setenta e cinco anos de idade.

Quando a Talia partiu, sentei-me sozinho no alpendre todas as noites, durante uns tempos, a observar as aeronaves que se erguiam sobre a cidade distante. O meu cão, *Odie*, deitava-se ao meu lado, a cabeça apoiada nas patas. A princípio pensava que estava a adiar a mudança para a cidade por adorar a quinta, mas certa noite ocorreu-me: Eu *ansiava* por essas luzes. Ao fim de tanto tempo, queria estar novamente rodeado de pessoas.

— Eu levo-te comigo — disse ao *Odie*, que abanou a cauda.

O que alguém — qualquer pessoa! — no Instituto do Tempo deveria ter percebido, tendo em conta quão inteligentes se diziam ser, era que a anomalia era eu. Não, não é justo. Eu *desencadeara* a anomalia. Como é que ninguém percebera que eu estava a entrevistar-me a mim mesmo? Porque, graças à documentação que a Zoey tinha criado, no papel o meu nome era Alan Sami e tinha nascido e vivido numa quinta nos arredores de Oklahoma City.

Observei a anomalia do terminal de aeronaves. Num dia de outubro de 2195, estava a tocar violino, com o meu cão ao meu lado, e reparei em duas pessoas quase em simultâneo.

A Olive Llewellyn ia a atravessar o corredor, arrastando a mala de viagem prateada atrás de si. Não reparou no homem que caminhava na minha direção uns metros à sua frente, mas eu reparei. O homem acabava de sair de uma arrecadação.

Enquanto o homem avançava na minha direção, atravessando-se à frente da Olive Llewellyn, o ar pareceu ondular atrás dele. Não se deu conta, pois estava focado em mim e encontrava-se um pouco ansioso; afinal, era a sua primeira entrevista para o Instituto do Tempo.

Continuei a tocar, agora a transpirar, agarrando-me com todas as forças à minha canção de embalar para a Talia. A ondulação intensificou-se; o *software*, se é que essa era a palavra certa para o definir, o que quer que fosse esse motor desconhecido que mantinha o nosso mundo intacto, estava a esforçar-se para reconciliar a impossibilidade da presença dos meus dois eus. Porém, não era apenas a mesma pessoa no mesmo lugar em simultâneo; o motor, a inteligência, o *software*, fosse o que fosse, detetara um terceiro Gaspery, algures noutro tempo e espaço, na floresta de Caiette, e agora as coisas estavam realmente a desintegrar-se: este momento estava corrompido, mas o mesmo se aplicava a *esse lugar*, esse ponto na floresta onde, em 1912, o Edwin St. Andrew ergueu o olhar para os ramos, onde, em 1994, me escondi atrás dos fetos e observei a Vincent Smith. Via-se uma estranha onda de escuridão atrás do homem que se aproximava, a luz a afastar-se em réplicas ondulantes. Vi-me a mim, ajoelhado,

em 1994, e o Edwin St. Andrew, exatamente no mesmo sítio — estávamos sobrepostos —, e ali perto estava a Vincent Smith, com treze anos e uma máquina de filmar na mão.

Uma aeronave ascendeu num porto próximo, com o seu sibilo inconfundível, e os espectros desapareceram. A corrupção do ficheiro estava a autorreparar-se, os filamentos da simulação tecendo-se novamente em nosso redor, e o Gaspéry-Jacques Roberts, o meu eu mais jovem, novo recruta e investigador desoladoramente inapto do Instituto do Tempo, não se apercebera de nada. Tudo ocorrera nas suas costas. De facto, espreitara por cima do ombro, mas — recordei esse momento — desvalorizara a forte sensação de que algo estava errado como sendo nervosismo de desertor.

Fechei os olhos. Durante todo este tempo, fora eu. A Vincent e o Edwin tinham visto a anomalia porque eu estivera com eles na floresta. Provavelmente não estava suficientemente perto do Edwin para o ter visto eu mesmo, dessa primeira vez, em 1912. Acabei a canção de embalar e ouvi o aplauso do Gaspéry.

Ele pôs-se à minha frente, batendo palmas de uma forma meio desajeitada. Fiquei tão embaraçado por ele — por mim? Por nós? — que tive alguma dificuldade em olhá-lo nos olhos, mas depois consegui. Sentia-me grato pelo facto de o meu cão ter dormido durante a incompetência do meu eu mais jovem.

— Olá — cumprimentou-me ele num tom jovial, com uma pronúncia dissonantemente imperfeita. — Chamo-me Gaspéry-Jacques Roberts. Estou a fazer um trabalho de pesquisa para um historiador de música e queria saber se posso pagar-lhe o almoço.

— Como descreveria a minha vida? — repeti, para ganhar tempo. — Bem, meu rapaz, é uma pergunta complexa. Não sei o que posso dizer-lhe.

— Talvez me pudesse falar um pouco de como são os seus dias. Se não se importar. Olhe que ainda não liguei o gravador. Estamos só à conversa.

Acenei com a cabeça. Decidi confundi-lo. Citar-lhe-ia Shakespeare, pois sabia que ainda não conhecia Shakespeare. Tratá-lo-ia por *meu rapaz*, porque ele detestava que o tratassem dessa maneira, e essa irritação mantê-lo-ia distraído. Traria à baila a minha falecida esposa, pois ele sentia-se embaraçado pelo seu casamento fracassado. Fá-lo-ia sentir-se inseguro em relação à sua pronúncia, pois pronúncias e dialetos tinham sido as suas maiores dificuldades aquando da formação. Mas, primeiro, embalá-lo-ia com a quietude da minha vida.

— Bem — disse-lhe eu. — Passo ali umas horas por dia, a tocar violino, enquanto o meu cão dorme a sesta a meus pés, e os transeuntes passam a correr e me atiram moedas. Deslocam-se a uma velocidade muito pouco natural, os transeuntes. Demorei algum tempo a acostumar-me a isso.

— É daqui da zona? — perguntou o investigador.

— De uma quinta nos arredores da cidade. Morei lá toda a minha vida. Mas, ouça, meu rapaz, quando por fim fiquei a tomar conta da quinta, a agricultura de pequena escala tornara-se essencialmente uma questão de observação. Observamos os robôs a deslocarem-se pelos terrenos. Às vezes mexemos-lhes nos comandos, mas foram bem construídos, basicamente adaptam-se sozinhos, não precisam de nós para nada. Tocamos o violino no meio do terreno, só para nos mantermos ocupados. Na distância, as aeronaves erguem-se à velocidade de pirilampos, mas ao perto são muito mais rápidas.

Quando tocava o meu violino no terminal de aeronaves, às vezes imaginava que era como se as aeronaves estivessem a cair para cima, numa gravidade invertida. Enchiam-se com um carregamento de passageiros de expressões vazias e depois desciam direitas ao céu. Às vezes os transeuntes olhavam na minha direção quando passavam e atiravam moedas para dentro do meu chapéu. Eu via os seus transportes levarem-nos para cima, manhã adentro, para

empregos em Los Angeles, Nairobi, Edimburgo, Pequim. Imaginava as suas almas a deslocarem-se velozmente no céu matinal.

— Quando a minha esposa morreu — contei ao investigador —, mantive a quinta durante mais um ano e depois pensei: que se lixe.

Ele assentia com a cabeça, fingindo-se interessado, tentando não revelar o seu nervosismo, tentando convencer-se de que estava a fazer um bom trabalho. O que não lhe contei: que sentira que sem a Talia talvez fosse desaparecer em pleno ar, sozinho. Só eu, o cão e os robôs da quinta, dia após dia. A palavra «solidão» não era suficientemente forte para o descrever. Todo esse espaço vazio. À noite, sentava-me no alpendre com o meu cão, para fugir do silêncio da casa. A entreter-me com aquela brincadeira de crianças em que fitamos a Lua com os olhos semicerrados e nos convencemos de que vislumbramos os pontos mais luminosos das colónias na superfície da mesma. Na distância para lá dos campos, as luzes da cidade.

— Posso ligar o gravador? — perguntou o investigador.

— Força.

— Pronto, está ligado. Obrigado por ter aceitado falar comigo.

— De nada. Obrigado pelo almoço.

— Ora bem, para efeitos de registo, o senhor é violinista — perguntou-me o meu eu anterior.

Segui o guião.

— Sou, sim — repliquei. — Toco no terminal de aeronaves.

Quando não estava a tocar violino no terminal de aeronaves, gostava de passear o meu cão pelas ruas entre as torres. Nessas ruas, toda a gente se deslocava mais velozmente do que eu, mas o que não sabiam era que eu já me deslocara depressa de mais, longe de mais, e já não tinha qualquer desejo de viajar. Ultimamente tenho pensado imenso sobre o tempo e o movimento, sobre ser um ponto imóvel na corrente incessante.

NOTAS E AGRADECIMENTOS

A citação referida na página 73, «A vida é bela se não desistires», é do romance de 1919 de John Buchan, *Mr. Standfast*.

A sequência do terceiro capítulo, «A última digressão de promoção literária na Terra», nomeadamente o feitiço virar-se contra o feiticeiro — «Os feitiços são sempre maus», página 92 —, é parafraseada de algo que a poetisa norte-americana Kay Ryan me disse quando estávamos num festival literário, em 2015. Porém, os meus apontamentos contemporâneos consistem apenas na frase «nada de bons feitiços», escrevinhada no programa de um festival, por isso peço desculpa por quaisquer erros nessa reminiscência.

A citação no mesmo capítulo do soldado e historiador romano do século II Amiano Marcelino, nomeadamente sobre a Praga Antonina, foi transcrita do Livro XXIII dos seus escritos, que são fascinantes e se encontram disponíveis *online*.

Tenho uma dívida de gratidão para com os livros *Voyages of the Columbia* (editado por Frederic W. Howay) e *Scoundrels, Dreamers and Second Sons: British Remittance Men in the Canadian West*, de Mark Zuehlke.

Muito obrigada à minha agente, Catherine Fausset, e aos seus colegas da Curtis Brown; às minhas editoras — Jennifer Jackson, da Knopf, na cidade de Nova Iorque, Sophie Jonathan, da Picador, em Londres, e Jennifer Lambert, da HarperCollins Canada, em Toronto — e aos respetivos colegas; à minha agente publicitária no Reino Unido, Anna Webber, e aos seus colegas da United Agents; ao Kevin Mandel, à Rachel Fershleiser e à Semi Chellas, por terem lido e comentado os primeiros rascunhos do manuscrito; e à Michelle Jones, a ama da minha filha, por ter cuidado dela enquanto eu escrevia este livro.